

O IMPERIALISMO,
FASE CONTEMPORÂNEA DO CAPITALISMO

JOSÉ LEANDRO FARIAS BENITEZ

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMO REQUISITO À OBTENÇÃO DO TÍTULO
DE MESTRE EM DIREITO

ORIENTADOR: PROFª DRª OLGA MARIA BOSCHI DE AGUIAR

FLORIANÓPOLIS

1990

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO-
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO

A DISSERTAÇÃO **O IMPERIALISMO, FASE**
CONTEMPORÂNEA DO CAPITALISMO

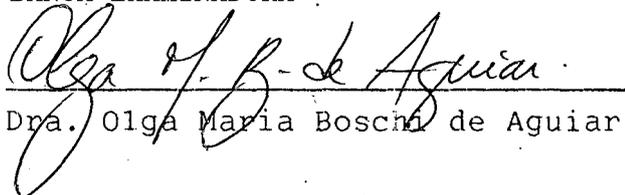
ELABORADA POR **JOSÉ LEANDRO FARIAS BENITEZ**

E APROVADA POR TODOS OS MEMBROS DA BANCA
EXAMINADORA, FOI JULGADA ADEQUADA PARA A OBTENÇÃO
DO TÍTULO DE **MESTRE EM DIREITO**

Florianópolis, 17 de setembro de

1990

BANCA EXAMINADORA


Dra. Olga Maria Boschi de Aguiar

Dr. Nilson Borges. Filho

Msc. Vera Terezinha de Araújo Grillo

PROFESSOR ORIENTADOR:


Dra. Olga Maria Boschi de Aguiar

Ao ET

parte de uma remanescente evanescente alegria

Ao para sempre "O Cara",

Negro Café,

em Viagem cósmica

fazendo Maré

e simplesmente

Karina

"You can do magic..."

You are the one who can put out the fire"...

GLOSSÁRIO

Da-se aqui o significado de alguns termos e siglas não explicados no texto ou de conhecimento importante para sua compreensão.

COLÔNIA: País ou território privado de independência econômica e política, que se encontra sob o poder e a administração de um país estrangeiro.

COMBINAÇÃO; reunião de diferentes tipos de produção em uma só empresa ou grupo destas, onde um produto serve de base (como elemento primário, semiproduto ou componente) de outras produções. É uma forma de concentração da produção

COMPLEXO INDUSTRIAL-MILITAR: associação dos monopólios da indústria de guerra, de parte do aparelho de Estado e de dirigentes das forças armadas. Ele estimula a corrida armamentista, o crescimento da indústria bélica e o desenvolvimento de conflitos armados.

CONGLOMERADO; forma da associação monopolista na qual um controle financeiro único abriga diferentes sociedades sem ligação comum entre si no plano produtivo.

CORPORAÇÃO: outra denominação da sociedade anônima .

DIVERSIFICAÇÃO: investimentos realizados pelas grandes empresas em setores sem relação direta com suas

principais esferas de ação.

ESPECIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO; forma de divisão do trabalho entre empresas e ramos da economia que homogeniza a produção.

INTERNACIONALIZAÇÃO DO CAPITAL: alargamento da esfera de atividade do capital, especialmente do monopolista, fora do âmbito da economia nacional.

MONOPÓLIOS INTERNACIONAIS: monopólios de grande poder econômico cuja esfera de atividade econômica engloba vários países.

NEOCOLONIALISMO: sistema de relações econômicas e políticas desiguais impostas aos países menos desenvolvidos pelas potências imperialistas, aproveitando-se do atraso e da posição de inferioridade daqueles na economia capitalista.

SOCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO: estabelecimento de uma ligação social profunda que se dá simultaneamente à divisão social do trabalho e que se traduz pelo reforço da interdependência das produções e ramos especializados. Suas formas são a concentração e a centralização da produção.

AID - Agência Internacional do Desenvolvimento

BIRD - Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento

CEE - Comunidade Econômica Européia

FMI - Fundo Monetário Internacional

UNCTAD - Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento

NATO - Organização do Tratado do Atlântico Norte

OPEP - Organização dos Países Produtores de Petróleo

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância.

RESUMO

Esta dissertação analisa o imperialismo segundo a teoria criada por Lenin e tenta mostrar a validade desta na interpretação das manifestações contemporâneas do fenômeno.

O método utilizado é o indutivo.

A obra de Lenin "O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo" deu origem à teoria marxista-leninista do imperialismo. Este é caracterizado como resultante da concentração (da produção e do capital, que por sua vez dá origem aos monopólios, agrupamentos que dominam a produção imperialista.

O capital industrial e o capital bancário se unem e formam o capital financeiro, que é utilizado pelos monopólios.

O imperialismo é a última fase do capitalismo antes da revolução.

Os fenômenos do imperialismo que surgiram após tal obra são: a) o capitalismo monopolista de Estado, no qual os interesses dos monopólios e do Estado se fundem;
b) a dependência, que é a submissão dos países menos desenvolvidos às potências imperialistas. Isto é estudado pelas teorias do neo-imperialismo; c) o surgimento de um novo imperialismo, diferente do estudado, por Lenin, caracterizado pelo aparecimento de empresas transnacionais e comando pelos Estados Unidos; d) a crise do sistema imperialista.

No século XX iniciou-se a crise geral do capitalismo, que o leva a uma deteriorização progressiva e irreversível.

As conclusões obtidas neste trabalho são no sentido da validade da teoria leninista para a análise do imperialismo, a importância das teorias do neo-imperialismo na atualização desta e a vigência das concepções leninistas quanto ao imperialismo contemporâneo.

SUMMARY

This dissertation analyses the imperialism according to Lenin's theory and tries to prove the validity of this one in the interpretation of contemporary manifestations of this phenomenon.

The method used is the inductive.

Lenin's work "Imperialism, the Highest Stage of Capitalism" created the marxist-leninist theory of imperialism. This is characterized as the result of production and capital concentration. Then emerge the monopolies, groups that command the imperialism production.

The industrial capital associates with bank capital and form the financial capital, which is used by the monopolies.

The imperialism is the last phase of capitalism before revolution.

The imperialism phenomena appeared after Lenin's work are: a) the State-monopoly capitalism, which join State and monopolies interests; b) the dependence, the submission of less developed countries to imperialist countries. Neo-imperialism theories study this subject; c) the appearance of a new imperialism, different from Lenin's one, characterized by transnational enterprises and by the command of the United States; d) the general crisis of capitalism.

In the 20th century there has begun the general crisis of capitalism, what leads it to a progressive and unavoidable deterioration.

The conclusions of this work are the validity of the leninist theory of imperialism as a way of imperialism analysis, the importance of neo-imperialism theories in order to adapt that theory according to present conditions and the validity of Lenin's ideas to understand contemporary imperialism.

SUMARIO

GLOSSÁRIO	I
RESUMO	VI
SÚMMARY.....	VIII
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I - A TEORIA MARXISTA-LENINISTA DO IMPERIALISMO	04
1.1- Os traços fundamentais do imperialismo	09
1.2- A formação dos monopólios internacionais	19
1.3- A divisão do mundo entre as grandes potências	21
NOTAS	23
CAPÍTULO II - O IMPERIALISMO APÓS A OBRA DE LÊNIN _____ ■.....	26
2.1- As particularidades do imperialismo na etapa atual	29
2.2-0 domínio do capital financeiro	34
2.2-. A exportação de capitais	37
2.4- A partilha politico-territorial do mundo contemporâneo	48
NOTAS	57

CAPÍTULO III - OS FENÔMENOS DO IMPERIALISMO

CONTEMPORÂNEO	59
3.1- O capitalismo monopolista de Estado	60
3.2- O fenômeno da dependência	63
3.2.1.1- Troca desigual. Exportação de capital. Ajuda	71
3.2.1.2- Órgãos mundiais. Transnacionais. Domínio periférico	75
« 3.2.2- Conseqüências do Imperialismo	78
3.3- A crise mundial do sistema imperialista	85
3.3.1- Etapas e traços fundamentais da crise do capitalismo	87
3.3.2- A nova crise de 80-82	94
« NOTAS	96
/	
CAPÍTULO IV - O NOVO IMPERIALISMO' E A HEGEMONIA	
DOS ESTADOS UNIDOS	98
4.1- Aspectos do novo imperialismo	101
4.1.1- Os Grandes Negócios	101
4.1.2- A busca de fontes externas de matérias-primas	105
4.1.3- O novo papel dos Estados Unidos como organizadores e líderes dos sistema imperialista mundial	110
4.1.4- A economia da política externa do império americano	136
NOTAS	146
CONCLUSÃO	148
BIBLIOGRAFIA	155

INTRODUÇÃO

Os acontecimentos da economia e da política internacionais evidenciados nos últimos anos, especialmente a crise do socialismo no leste europeu, suscitam uma profunda reflexão sobre seu significado, ao passo que se mostram capazes de abalar seriamente muitos dos princípios teóricos da filosofia marxista-leninista até então vigentes.

/ A partir disto, tendo como objeto o imperialismo e como objetivo o enfoque deste sob o prisma da teoria leninista do imperialismo e das teorias do neo-imperialismo, é feita uma análise sobre a atualidade das concepções de Lenin para a explicação e entendimento das relações econômico-políticas internacionais no capitalismo de hoje. Com isto pretende-se, muito modestamente, oferecer alguns subsídios iniciais para reflexões futuras de maior alento sobre a questão imperialista e, do mesmo modo, tentar contribuir para uma definição das teses marxistas-leninistas vigentes, diante da problemática que afeta hoje tal sistema filosófico.

Trata-se de uma dissertação em que se trabalha com a pesquisa bibliográfica, e cujo método empregado para a verificação das hipóteses é o indutivo.

Nela são levantados três problemas:

- 1) a validade da teoria marxista-leninista do imperialismo para a análise deste fenômeno;
- 2) a função das teorias do neo-imperialismo;
- 3) a vigência das teses leninista sobre o imperialismo.

Ao longo do desenvolvimento tentar-se-á demonstrar as seguintes hipóteses correlatas:

- 1) a teoria marxista-leninista do imperialismo é válida para a interpretação do fenômeno imperialista;
- 2) as teorias do neo-imperialismo adaptam e atualizam a teoria leninista do imperialismo face as condições atuais do mesmo;
- 3) a teoria leninista do imperialismo mantém-se vigente em seus traços essenciais.

Os pressupostos conceituais e os termos estratégicos utilizados são muito numerosos e de significação técnica, já que, por tratar-se de um trabalho que versa sobre a economia política, é inevitável a incursão, ainda que ligeira, pelo terreno econômico. Por estas razões é que termos-chave como monopólio, capital financeiro, colonialismo, são acompanhados de definições operacionais no próprio texto, em notas explicativas ou ainda no glossário.

1

Duas dificuldades em especial foram encontradas: primeiro, a necessidade do emprego de conhecimentos econômicos que não fazem parte da formação do autor; segundo.

uma certa dificuldade de se encontrar obras que tratassem especificamente do imperialismo norte-americano de maneira geral.

Cinco obras básicas são responsáveis pela estrutura da dissertação:

a) "O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo", de V. I. Lenin. Obra clássica, a principal do trabalho e fornecedora do seu embasamento teórico;

b) "El Imperialismo", de Philippe Braillard e Pierre de Senarclens. Fornecedor da síntese das várias teorias do neo-imperialismo.

c) "Sobre a Obra de V. I. Lenine 'O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo'", de I. Rudakova. Responsável pela ligação da teoria leninista com os dados da economia internacional da atualidade.

d) "O Que Todo Cidadão Precisa Saber Sobre Imperialismo", de E. Costa. Responsável pela parte referente à crise mundial do capitalismo.

e) "A Era do Imperialismo", de Henry Magdoff. Livro que analisa a economia da política externa dos Estados Unidos.

O período histórico abrangido pela dissertação é o compreendido entre as últimas décadas do século passado, aproximadamente, e a primeira metade da década de 80, neste século.

A aprovação do presente trabalho acadêmico não significará o endosso do Professor Orientador, da Banca Examinadora e do CPGD/UFSC à ideologia que o fundamenta ou que nele é exposta.

C A P Í T U L O I

A TEORIA MARXISTA-LENINISTA DO IMPERIALISMO

A abordagem conceitual do imperialismo é uma tarefa em nada fácil . O termo é utilizado numa variedade considerável de sentidos conforme as concepções ideológicas de seus analistas, e envolve uma grande gama de problemas.

A palavra "imperialismo" provém do latim: "imperium", que nesta acepção particular quer dizer poder, domínio. Mas se "império" tem um emprego antiquíssimo, "imperialismo" tem uma utilização bastante recente. Parece surgir pela primeira vez na França na época da Monarquia de Julho (1830-1840) para designar os partidários do bonapartismo, um tipo de regime imperial. é entretanto na Inglaterra, a partir de 1870, que seu emprego ganha impulso, agora referindo-se aos laços da Grã-Bretanha com seu império.

Em fins do século XIX a noção de imperialismo se estende pela Europa como sendo a caracterização da expansão britânica, considerada como uma forma exacerbada de nacionalismo. Em seguida passa a ser associada a qualquer política de expansão colonial.

Em 1902 sai a primeira edição da obra "Imperialism: a Study", de John Hobson, que havia sido enviado como jornalista para a cobertura da guerra anglo-boer, travada entre a Inglaterra e o então Transvaal a partir de 1889. Trata-se da primeira tentativa de estabelecer com rigor as bases teóricas do imperialismo, e sua influência se fez sentir em posteriores obras.

Nos meios socialistas o tema motivou grandes debates durante a II Internacional, iniciada em 1889, e passou a ganhar corpo a definição de como sendo a manifestação da política agressiva das grandes potências. Surgem então várias teorias que relacionam a expansão colonial, iniciada por volta de 1880, e a política de enfrentamento das grandes potências com o desenvolvimento do capitalismo. Destacam-se os trabalhos de Otto Bauer, K. Kautsky, Rudolf Hilferding, Rosa Luxemburgo, N. Bukharin e Lenin. Os estudos realizados por Rosa Luxemburgo e Lênin são considerados por alguns como os que mais aprofundaram o tema, especialmente os deste último, alicerçados numa consistente análise científica. Isto aliado a sua trajetória política fazem com que a sua obra seja a mais conhecida.

Imediatamente após a I Guerra Mundial o economista norte-americano Joseph Schumpeter deu origem a uma nova concepção que via no imperialismo a conduta expansionista de um Estado além de seus limites, independente de qualquer vinculação com o capitalismo. Isto se deu em meio à repercussão mundial obtida pela Revolução Russa e ao grande incremento na receptividade das idéias que a embasaram. Este poderoso fenômeno fez com que, desde 1920 até

os dias de hoje, o conceito de imperialismo fosse empregado de maneira reticente e até mesmo retraída no seio do pensamento não marxista. Alguns autores passaram a servir-se do termo apenas para aludir à expansão colonial do fim do século XIX, levado a efeito pelas principais potências capitalistas de então; Grã-Bretanha, França, Alemanha, entre outras.

Pelas mesmas razões e por julgá-lo capaz de explicar apenas alguns fatos parciais da política mundial o conceito de imperialismo não é referido com muita frequência na análise das relações internacionais contemporâneas, uma vez que passou a ser quase que estigmatizado pelos pensadores não marxistas sob o argumento de estar impregnado de uma grande carga emocional e ideológica.

.Não obstante, o pensamento leninista continuou a influir nos meios científicos. Nos anos 50 brota um pensamento neo-marxista que põe em questão a realidade da descolonização e trata de evidenciar a sobrevivência do imperialismo nas relações internacionais contemporâneas. Ela enfatiza a relação de dependência do Terceiro Mundo para com os países capitalistas industrializados e estabelece um vínculo entre imperialismo e subdesenvolvimento.

A maioria das teorias sobre o imperialismo se concentra em dois momentos bastante nítidos: fins do século XIX e início deste e no período após a descolonização, iniciado após a II Guerra Mundial. Por opção metodológica e por julgarmos ser Lênin o primeiro estudioso a apreender de maneira mais completa os fatores e a real dimensão do fenómeno, relativamente ao primeiro período estudar-se-á a concepção leninista do imperialismo, quanto ao segundo.

serão objeto de análise as teorias do neo-imperialismo e as obras de alguns de seus principais representantes. A abordagem do tema resulta do consumado corte entre teorias marxistas e não marxistas do imperialismo, e uma vez que qualquer definição traz um modelo explicativo do mesmo, torna-se impossível o seu tratamento como um fenômeno em si. Apesar de Marx não ter tratado a questão, tal divisão se justifica porque a matriz teórica dos importantes trabalhos (os de Rosa Luxemburgo, Lenin e Hilferding, entre outros) se calcam nas idéias daquele filósofo alemão.

O imperialismo escapa ao marco histórico e aos referenciais teóricos de Marx. Este morreu em 1883, enquanto que o colonialismo, a política de conquista e pilhagem das potências capitalistas exercida sobre os países menos desenvolvidos, teve início por volta de 1880, intensificando-se segundo Hobson^{^^} entre 1884 e 1900, e consolidando-se justamente na virada do século, quando havia terminado a partilha do mundo entre aquelas potências (Grã-Bretanha, França, Alemanha, Estados Unidos, Itália, Japão, Países Baixos, Espanha e Portugal), e 3/5 do globo eram controlados diretamente por elas.

Em sua obra clássica "O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo", Lênin fez um balanço do desenvolvimento do capitalismo desde a publicação do livro I de "O Capital", em 1867, desenvolvendo criadoramente o método marxista nas novas condições dessa formação sócio-econômica.

Lenin, idêntico aos demais autores marxistas, não reduz o imperialismo simplesmente à expansão colonial e conquista do século XIX, mas o vê como um fenô-

meno de evolução do capitalismo. Ele o caracterizou como o domínio dos monopólios, a fase em que se aguçam todas as contradições desse modo de produção, entre o trabalho e o capital, entre as relações de produção e as forças produtivas, entre os povos oprimidos e a burguesia monopolista e entre os próprios países imperialistas. "Se fosse necessário dar uma definição o mais breve possível do imperialismo dever-se-ia dizer que o imperialismo é a fase monopolista do capitalismo." "Isto ⁽⁰⁾* determina já o lugar histórico do imperialismo, pois o monopólio (...) é a transição do capitalismo para uma estrutura econômica e social elevada." / 0 † Esta estrutura é o socialismo, e o imperialismo é a última fase antes do seu advento, é a antecâmara do mesmo, é o capitalismo em seu estertor, em degradação. /

O parasitismo também é uma característica do imperialismo. Os monopólios, ao fixarem preços, fazem desaparecer até certo ponto os estímulos ao progresso técnico, gerando uma tendência para a estagnação e a decomposição e abrindo a possibilidade econômica de conter o avanço da técnica. Ocorre a partir disso um enorme impulso a todos os fenômenos próprios do capitalismo: a especulação financeira, o jogo na bolsa e a especulação imobiliária, com o conseqüente incremento de uma classe de indivíduos privilegiados economicamente, os quais vivem de rendimentos, não participam de empresas e se dedicam à ociosidade. Do ponto de vista político, Lenin definiu o lugar histórico do imperialismo ressaltando suas três particularidades centrais como sendo: o capitalismo monopolista, o capitalismo parasitário ou em decomposição e o capitalismo agonizante .

Do ponto de vista econômico, ele delineou os cinco traços fundamentais do imperialismo.

"1) A concentração da produção e do capital levada a um grau tão elevado do desenvolvimento que criou os monopólios, os quais desempenham um papel decisivo na vida econômica; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial e a criação, com base nesse 'capital financeiro', da oligarquia financeira; 3) a exportação de capitais, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire uma importância extremamente grande; 4) a formação de associações monopolistas internacionais de capitalistas, que partilham o mundo entre si; 5) a partilha territorial do mundo entre grandes potências capitalistas mais importantes. O imperialismo é o capitalismo na fase de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu importância assinalável a exportação de capitais, começou a partilha do mundo pelos 'trusts' internacionais e terminou a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes" (A-)

1.1- Os traços fundamentais do imperialismo

Marx já havia afirmado que a 'tendência para a concentração era ínsita à dinâmica da concorrência capitalista. Com base nisto Lênin estabeleceu 'que o aumento da concentração da produção e do capital a um grau elevado conduz ao monopólio. Este processo é completado pelo da centralização do capital, que é a reunião de vários capitais em um só. Marx observou que o capital se acumula de

maneira desigual nas diferentes empresas, o que acarreta uma eliminação progressiva das mais fracas e, conseqüentemente, uma concentração do capital e o desaparecimento da concorrência. Por outro lado acrescenta Bukharin que: "Uma forte concentração de capital acelera a absorção das empresas mais fracas e, inversamente, a centralização faz crescer a acumulação do capital e, conseqüentemente, agrava o processo de concentração^^ A concentração e a centralização da produção traduzem-se por uma concentração da produção, ou seja, "o engrandecimento das empresas de produção, reunião nas empresas de um número cada vez maior de operários, de quantidades crescentes de equipamentos". (7)

Na virada do século, na Alemanha, as grandes empresas pertencentes a vários ramos representavam 0,9% do total de todas as empresas alemãs. Nelas estavam empregados 5.700.000 operários, num total de 14.400.000, quer dizer 39,4%. Menos da centésima parte das empresas tinham 3/4 da quantidade total da força motriz a vapor e elétrica. Nos Estados Unidos, em 1909, 1,1% das empresas empregava 30,5% dos operários e detinha 43,8% da produção anual. Uma centésima parte do total das empresas tinha em suas mãos quase metade da produção global do país.^^

Com base nestes e em outros dados Lênin concluiu que a concentração, ao atingir determinado grau, conduz ao monopólio.

«

Um dos fatores fundamentais no processo de concentração da produção foi a incorporação às empresas mais poderosas das grandes inovações científicas da época, como a descoberta da energia elétrica, a invenção de novos tipos de motores e de novos métodos de fundição do aço, en-

tre muitas outras. Deu-se, por consequência, um grande incremento das forças produtivas que levou à ruína ou obrigou à incorporação às grandes empresas todos os capitalistas que não puderam resistir às mudanças. Assim em cada setor da economia foram surgindo companhias-líderes, um reduzido grupo de empresas que passaram a determinar a produção e o seu destino.

É o ,-nascimento dos monopólios, que podem ser definidos como "agrupamentos, pactos ou associações de capitalistas que se constituíram a partir de um nível elevado de concentração da produção e do capital, constituindo a primeira característica do imperialismo. Surgindo em todos os setores da economia capitalista (indústria, comércio, transporte e bancos) os grandes monopólios concentram em suas mãos uma parte importante da produção e da comercialização, assim como do financiamento destas." (9)

Com a formação dos monopólios torna-se muito fácil a celebração de acordos entre eles para a elevação dos preços das mercadorias e a fixação das condições de comercialização.

Logo após a sua formação os monopólios se alastram pelos diversos ramos da economia e, no desenrolar do processo, com o fim de maximizar seus recursos, assumem a forma de cartéis, trustes, sindicatos patronais e consórcios. As empresas cartelizadas conservam a autonomia interna e a autonomia produtiva. Para vencer a competição, além das condições técnicas os cartéis combatem os "outsiders" (empresários que não participam do cartel) de várias maneiras: 1) privação de matérias-primas (um dos pro-

cedimentos mais importantes para obrigar a entrar no cartel); 2) privação de mão-de-obra através de alianças (por intermédio de acordos entre os capitalistas e os sindicatos operários para que estes só aceitem trabalho nas empresas agrupadas em cartel); 3) privação de meios de transporte, de possibilidades de crédito e de venda; 4) acordos para que os compradores mantenham relações comerciais com os cartéis; 5) diminuição sistemática dos preços (com o objetivo de englobar os "outsiders" vendem-se mercadorias a preço abaixo do custo); 6) declaração de boicote. Truste é um agrupamento monopolista em que os integrantes perdem a independência produtiva, comercial e jurídica, passando a ser dirigidos por uma companhia especial, a "holding company", ou por uma das maiores empresas que o constituem. Os sócios do truste convertem-se em acionistas deste. Sindicato patronal é uma aliança de capitalistas que lhes acarreta a perda de independência na comercialização sem entretanto afetar a autonomia produtiva. A compra e a venda de matérias-primas é efetuada por um organismo central. Consórcio é a forma mais complexa de agrupamento monopolista. Sua característica fundamental é a de que sua base associativa é o sistema de participações, no qual as empresas integrantes conservam formalmente a independência, apesar de que o controle real é exercido por uma companhia principal que detém o poder acionário. Lênin afirma que nas mãos dos cartéis e trustes concentram-se freqüentemente 70 a 80% da produção global de um certo ramo industrial.

"As fases da história dos monopólios são assim resumidas: 1) anos 1860-1880: ponto culminante do desenvolvimento da livre concorrência. Os monopólios não são mais do que germes imperceptíveis; 2) após a crise de

1873, período de grande desenvolvimento dos cartéis; no entanto, eles são ainda apenas a exceção. Apresentam ainda falta de estabilidade. Tem um caráter passageiro; 3) auge de fins de século XIX e crise de 1900-1903: os cartéis passam a ser uma das bases de toda a vida econômica. O capitalismo transformou-se em imperialismo,⁽¹²⁾

Constata-se então que no início do século XX o novo capitalismo - o imperialismo - havia substituído já o antigo - o da livre concorrência.

Um dos fenômenos característico do capitalismo da época dos monopólios é a "combinação", ou seja, a reunião em uma só empresa de vários ramos industriais que ou constituem etapas sucessivas de transformação de uma matéria-prima ou desempenham um papel auxiliar uns em relação aos outros (como a utilização dos resíduos ou dos produtos secundários, a produção de embalagens, etc.)

"A combinação - escreve Hilferding - nivela as diferenças de conjuntura e garante assim à empresa combinada uma taxa de lucro mais estável. Em segundo lugar, a combinação elimina o comércio. Em terceiro lugar, permite aperfeiçoamentos técnicos e» conseqüentemente, a obtenção de lucros suplementares em relação às empresas 'simples' (isto é, não combinadas). Em quarto lugar, reforça a posição da empresa 'simples' na luta concorrencial que se desencadeia durante as fortes depressões (paralisação dos* negócios, crise), quando os preços das matérias-primas descem menos do que os preços dos artigos manufaturados." ⁽¹³⁾

Lênin considerava a transformação da concorrência em monopólios um dos fenômenos mais importantes - senão o

mais importante - do capitalismo contemporâneo. Com isto nasce a fase imperialista do capitalismo e efetiva-se a socialização integral da produção em todos os seus aspectos. Esta última pode ser definida da seguinte maneira:

“Quando uma grande empresa se transforma em gigante e se organiza sistematicamente, apoiando-se num cálculo exato e numa multidão de dados o abastecimento de 2/3 ou 3/4 das matérias-primas necessárias a uma população de várias dezenas de milhões; quando se organiza sistematicamente o transporte das referidas matérias-primas para os pontos de produção mais cômodos (...); quando, a partir de um centro, se dirige a transformação sucessiva do material em todas as suas diversas fases, até obter produtos manufaturados; quando a distribuição desses produtos se efetua segundo um plano único a dezenas e centenas de milhões de consumidores (...), então percebe-se com evidência que nos encontramos perante uma socialização da produção .

Socializa-se a produção mas a apropriação continua a ser privada.

No setor bancário também ocorreu um processo de concentração de capital do qual resultaram monopólios a partir do século XIX. A formação dos mesmos na área bancária se deu por processo idêntico e simultaneamente à formação dos da área industrial, salvo uma ligeira precedência daqueles.

Inicialmente os bancos limitavam suas atividades basicamente à intermediação de pagamentos. Ao crescerem, passaram a participar de operações financeiras volumosas e lucrativas, como empréstimos públicos, e a pactuar com outros

bancos de similar condição. Concentram-se a seguir em um pequeno número de estabelecimentos, transformando-se de meros intermediários em gigantes monopolistas, que detêm a maior parte do capital monetário. No período 1907-1908, *Alt* dos depósitos pertenciam aos nove grandes bancos berlinenses, na Alemanha. Em fins de 1909 estes nove, com os bancos a eles ligados, detinham 83% de todo o capital bancário.^^ Os grandes bancos passam então a eliminar os pequenos.

A concentração na indústria levou as grandes empresas a evitar fazer depósitos em bancos de pequeno porte, que via de regra não dispunham de capitais suficientes para garantir recursos depositados nem possuíam os capitais de que as grandes empresas necessitavam. A concentração industrial passou a exigir grandes inversões em capital fixo (máquinas, instalações), cujos créditos só eram proveitosos se concedidos por longo prazo, pela necessidade de maturação dos investimentos. A concessão de empréstimos requeria, por uma questão de segurança, uma análise em pormenor das condições econômicas das empresas. Isto aliado ao agigantamento das operações financeiras e do movimento das contas correntes fez com que os bancos passassem a conhecer com exatidão a situação dos distintos capitalistas, posteriormente controlando-os e exercendo influência sobre eles ao ampliar, reduzir, facilitar ou dificultar créditos, até chegar ao ponto de decidir totalmente sobre o destino dos mesmos, determinando a sua rentabilidade para mais ou para menos ou privando-os do capital. Com a concentração dos bancos restringia-se o círculo de estabelecimentos dos quais se podia obter créditos, aumentando assim o grau de dependência da indústria, restringindo sua liberdade. Esta su-

jeição evidencia claramente o novo papel que os bancos passaram a desempenhar. Como resultado do conhecimento detalhado da situação econômica de cada empresa industrial ou comercial devido à natureza "das operações financeiras exercida e da necessidade vital de aquelas obterem recursos para investimentos, opera-se uma "união pessoal" dos bancos com as maiores empresas. Não satisfeitos com os lucros dos empréstimos, os grandes estabelecimentos bancários começaram a investir nas sabidamente mais rentáveis. Os monopolistas industriais não tiveram uma conduta passiva e em contrapartida adquiriram ações dos bancos. Em alguns casos ambas as partes se fundiam para a compra de ações; diretores de um e outro lado participavam dos conselhos de administração. A "união pessoal" dos bancos com a indústria se completa com a "união pessoal" das sociedades monopolistas com o governo. Cargos administrativos são confiados a personalidades importantes do mundo dos negócios e a antigos funcionários do estado com o fim de facilitar as relações com as autoridades.

Neste quadro de grande inter-relação os bancos investem seus capitais pesadamente na indústria. Este capital que se transforma em industrial forma o que se chama de "capital financeiro", noção criada por Hilferding e empregada por Lenin em sua obra. O capital financeiro é portanto "um capital de que os bancos dispõem e que os industriais utilizam", ^ ^ ^ ^

"Concentração da produção; monopólios que dela resultam; fusão ou interpenetração' dos bancos com a indústria: tal é história do aparecimento do capital financeiro e do conteúdo* deste conceito". (17)

Uma particularidade importante que se apresenta a partir do capital financeiro é o "sistema de participação", segundo o qual basta a posse de uma fração relativamente pequena das ações para gerir as atividades de uma sociedade anônima. Lenin diz que para isto basta 40% das ações, pois na prática muitos acionistas estão dispersos e não podem atender às assembléias-gerais.^^ Uma sociedade base reina sobre outras sociedades, que por sua vez reinam sobre "sociedades netas". "Se a posse de 50% do capital é sempre suficiente para controlar uma sociedade por ações, basta

que o dirigente possua apenas um milhão para controlar dezesseis milhões, trinta e dois milhões, etc." (1Q) Referindo-se às proporções que o "sistema de participações" alcançou nos bancos russos, Lenin afirma que do total aproximado de 4 bilhões de rublos que constituíam o capital "ativo" dos grandes bancos, mais de 3/4 correspondiam a bancos que na realidade eram filiais dos bancos estrangeiros..^^

O capital financeiro imbrica-se com os objetivos do Estado, que se encarrega de defender os interesses dos grandes monopólios, concede-lhes empréstimos, consolida o domínio da oligarquia financeira e impõe à sociedade um pesado fardo. por conta disso.

No início do século , a Inglaterra, os EUA, a França e a Alemanha possuíam 80% do capital financeiro niun-

"O Imperialismo, ou domínio do capital financeiro, é o capitalismo no seu mais elevado grau". { 2 ?) * século XX se dá a passagem do velho capitalismo para o novo; da dominação do capital em geral para o capital financeiro.

No início deste século deu-se a formação dos monopólios. Inicialmente formaram-se uniões monopolistas de capitalistas em todos os países desenvolvidos; posteriormente adveio a situação monopolista de umas poucas nações muito ricas, nas quais a acumulação de capital havia alcançado proporções gigantescas, originando um enorme excedente de capital.

Esse excedente não era investido na melhoria do nível de vida das classes trabalhadoras, pois isto representava uma diminuição nos lucros. No início do século XX o capital dirige-se então para o exterior, tendo como destinatários os países atrasados, onde o lucro é mais elevado, pois os capitais são escassos, o preço das terras e os salários relativamente baixos e as matérias-primas baratas. Essa arremetida obedeceu ao fato de que em países como a Inglaterra, França e Alemanha o capitalismo, havia amadurecido excessivamente e o capital, devido ao precário desenvolvimento da agricultura e á miserabilidade da população, não encontrava campo para ser colocado lucrativamente.

Os países mercadores de dinheiro, em troca de empréstimos instantemente pedidos, obtinham uma série de vantagens paralelas, como cláusulas favoráveis em tratados de comércio, concessões lucrativas ou encargos de gastar-se uma parte daqueles em compra de produtos do país credor, como armamentos, barcos, etc. A exportação de capitais torna-se um meio de estimular a exportação de mercadorias. (23)

Instalam-se no estrangeiro grandes empresas, principalmente de extração de matérias-primas, assegurando o controle e* fornecimento destas, fundamentais para a produ-

ção industrial dos países imperialistas. As mercadorias eram obtidas a custo muito baixos, em boa parte por ser a mão-de-obra barata. (24)

"A Inglaterra e a Alemanha investiram, durante os últimos 25 anos. na Argentina, no Brasil e no Uruguai aproximadamente 4 bilhões de dólares, o que faz com que beneficiem de 46% do conjunto do comércio destes três países".

O capital financeiro lança suas redes sobre todo o globo, acelerando extraordinariamente o capitalismo e desenvolvendo-o em profundidade e extensão. Neste aspecto têm um compreensível e fundamental papel os bancos que se instalam como sucursais nas colônias e demais países.

O antigo capitalismo, da livre concorrência e dominado pela exportação de mercadorias, assume uma feição nova, sob o império do monopólio e caracterizado pela exportação de capitais.

1.2- A formação dos monopólios internacionais

No regime capitalista o mercado, interno está necessariamente ligado ao externo. A partir disto, após a repartição entre si dos mercados internos de forma a apoderarem-se de maneira mais ou menos absoluta de toda a produção de uma país, os grandes monopólios passam a lutar pelos mercados mundiais. Fazem-se acordos para a divisão dos mercados. Nasce as associações monopolistas internacionais. "À medida que aumentava a exportação de capitais e que se foram alargando, sob todas as formas, as relações com o estrangeiro, com as colônias e com as 'esferas de influência'

dos maiores grupos monopolistas, a marcha 'natural' das coisas levou estes a um acordo universal, à formação de cartéis internacionais".^^ Neste momento formam-se ps grandes trustes, que monopolizam a produção de matérias-primas na órbita mundial. A concorrência entre estes trustes é muito prejudicial para os preços e taxas de lucro, o que os levou a estabelecerem acordos internacionais no sentido de fixar e limitar a produção total, reservando para cada sócio uma fração da mesma, dividindo o mercado em zonas de venda exclusiva e de apropriação exclusiva de matérias-primas. Este novo grau de concentração do capital e da produção é infinitamente maior do que os precedentes, quer dizer, o controle dos monopólios em nível internacional é muitíssimo superior ao controle monopolista nos próprios países de origem.

Em 1907 estabeleceu-se um acordo entre dois trustes da indústria de energia elétrica dos Estados Unidos e da Alemanha, suprimindo a concorrência. De um lado, a General Electric Company coube os Estados Unidos e o Canadá; de outro, a AEG (Sociedade Geral de Eletricidade) ficou com a Alemanha, Áustria, Rússia, Holanda, Dinamarca, Suíça, Turquia e os Balcãs. Era impossível encontrar na época uma sociedade elétrica no resto do mundo que fosse inteiramente independente de qualquer uma delas. (21)

Os capitalistas partilham o mundo porque a concentração da produção atinge um tal nível que se torna obrigatório seguir por esse caminho a fim de manterem os lucros. "E repartem-no 'proporcionalmente ao capital', 'segundo a força de cada um'".' A (28) força varia, por sua vez, segundo

O grau de desenvolvimento econômico e político. É impossível outra forma de divisão no sistema da produção mercantil e no capitalismo.

1.3- A divisão do mundo entre as grandes potências

O ápice do desenvolvimento do capitalismo pré-monopolista, o capitalismo da livre concorrência, vai 1800 a 1880. Exatamente depois desse período inicia a busca da conquista de colônias por parte das grandes potências. Há uma nítida relação entre a passagem do capitalismo para a sua fase monopolista e a exacerbação da luta pela partilha do mundo.

Na virada dos séculos XIX e XX já estava consumada a divisão do mundo, com a conquista de todas as terras não ocupadas existentes. A Europa controlava 3/5 do planeta. Os principais países colonialistas, em ordem decrescente, eram Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica e Portugal. Imediatamente antes da I Guerra Mundial a Inglaterra, com um território de 300.000 quilômetros quadrados, em que viviam 46,5 milhões de habitantes, dominava 33,5 milhões de quilômetros quadrados e 393,5 milhões de pessoas. A França, com um território de 500.000 quilômetros quadrados e 39,6 milhões de habitantes controlava 10,6 milhões de quilômetros quadrados e 55,5 milhões de indivíduos. A Alemanha, com um território de 500.000 quilômetros quadrados e 64,9 milhões de habitantes tinha sob seu poder, mesmo chegando mais tarde ao processo, 2,9 milhões de quilômetros quadrados e 12,3 milhões de habitantes.^^ Toda a África e a grande parte da Ásia estavam submetidas ao imperialismo.

Quanto mais desenvolvido está o capitalismo, maior a intensidade da luta pela aquisição de colônias. Nesta linha de pensamento a exportação de capitais também é um fator que compele à dominação dos outros países, uma vez que esta é a única maneira segura de êxito dos monopólios, atingido através da supressão dos competidores e a consecução de mercados para a venda de produtos, fontes de matérias-primas, campos de aplicação do capital e fontes de rendimentos monetários. Para o capital financeiro não interessavam apenas as fontes de matérias-primas e riquezas minerais já descobertas (geralmente encontradas nas colônias), mas as possíveis de o serem, pois no futuro poderiam revelar-se úteis mediante a aplicação de novos recursos técnicos. É por isso que ele procura apropriar-se da maior extensão territorial possível, tendo em vista as fontes potenciais de matérias-primas e temendo sofrer desvantagem na aquisição de terras ainda não repartidas ou na nova partilha de terras já divididas. A força do capital financeiro subjuga inclusive os estados independentes politicamente. No entanto o momento histórico ditava que a aplicação mais lucrativa e cômoda para o mesmo devia dar-se mediante a supressão da independência política dos povos submetidos.

Á política colonial e o imperialismo existiam antes da fase monopolista do capitalismo e mesmo antes deste, como era o caso da antiga Roma. Contudo é impossível estabelecer-se qualquer paralelo entre anteriores formações econômicas e o novo capitalismo, dadas as marcantes características deste. O regime romano e este último aproximam-se entretanto em um aspecto: ambos empreendem a dominação. Aquele através da escravatura; este, por meio do capital financeiro .

NOTAS

(1) LÊNIN, Vladimir Ilyich. O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo, p. 98.

(2) LÊNIN, idem, p. 110.

(3) LÊNIN, idem, p. 151.

(4) LÊNIN, idem, p. 111 .

(5) Concentração do capital é o aumento deste pela capitalização da mais-valia resultante da exploração do trabalho assalariado, o que aumenta a esfera de aplicação (produção, operações bancárias, etc). Portanto, concentração do capital é o crescimento das empresas mediante a incorporação da mais-valia extraída dos operários.

(6) COSTA, Edmilson. O Que Todo Cidadão Precisa Saber Sobre o Imperialismo, p.11.

(7) PEQUENO DICIONÁRIO POLÍTICO, Verbete "concentração da produção".

(8) LÊNIN, op. cit. p. 22 e 24.

j ' ' ;, . : ;
T !, f i r

(9) PEQUENO DICIONÁRIO POLÍTICO, cit., "monopólio".

(10) Cartel é agrupamento de monopólios que produzem mercadorias semelhantes. Estabelecem acordos de preços, condições de venda, prazos de pagamento, partilham os mercados de venda, determinam a contratação da mão-de-obra, fixam a quantidade de produtos a fabricar, distribuem os lucros entre as diferentes empresas, etc.

- (11) LÊNIN, op. cit. p. 30.
- (12) LÊNIN, idem, p. 29.
- (13) LÊNIN, idem. p- 25.
- (14) LÊNIN, idem. p. 156.
- (15) LÊNIN, idem, p. 41 .
- (16) LÊNIN, idem, p- 61 .
- (17) LÊNIN, idem. p. 62.
- (18) LÊNIN, idem. p. 63.
- (19) LÊNIN, idem, p. 62.
- (20) LÊNIN, idem. p- f .
- (21) LÊNIN, idem, p. 68.
- (22) LÊNIN, idem, p. 76.

(23) "Num relatório do cônsul austro-húngaro

encontrava-se escrito: 'A construção de ferrovias brasileiras realiza-se, na sua maior parte, com capitais franceses, belgas, britânicos e alemães; os referidos países, ao efetuarem-se as operações financeiras relacionadas com a construção de ferrovias, reservam-se as encomendas de materiais de construção ferroviária". In CATANI, Afrânio M. O Que é Imperialismo. p. 33.

(24) O processo se deu de maneira idêntica no Brasil, cujas relações de troca já estavam inseridas em uma economia internacional que tinha então como centro a Europa Ocidental. O intercâmbio de produtos agrícolas e matérias-primas foi se transformando num comércio mais amplo, caracterizado por um ingresso de produtos manufaturados produzidos no centro e uma equivalente saída de matérias-primas e minérios. A obtenção mais fácil de matérias-primas, a busca de mercados e a mão-de-obra barata eram os fatores que.

mesmo isolados, ensejavam a instalação de unidades produtivas no estrangeiro. No Brasil existiam os três, o que atraiu o capital financeiro.

Em 1929 o capital estrangeiro controlava 23% do capital que funcionava no Brasil. Em 1975 detinha 1/3 do capital industrial. Em 1982 os monopólios internacionais respondiam por 45,2% das vendas no país. Isto gerou um problema que tem causas estruturais históricas e é responsável, junto com o baixo nível de integração social, pela crise brasileira atual: o alto grau de dependência externa.

(25) LÊNIN, op. cit. p. 84.

(26) LÊNIN, idem. p. 85.

(27) LÊNIN, idem, p. 87.

(28) LÊNIN, idem. p. 95.

(29) COSTA, idem, p. 21 .

C A P Í T U L O I I

O IMPERIALISMO APOS A OBRA DE LENIN

O livro de Lenin "O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo", passados mais de setenta anos de seu aparecimento, ainda apresenta uma grande vitalidade e continua sendo extremamente importante para a compreensão das relações internacionais. Obra teoricamente muito consistente, ela estabeleceu uma "previsão quase que profética do desenvolvimento do capitalismo". Dito de melhor maneira, o trabalho realizado pelo autor foi na realidade preditivo, pois que a apreensão e a análise metódica e científica dos fatos lhe permitiu formular uma projeção de tendências confirmadas mais tarde pelo curso da história, e a maioria das quais hoje om dia perduráveis, que f<izem com que se : lhe possa atribuir irrefutavelmente tal caráter. O que Lenin não previu - nem poderia tê-lo feito, já que isto escaparia à órbita científica - é toda a gama de acontecimentos e fenômenos de ordem mundial que, resultantes do desenvolvimento da civilização e da crescente complexidade do capitalismo, alterariam - em alguns casos sensivelmente suas observações. Seu livro "não pretendia, não foi, nem de- ser considerado um ponto final na questão", até por inadmissível que assim fosse dentro da filosofia marxista .

Muitos trabalhos foram escritos, e muitos ainda o serão, com o fim de adequá-lo às novas condições históricas do imperialismo. Tanto para os mais significativos daqueles, quanto para estes, a obra de Lenin é uma referência fundamental] e insuperável. ■ ^ |

No estrito sentido econômico, no que se refere a nova estrutura internacional do capitalismo. Lênin não descobriu nada novo e suas conclusões não são propriamente originais. Hilferding, Bukharin e Rosa Luxemburgo já haviam empregado os conceitos econômicos utilizados por Lênin, sem entretanto o fazerem de forma a atingir a organicidade obtida por este último. Ademais a obra leninista foi mais longe que as daqueles, pois somente ela concebeu o imperialismo como **totalidade concreta**. Isto se deveu ao emprego do método dialético, regido pela categoria da totalidade, o, que permitiu a apreensão das particularidades do imperialismo não como elementos separados e independentes, mas como constitutivos de um todo monolítico e interligado. Desta maneira no capitalismo a concentração da produção e do capital num alto grau acarreta o surgimento de relações monopolistas. Os monopólios bancários e industriais, para subsistirem, devem unir seus capitais - capital financeiro. Este deve ser estendido ao mundo todo através da concentração da produção e do capital em nível mundial, criando um sistema global de dominação e submissão, e assim por diante. A obra em questão não se limita ao exame superficial, isolado e ocasional dos fenômenos; ela toma um conjunto de dados relativos às bases da atividade econômica dos países analisando-os sistematicamente, e através da abstração consegue estabelecer "a síntese das múltiplas determinações", como expressava Marx.

A grandeza do trabalho de Lênin está na precisão, profundidade e rigor de suas conclusões, no desenvolvimento e aplicação do marxismo às novas condições históricas e no fato de que não se trata de um estudo apenas econômico, político ou histórico, mas de um exercício científico que considera esses três planos e extrai deles um objetivo prático: a ação revolucionária do proletariado. O essencial para Lenin era definir se era possível modificar por meio de reformas as bases econômicas do imperialismo ou se era necessário apontar ao proletariado a via revolucionária, devido a ser o imperialismo um dever lógico e irreversível do capitalismo. E, à semelhança de demais obras suas, esta também tinha um objetivo político determinado: combater a posição de conciliação de classe dos líderes da II Internacional - em especial Kautsky - e por conseguinte a traição de uma parte da classe operária européia. Era um momento em que o imperialismo mostrava a sua face mais concreta e inexorável: a guerra, manifestação característica e forçada do capitalismo na fase monopolista, onde se evidencia a disputa famélica do capital financeiro pelo domínio do planeta. Num instante em que se ampliavam as possibilidades revolucionárias e era necessário explorá-las ao máximo. "O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo" representa um período político do bolchevismo contra o "oportunismo, o social-imperialismo e o social-patriotismo", quer dizer, sua pretensão era uma "justificação teórica das posições táticas do bolchevismo em relação à questão nacional e à guerra". Mais uma vez o método dialético e sua noção de totalidade possibilita a percepção da ligação racional entre o imperialismo, a guerra e a revolução proletária.

O livro visava especificamente a uma classe - a operária - e recebeu o subtítulo de "Ensaio de Vulgarização", o que constituiu uma subestimação do que o mesmo viria a representar para a ciência e a história, pois as leis postas a descoberto por Lênin são simplesmente a realidade dos nossos dias.

l.
' ' j' ' ' ■ f r

2.1- As particularidades do imperialismo na etapa atual

A partir da II Guerra Mundial ocorreram substanciais mudanças na economia mundial. Em que pese a realidade ser distinta, a essência dos postulados de Lênin mantém-se válida.

O fenômeno mais importante que determina a forma contemporânea das atividades econômicas é a revolução técnico-científica, entendida como a mutação qualitativa das forças produtivas provocada pela transformação gradual da ciência em força produtiva direta. Iniciada em meados do século XX sob o efeito de grandiosas descobertas científicas e técnicas, da interação crescente da ciência, da técnica e da produção, "ela modifica o caráter do trabalho e da produção, provoca um aumento acelerado da produtividade do trabalho e influi em todos os aspectos da vida social." (2) ~
Apesar de as manifestações externas das leis do imperialismo terem mudado - em alguns casos perceptivelmente - em virtude da mesma, subsistem os processos profundos, internos que constituem as causas estruturais do imperialismo. Dito de outra forma, as leis econômicas e políticas e as forças motrizes do mesmo, a que Lenin se referiu, determinam ainda o capitalismo de nossos dias.

Com a revolução técnica da produção, decorrente das novas descobertas, a dimensão das empresas teve um aumento muito rápido. Só as grandes tinham condições de servir-se dos novos e dispendiosos equipamentos, e isto requeria grandes inversões de capital. Do resultante crescimento da produção, dá-se a sua concentração, acompanhada da concentração do capital. Entretanto a grande dimensão das empresas e os investimentos e benfeitorias a elas necessários excediam as possibilidades financeiras inclusive dos grandes magnatas, o que obrigou a união (centralização) de capitais, nascendo então as sociedades anônimas.

A tendência para a concentração das gigantescas proporções dos meios de produção, de matérias-primas e de mão-de-obra nas mãos de poucos monopolistas mantém-se no presente. A concentração da produção é nítida em todos os setores e, obviamente, sua amplitude é muito maior: cresceram as unidades de produção, as fábricas, as firmas, o número de empresas e suas filiais; aumenta a produção por ramos e setores controlada pelos grandes industriais. Na época de Lenin, grande empresa era a que tinha mais de 50 operários assalariados; hoje, a que tem mais de 1.000.

O valor das vendas dos gigantes monopolistas, como a Exxon, a Royal Dutch Shell e a General Motors, só é inferior ao PNB dos dez maiores países capitalistas. Por exemplo: a Suécia, décimo-primeiro PNB do mundo, com 70,1 bi-

.ti.'■-,

Ihões de dólares, perde para o primeiro e o segundo monopólios mundiais (os dois primeiros acima nominados), cujas vendas em 1982 foram de 97,2 e 83,8 bilhões de dólares, respectivamente. Isto é uma ilustração do gigantismo em proporções absolutas. Mas também pode sê-lo em proporções

relativas: as 500 corporações industriais americanas empregaram 2/3 de operários e 3/4 do ativo e dos lucros, sendo o seu número equivalente a apenas 0,2%, entre todos os con-

* / Q ¥
sócios do país.

Os monopólios contemporâneos não se diferenciam dos do início do século apenas na dimensão, mas também na sua estrutura, pois representam coligação de vários ramos de produção. Geralmente são constituídos por empresas que congregam mais de uma dezena de indústrias, sendo que estas filiais ligam-se a diversos tipos de produção, de modo direto ou indireto envolvidos na especialização da empresa-mãe. Há uma verticalização na estrutura, entre cujos fins está o de manter-se na concorrência e obter lucros nos setores mais rentáveis mesmo nas épocas de crise. Este processo se chama diversificação, e adquiriu grande porte após a II Guerra Mundial, principalmente no início da década de 80, quando foram absorvidas empresas de especialização industrial diversa que estavam em precária situação financeira por causa da crise econômica.

Igual ao início do século, os investimentos das grandes empresas são setoriais e concentrados principalmente nos ramos-chave da economia e nos setores de vanguarda do desenvolvimento científico e técnico. A diferença está em que naquela época os referidos ramos eram a construção de estradas de ferro e a metalurgia; atualmente são a eletrônica a informática, a aeronáutica, as indústrias automotiva, química, bélica e a de construção de máquinas de transporte, que também são os setores de maior monopolização.

%

Tem pleno vigor a tendência constatada por Lênin para o domínio das fontes de matérias-primas e riquezas mi-

nerais. Os maiores grupos monopolistas nesse particular são a Alcoa, Anaconda, U. S. Steel Corporation e o August Thyssen-Hütte. Um dos setores mais atrativos é a indústria petrolífera, na qual os lucros são muito altos. Em 1982, dos 25 maiores monopólios do mundo, 15 eram corporações petrolíferas. Enquanto a indústria automobilística apresentava baixa nos lucros em meados dos anos 70 e inícios dos 80, os conglomerados do petróleo aumentaram os seus.

O gigantismo dos monopólios contemporâneos é tal que resulta difícil obter um quadro real da monopolização e da penetração do capital na economia, uma vez que suas proporções excedem os parâmetros jurídicos e organizacionais. Por exemplo, a General Motors compra mercadorias e serviços de 45 mil fornecedores, entre eles firmas pequenas e médias que, em sua maior parte, estão em completa dependência econômica em relação ao monopólio, apesar de serem juridicamente independentes. Esta dependência se dá por causa da especialização da produção das mesmas e a decorrente carência de outros mercados de venda, gerando uma submissão ao monopólio, que também lhes concede créditos, aluga equipamentos e instalações e fornece-lhes as matérias-primas.

Os monopólios contemporâneos apresentam um alto grau de socialização da produção devido ao desenvolvimento das relações sociais de produção, à regulação interna da organização da produção e à planificação interna das corporações.

Além dos métodos de combate à concorrência tradicionais e amplamente utilizados no início do século, como a imposição coercitiva de relações vantajosas ao monopólio e obstáculos criados artificialmente a fim de obter os fatores

de produção, créditos, tecnologia e material técnico, as companhias capitalistas modernas se utilizam seguidamente do poder econômico que tem de regular a produção e o mercado, a oferta e a demanda. Recorrem a novas táticas de domínio de mercado, como é o caso das vendas articuladas, que se caracterizam pela venda de mercadorias a preço médio e jogo de peças de reposição a altos preços; modificam-se seguidamente os produtos, dando a impressão de estarem modernizando e renovando incessantemente. !•-1.

No estágio atual do capitalismo já não são muito numerosos os sindicatos monopolistas nem os trustes em sua forma pura; os cartéis não congregam empresas, como de início, mas grandes sociedades. A forma mais atual e predominante de monopólios são os grandes consórcios, que agrupam diversos ramos. Nos 43 setores industriais dos Estados Unidos, quatro grandes monopólios de cada um concentram em suas mãos 75% da produção. Além disso, "o chamado grande trio (General Motors, Ford e Chrysler), que concentrava, em 1909, 42% da produção da indústria automobilística americana, detinha em 1973 cerca de 97% da produção no setor.

Apesar de tudo, como havia frisado Lenin, os monopólios não conseguem evitar a concorrência. Nos nossos dias ela é muitíssimo acirrada, extrapolando muitas vezes a órbita econômica nacional e acarretando conseqüências na economia mundial que se apresenta sob a forma de desproporções e distorções estruturais. Um exemplo dessas distorções prolongadas causadas pela atuação econômica dos monopólios foi a crise mundial de combustíveis da década de 70. O agrupamento monopolista internacional, formado pelas sete maiores corporações (cinco americanas, uma inglesa e uma anglo-ho-

landesa), que controla o mercado petrolífero desde 1920, direcionou o consumo energético mundial para o combustível líquido, pondo de lado o carvão, o xisto e outros. Isto foi conseguido por causa do preço baixo do produto, o qual assim era mantido, em que pese a grande demanda e os altos lucros, devido à exploração dos países produtores de petróleo. Ocorreu então uma séria disparidade na balança mundial de combustíveis e na estrutura de valor do comércio internacional: os preços dos produtos industriais, equipamentos e material técnico aumentaram, enquanto os preços do petróleo e principais tipos de matérias-primas mantinham-se congelados. No início dos anos 70 deu-se uma súbita e radical mudança nas proporções de valor. Os países da OPEP, após quase cinco décadas de submissão, cobraram a soberania sobre suas reservas de petróleo e aumentaram os preços do produto. Os monopólios mudaram então de tática: passaram a poupar as reservas de petróleo, o que originou a escassez do produto e a conseqüente alta dos preços. A crise daí resultante foi eloqüente ao demonstrar a capacidade de desestruturação praticável pelos monopólios devido ao domínio dos recursos naturais.

2.2-0 domínio do capital financeiro

Perduraram as tendências gerais do desenvolvimento do capital financeiro observadas por Lenin: o crescimento acentuado do seu poder econômico fundado no monopólio de alguns grandes bancos, na íntima vinculação com os monopólios industriais e no alargamento descomunal da rede financeira. Surgiram entretanto novos e mais eficientes métodos de dominação através do mesmo.

É altíssima a concentração de capital nos 'monopólios bancários. Bancos como o City Corporation têm 130 bilhões de dólares de capitais ativos: o Bank of América, 122,2; o Banque Nationale de Paris, 109,7. Estes são os bancos que detêm a parte esmagadora do capital financeiro. Por exemplo, na Inglaterra os quatro maiores consórcios controlam 2/3 do ativo de todos os bancos comerciais.'''

O capital financeiro sofreu modificações quanto às instituições que o formam. Se no início do século ele era composto quase que exclusivamente pelo capital bancário, hoje em dia têm uma participação destacada as companhias de seguro, fundos de pensão, companhias de investimento, caixas econômicas e associações de crédito, cujo incremento se deu nos anos 60 e 70. Estas instituições não bancárias concentram os depósitos individuais e os invertem em ações, papéis de valor e títulos a fim de financiar as indústrias. Desta maneira ampliam-se grandemente o campo de dominação do capital financeiro e o montante de recursos de que dispõe.

O procedimento mais comum de ligação entre o capital bancário: e o industrial é o investimento ■ daquele em ações das indústrias. No início da década de 80 os investidores institucionalizados (bancos e instituições financeiras não bancárias) detinham mais de 50% das ações na Bolsa de Londres.

O enorme aumento da necessidade de crédito nas últimas décadas foi um fator de estreitamento da dependência mútua entre bancos e corporações industriais. O poder dos bancos solidificou-se sobremaneira nos anos 60 e 70 devido à alta procura de créditos numa época em que os ritmos de

crescimento econômico permaneciam estabilizados (antes da crise de 1974 e 1975. a qual será tratada no capítulo III). Por outro lado, aumentou igualmente a dependência dos bancos para com os monopólios industriais, que são seus correntistas principais e cujos lucros se refletem naqueles.

À semelhança da época de Lênin, a forma característica da junção do capital bancário com o industrial pela via acionária se dá através do mecanismo do "sistema de participações", só que hoje em dia a percentual de ações necessário ao controle das corporações é cada vez menor. Isto se deve ao processo denominado "difusão das ações" ou, mais precisamente, "difusão da propriedade", que consiste no seguinte: o grande consórcio emite o maior número possível de ações, que são vendidas a uma grande quantidade de acionistas de forma a que nenhum deles obtenha um percentual suficiente para o controle da atividade.

Por causa dessa difusão o controle da atividade do monopólio é possível mesmo com um lote relativamente pequeno de ações. Um exemplo é o da General Motors, que tem ações dispersas entre 1,3 milhões de sócios nos Estados Unidos e no exterior e na qual o grupo de que detém tão só 7% das ações possui o controle da empresa. (5)

Ainda como importantíssimo elo de ligação entre monopólios bancários e industriais está a chamada "união pessoal". De acordo com estimativas do sociólogo inglês J. Scott, 75% dos diretores das maiores companhias britânicas participam concomitantemente de vários conselhos directivos, representando 56 dos 98 maiores monopólios. Nos Estados Unidos, segundo o economista E. Hermann, das 511

corporações não financeiras, 299 (ou seja, 58,5%) são dirigidas por um banqueiro. Uma das principais características do capital financeiro e da oligarquia financeira⁽⁸⁾ modernos é a concentração de poder na pessoa de alguns altos administradores e diretores das corporações industriais e dos bancos. Normalmente os altos gerentes são ..prorietários de ações^{^.-3^} e muitas vezes da maioria, pela facilidade^{;;j...} recida pela difusão de ações - das companhias que administram. A concentração de poder é favorecida pelo controle dos recursos financeiros e pelas ligações que são proporcionadas pelas posições estratégicas no comando. Os vínculos da oligarquia financeira se complementam com a imbricação com o aparelho estatal, proporcionando a dominação política do capital financeiro e a influência na política governamental. A eleição, de Ronald Reagan para a presidência dos Estados Unidos foi um exemplo do que seja a promoção de ;eanãdatos a cargos eletivos por parte do capital financeiro. Ele chegou ao poder sob a influência dos maiores monopólios industriais e bélicos americanos, monopólios dos estados do Oeste e grupos oligárquico-financeiros da Califórnia. Uma vez no governo, Reagan fez a sua parte, diminuindo os impostos pelos rendimentos das corporações e dotando verbas enormes para o setor militar. De 1980 a 1983 os gastos militares dos Estados Unidos passaram de 136 para 246 bilhões de dólares.

2.3- A exportação de capitais

As novas peculiaridades de exportação de capitais se explicam fundamentalmente pelo progresso científico e técnico e pelas necessidades dele emergentes, como a nova

procura de matérias-primas, a consecução de novos mercados para uma produção crescente e o alargamento das esferas de influência.

I

Logo depois da II Guerra Mundial houve um grande incremento da exportação de capitais, quando por consequência desta os Estados Unidos tomaram o lugar que pertencia à Inglaterra desde o início do século como principal exportador de capitais, reduzindo-se a zero a participação dos países derrotados. Nos anos 50 reergueram-se as economias nacionais dos países capitalistas desenvolvidos, instaurando-se uma onda de investimentos no estrangeiro, cujo valor duplicava a cada cinco ou seis anos. Essa tendência cristalizou-se nos anos 80, quando se estabeleceu uma nova correlação de forças no campo da exportação de capitais. Os três pólos principais são atualmente os Estados Unidos, a Europa Ocidental e o Japão, os quais controlam 95% do fluxo do capital. A parte dos Estados Unidos diminuiu substancialmente em comparação com a década de 50. Em 1966 sua fração era de 73%, enquanto que no início dos anos 80 tinha caído para pouco mais de 50%. Em contrapartida aumentaram as proporções da Alemanha e do Japão.

ho mesmo tempo em que se alterava a correlação de forças ocorria a modificação na geografia da exportação do capital. Se no início do século a maior parte deste se endereçava às colônias e países dependentes, hoje em dia 2/3 se destinam para os capitalistas desenvolvidos, principalmente os países da Europa Ocidental e os Estados Unidos. A economia americana é o principal centro de investimentos do capital monopolista europeu, que objetiva ter acesso à moderna tecnologia, auferir as vantagens da vanguarda da .re-

volução tecno-científica e penetrar no mercado dos Estados Unidos. Por outro lado, o capital americano introduz-se na economia dos países europeus, especialmente nos setores em que o capital nacional é mais vulnerável.

Como explicar a concentração dos investimentos nos últimos 20 anos? Como explicar as inversões diretas de 73,5% por parte dos Estados Unidos nos países desenvolvidos em 1980, ao passo que na América Latina, no mesmo ano, foi de 12,3%? Qual a razão disto, se no Terceiro Mundo há melhores possibilidades de valorização do capital financeiro, como mão-de-obra barata, legislação benigna e facilidade de remessa de lucros?

"Apesar da aparente contradição o imperialismo enxerga longe e, às vezes, por trás deste paradoxo, se esconde uma lógica implacável. Desenvolvendo criativamente uma idéia de Marx, a economista soviética T. Belous explica o fenômeno da seguinte maneira: 'Nas condições atuais o crescimento do lucro das transacionais se dá não tanto por conta da elevação da sua taxa, mas em consequência do aumento de sua massa global. Calculando-se por unidade de capital, essas empresas criam menos mais-valia nos países industrializados do que nos países em desenvolvimento. Em contrapartida produzem e realizam uma massa muito maior de mais valia'. Ou como dizia Marx: 'Um grande capital com taxas de lucro pequenas acumula mais que um pequeno capital com taxas de lucros maiores' " / ^ ^

Se mudou a preferência, não diminuiu entretanto o interesse do capital dos três centros econômicos mundiais (Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão) pelos países em desenvolvimento como destinatários das inversões. Desde :

meados dos anos 70 o volume apresentou tendência para o aumento. Isto se deveu basicamente às crises mundiais de combustíveis e matérias-primas e ao agravamento dos problemas ecológicos, o que determinou, neste último caso, a transferência de várias indústrias nocivas ao meio ambiente dos países desenvolvidos para outros pertencentes à zona de influência dos primeiros.

"A exportação do capital incentivou em grande escala a produção das firmas nacionais no estrangeiro. Pelo seu volume, esta produção é superior ao desenvolvimento da exportação de mercadorias para os países que constituem os três centros principais do imperialismo. É particularmente grande a parte americana da produção no estrangeiro, que ultrapassa cinco vezes o valor de exportação de mercadorias. É de notar aqui que a produção no estrangeiro é grande e, ainda por cima, tem tendência a crescer mais do que a exportação de mercadorias. Este fenómeno é típico ao Japão, cuja produção estrangeira aumenta 14 vezes mais rapidamente do que a exportação de mercadorias." (11)

Uma série de fatos que se deram na década de 60 provocaram um importante fenómeno no referente à exportação de capitais que modificariam profundamente a economia mundial. Trata-se do mercado de "eurodólares".

Naquele período estava-se processando a internacionalização da produção por parte dos grandes monopólios industriais; ocorria uma grande dinamização dos negócios exteriores por causa da revolução nas telecomunicações; o comércio mundial retomava vigorosamente o seu ritmo. Nesse quadro os bancos foram levados a seguir os mesmos rumos das empresas produtivas.

O governo americano havia tomado medidas para dificultar o empréstimo a estrangeiros. Para burlar a lei os bancos dos Estados Unidos passaram a criar títulos em dólares, mas emitidos fora do país. Isto foi crescendo a tal ponto que a Europa havia se transformado no principal centro de financiamento bancário do mundo. Surge!’, o rodólar”.

Isto aliado a outros fatores causou uma explosão dos negócios bancários. O processo foi simples. Primeiramente os bancos foram atraídos ao estrangeiro a fim de financiar as grandes empresas transnacionais. Devido às medidas restritivas tomadas pelo governo americano, resolveram infringir veladamente a lei e ampliar os negócios no exterior. Estabelecidos no mercado de “eurodólares”, passaram a auferir-os enormes benefícios que este trazia e ampliaram seus negócios a tal ponto que a maioria dos seus/lucros era oriunda do exterior e não mais da matriz. Basta dizer que entre 1968 e 1970 os bancos duplicaram o número de agências no estrangeiro.

Consolidado- o mercado de “eurodólares”, os bancos encontraram um campo profícuo para os seus empréstimos: o Terceiro Mundo. Havia um excesso de dólares no mundo, e as nações deste tinham grande necessidade de capital. Assim se dá mais um capítulo na exploração destas, cujo endividamento em 1975 era de 195 bilhões de dólares e em 1986 já era de 900 bilhões.

Com os “eurodólares” há uma mudança na rota de exportação de capitais. A oligarquia financeira diminuiu os investimentos diretos em virtude do capital de empréstimo. |
décadas de 50 e 60 a grande maioria dos créditos para

os países do Terceiro Mundo era proveniente dos organismos oficiais das potências imperialistas, mas na década de 70 isto se inverteu, e a maioria dos financiamentos dos terceiro-mundistas tiveram origem nos bancos privados.

Modernamente a exportação de capitais se direciona principalmente para o setor da indústria transformadora, à diferença do início do imperialismo, quando o alvo era a indústria extrativa. Isto se dá por investimentos na indústria nacional dos destinatários do capital ou pela instalação de sucursais nesses países. Isto possibilita aos países imperialistas controlar ramos vitais da economia dos receptores e auferir lucros mais elevados dos que poderiam ser obtidos na origem, uma vez que ao vender produtos onde são produzidos as indústrias pagam menos impostos e direitos, despendem menos em salários e controlam o mercado, vencendo facilmente a concorrência das pequenas indústrias nacionais, além de se beneficiarem dos recursos públicos que os países destinatários do capital canalizam para o seu desenvolvimento. Como parte considerável desses recursos estatais são provenientes de empréstimos do estrangeiro concedidos pelos próprios países imperialistas, configura-se a situação de estes ajudarem-se a si mesmos, dentro de um quadro brutal exploração e submissão.

Quanto à forma de exportação dos capitais, as principais são os investimentos diretos e os capitais de empréstimos. O investimento direto, além da indústria, é feito também na agricultura e na prestação de serviços. O capital de empréstimo é a cessão de capital por um período determinado, seja para governos, indústrias, bancos ou comércio. Acrescenta-se a ele uma taxa de juros por conta

do financiamento. A exportação de capitais via capital de empréstimo se efetua comumente através de instituições como o Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento e a Agência Internacional do Desenvolvimento, entre outras, são créditos restituíveis a longo prazo, e devido a que são os países imperialistas que os controlam, aqueles só são concedidos a países de interesse estratégico dos monopólios. Outra forma de exportação de capital são os denominados "programas de ajuda", como a Aliança para o Progresso, do governo de John Kennedy.

Os monopólios internacionais são hoje de novo Lpo, pois sofreram mudanças na sua estrutura, no seu modo de funcionamento e também nas formas de domínio, em que pese a sua essência continuar a mesma.

.De acordo com sua estrutura orgânica, os monopólios internacionais hoje são consórcios. Constituem unidades v'CrK'l exas de filiais e empresas com círculo: ' -j'-n-. !' . gicos e produtivos estreitos. Estas unidades, afora as filiais ou setores de produção, incluem comumente firmas de comercialização, centros de pesquisas científicas e instituições financeiras ou de crédito. Esta estrutura tremendamente eficiente possibilita aos consórcios concentrar em grande escala recursos materiais e financeiros e adaptar-se rápida e elasticamente a mudanças conjunturais, com compreensíveis enormes lucros.

Após a II Guerra Mundial os monopólios transformaram-se em grandes complexos transnacionais, (12) com atuação em todas as etapas do ciclo do capital; produção, circulação e financiamento de mercadorias.

"As transnacionais segmentaram o processo de produção em nível mundial e criaram nova dinâmica nas relações de produção ao deslocar para fora de suas fronteiras nacionais o local de criação do valor (...). Passaram a considerar o mundo capitalista como esfera única de investimento, realização e acumulação do capital, ou seja, esta parte do mundo como uma fonte de matérias-primas, mão-de-obra e recursos monetários^^

Por organizarem a produção fora de seus países, a estrutura interna das mesmas inclui a divisão internacional do trabalho ^(1 4) 1 tira proveito. Por exemplo, a Ford produz camionetas rurais na Ásia; as indústrias de Cingapura fornecem equipamentos elétricos e componentes plásticos; a Tailândia entra com blocos para motores; da Indonésia vêm transmissões e eixos, e da Coreia do Sul motores Diesel. Em todos esse países, com exceção de Cingapura, há indústrias de montagem que oferecem veículos para os respectivos mercados nacionais.

As empresas se situam nos países levando-se em conta o emprego racional e lucrativo dos recursos para a produção. Podem autofinanciar-se, tomar empréstimos onde as taxas de juros são mais baixas e aplicá-las na produção ou no mercado financeiro nos negócios mais rentáveis. Em suma, os supermonopólios otimizam as disponibilidades a fim de maximizar o lucro.

Com a internacionalização do processo produtivo e a hegemonização das relações econômicas por parte das transnacionais o imperialismo dá um salto qualitativo, contando para isso com uma enorme rede de filiais pelo mundo afora,; com atuação em quase todos os setores da economia.

"Em 1961, época em que começa a se consolidar o processo, existiam no mundo cerca de 4.834 filiais dessas corporações, número que saltou para 9800 em 1980. Por esses números verifica-se a grandeza do fenômeno. Como ilustração basta dizer que o volume de vendas das dez maiores transnacionais norte-americanas em 1981 atingiu cerca de US\$ 500 bilhões, quantia superior ao Produto Interno Bruto conjunto de várias nações do; chamado Terceiro Mundo.

Um grande monopólio industrial está sempre de mãos dadas com um grande banco; afinal de contas a irmandade do capital industrial e o bancário já é quase secular. O contraste é que no seu início a ligação se dava no interior de cada potência capitalista; no imperialismo das transnacionais a fusão se dá em nível mundial. A exploração, 'dó tal financeiro opera-se agora a partir dos próprios países explorados através de dois pólos: o transnacional produtivo e o transnacional bancário. Mas a principal característica da política financeira das transnacionais é a mobilidade de capital, seja da matriz para a filial ou vice-versa, seja através dos bancos a que estão ligados. Isto se dá por meio de remessas de lucros, "royalties" e licenças, reinversão de lucros, ampliação de investimentos, entre outros, de forma a proporcionar uma grandíssima rentabilidade.

As transnacionais praticamente dominam a economia do Terceiro Mundo. Elas controlavam, em 1977, 80% da exportação dos produtos básicos desse conjunto de países, 76,5% da produção fabril, 80% da metalúrgica e 90% da produção de veículos comerciais e de passageiros. tm países como o México metade dos produtos industriais prontos é exportada pelas filiais das empresas norte-americanas. Devi-

do a esse domínio pagam preços vis aos produtores, que recebem uma diminuta parcela do que é cobrado dos consumidores dos países centrais. "As proporções são inferiores a 10% para o ferro e a bauxita; entre 20 e 40% para o chá, o café, cacau, banana, juta e produtos cítricos; cerca de 50% para o açúcar". (17) Influem decisivamente na cotação das matérias-primas. Por exemplo: em setembro de 81 os preços do açúcar, café e cacau se encontravam ao nível de vinte anos atrás; o da banana havia diminuído 20% nas últimas duas décadas. Semelhante é o caso da carne, soja, algodão, etc. Os produtos minerais (alumínio, cobre, ferro) em 1979 se comprovam por valores inferiores aos de 1953. Por outro lado, desde fins da década de 50 até início dos anos 80 os países imperialistas aumentaram os preços dos produtos manufaturados: em 1959, com 24 toneladas de açúcar se comprava um trator com motor de 60 cavalos; em fins de 1982 se precisavam 112 toneladas. Em, 1960, com uma tonelada de café se compravam 37,3 toneladas de fertilizantes; em 1982, com uma tonelada, só 15.8 toneladas dos produtos, compra-se por um preço aviltante e vende-se a preços de monopólio.

Um grande engodo é o argumento enganoso de que as transnacionais contribuem de modo fundamental para o desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo. Dados da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD) levantados por Fidel Castro para uma das conferências dos Países Não-alinhados cismam em evidenciar o contrário: para cada dólar investido pelos supermonopólios naqueles países, em 1981, remetiam para a origem 2,2 dólares. A pilhagem das empresas americanas é ainda maior: no período de 1970 a 1979 elas investiram 11,4 bilhões de dólares nesse conjunto de nações e extraíram 48,6 bilhões

de lucros. Para cada dólar investido retiraram mais de 4. (19)

Cumpre destacar que nem sempre os lucros declarados por tais empresas são reais. Elas lançam mão de um cálculo sub-reptício em que os lucros são abaixados e as importações lançadas com preços mais altos que o de exportação.

"Isto ocorre especialmente no comércio intrafirma, um mecanismo até certo ponto atípico, pois o proprietário compra às mercadorias de suas próprias filiais. Além disso é um instrumento importante de transferência de recursos dos países periféricos para as nações centrais. O mecanismo funciona da seguinte maneira: as filiais das transnacionais rebaixam os preços dos produtos exportados para a matriz e, com isso, pagam menos impostos nos países onde estão instalados, como também transferem recursos via preço para a sede. Paralelamente, faturam os produtos da matriz por preços acima de seu valor real e, com isso, novamente transferem recursos para a sede." (20)

À semelhança do início do século, a correlação de forças no capital monopolista internacional não é igualitária. Até meados da década de 80, no cenário capitalista mundial dominavam os monopólios americanos. Ao mesmo tempo entretanto fortaleceram-se os grandes grupos da Europa Ocidental e do Japão. Em 1983, entre os cem monopólios mais poderosos do mundo, além das corporações dos Estados Unidos situavam-se 23 empresas japonesas, 17 alemães, 14 inglesas, 11 francesas e 4 italianas. (21)

Como no início do século, a luta constante dos monopólios internacionais pela ampliação dos mercados, con-

trole de matérias-primas e conquista e fortalecimento de posições na economia mundial capitalista gera confrontos seríssimos entre eles, assumindo o caráter de embates e retaliações econômicos e inclusive guerras. Como exemplos do primeiro caso tem-se a luta do Japão, Estados Unidos e Europa Ocidental pelos mercados de equipamentos eletrônicos e o recurso ao protecionismo, como a imposição de tarifas alfandegárias a produtos estrangeiros. Também a luta entre monopólios é fonte de guerras, pois eles impulsionam seus governos a empreendimentos militares a fim de impor nova correlação de forças entre aqueles. A II Guerra Mundial conta entre suas causas a ânsia dos monopólios alemães pela nova partilha do mundo.

2.4. A partilha politico-territorial do mundo contemporâneo

A partilha territorial do mundo possivelmente seja a característica do imperialismo que sofreu maiores modificações.

Lenin havia esclarecido que a única maneira de os monopólios garantirem o êxito contra as vicissitudes na luta contra os adversários era a posse de colônias. Não satisfeitos com a partilha, buscaram então os monopólios o domínio absoluto através da submissão total das nações. As potências ocuparam rapidamente as terras livres que existiam no planeta, passando a dominar gigantescas porções territoriais. Porém a correlação de forças estava em confronto com os termos da partilha. Alemanha, Japão e Itália, que já eram Estados fortes mas haviam ficado para trás na divisão colonial, queriam melhor parte. O mundo já estava totalmente dividido, pelo que a nova partilha só poderia

dar-se com a tomada da propriedade de territórios pertencentes a outros Estados, Foi justamente essa luta a causa central da II Guerra Mundial.

Aparte disso, o sistema colonial do imperialismo, o conjunto formado por países dependentes, semicoloniais e coloniais, mantinha-se, em que pese o despertar da consciência libertadora dos povos ter eclodido com a Revolução Russa de 1917. Foi entretanto o fim da II Guerra Mundial, com a vitória de forças pacifistas e o saldo positivo obtido pelo socialismo, que deu início ao desmoronamento e decomposição do sistema colonial. A extinção de quase todas as colônias e semicolônias já havia se consumado em meados dos anos 70 através dos movimentos de libertação nacional, nome que designa a libertação de países oprimidos pelo domínio político estrangeiro, que abriu caminho para a autodeterminação destes, o fim da pilhagem de recursos naturais e a tomada de territórios pela força.

A partilha territorial do mundo perdeu a sua forma primitiva, mas absolutamente não se pode afirmar que esse traço fundamental do imperialismo tenha desaparecido na etapa contemporânea. Mudaram as formas de sua manifestação, mas seus elementos básicos persistem, pois vigem plenamente formas conjunturais de dependência financeira e diplomática sob uma aparente independência política. Já dizia Lênin que o capital financeiro é uma força tão considerável, pode dizer-se tão decisiva, em todas as relações econômicas internacionais, "que é capaz de subordinar, e subordina realmente, até os Estados que gozam da independência política mais completa". Esse fenômeno - o da dependência - tem características definidas, assumiu proporções muito grandes e sofre um fomento sistemático por

parte das potências imperialistas, de forma que o seu tratamento será dado em destaque mais adiante. Por enquanto pode-se afirmar que as transformações que se deram na partilha territorial do mundo servem para mostrar que o poder do imperialismo apenas debilitou-se onde antes dominava totalmente, ao passo que patenteiam a flexibilidade do capital financeiro internacional, a sua adaptabilidade às novas situações e as múltiplas formas de exploração que por seu intermédio são exercidas.

Outra peculiaridade da partilha do mundo contemporâneo é a formação de grandes blocos econômicos, como é o caso da Comunidade Económica Europeia, mais conhecida como Mercado Comum Europeu, da Associação Europeia de livre Comércio ou da projetada fusão dos países europeus para 1992.

Igual ao início do século, os monopólios se apossam dos setores fundamentais da produção, vinculam o progresso aos seus interesses e instauram uma contradição: o desenvolvimento das forças produtivas de um lado, e o seu desenvolvimento retardado, por outro. O primeiro se explica pela concorrência entre os monopólios, que não se extingue no capitalismo em sua fase imperialista.

Os monopólios não têm escrúpulos em desprezar e obstacularizar pesquisas científicas que não lhes prometam lucros. Por exemplo, terminada a II Guerra Mundial as maiores companhias siderúrgicas norte-americanas não se preocupam com a remodelação do seu parque industrial, acomodadas que estavam face à tranquilizante situação monopolista que o mercado lhes proporcionava. Isto originou um grande atraso tecnológico em comparação com os monopólios europeus e japoneses, que motivados pela concorrência ame-

ricana modernizaram as suas indústrias, adquirindo a hegemonia tecnológica na produção mundial de aço.

A manifestação mais consternadora do parasitismo na etapa atual é a produção da indústria bélica, que desloca gigantescas somas de recursos e uma grande massa de trabalhadores para um tipo de atividade que acaba pondo em perigo a vida humana no planeta, ao invés de utilizá-los em proveito do próprio progresso desta.

Em 1982 o mundo gastou em despesas militares por volta de 650 bilhões de dólares, quer dizer, mais de 1700 milhões diários, 74 milhões a cada hora, mais de um milhão de dólares por minuto. O que se gastava em um só dia teria permitido eliminar totalmente o paludismo, e o que se investia em 5 horas equivalia ao orçamento anual da UNICEF para programas de assistência à infância.

Deve-se estabelecer, entretanto, que a produção bélica é uma decorrência do militarismo, e que este é uma particularidade do imperialismo atual. Ele pode ser definido como o conjunto de meios políticos e ideológicos de que se servem as classes dominantes para aumentarem o poder militar nos países capitalistas a fim de garantirem a implementação de políticas internas de reação e políticas externas agressivas. O militarismo se caracteriza por uma corrida armamentista desorbitada, pela presença militar no estrangeiro, pelo aumento dos orçamentos militares, pela formação de blocos político-militares, pela influência crescente do complexo militar-industrial em cada país, pela busca do emprego da força, pelo chauvinismo, pelo reynchismo e pela propaganda de guerra.

A daí resultante corrida aos armamentos é flagrantemente desencadeada e fomentada pelos países imperia-

listas de forma a obrigar os países socialistas a transferirem recursos dos setores produtivos para o bélico, sob pena de ficarem para trás na disputa e perderem força decisória. Como esses países são inferiores em poderio econômico e menos aquinhoados quanto a recursos e condições naturais, a corrida bélica tem o fim principal de causar dificuldades á economia daqueles Estados e, por conseqüência, pôr em questão a validade do socialismo.

"A produção bélica é antes de mais nada uma necessidade interna dos países imperialistas. Os enormes capitais acumulados não podem ser totalmente investidos na produção de bens de consumo, devido ao fato do mercado'capitálds--ta se encontrar constantemente limitado pelas possibilidades de compra da população, que são sempre menores que a capacidade produtiva. A produção bélica permite investir capitais, empregar mão-de-obra, consumir meios de produção, o que no seu conjunto contribui para ativar a economia sem produzir para o mercado interno. Além do mais o sistema cria constantemente nova procura à medida que os produtos bélicos são consumidos, quer o sejam nas guerras ou na corrida internacional ao armamento".

A corrida armamentista é condição de manutenção e reprodução do capitalismo. Os Estados Unidos gastaram 312 bilhões de dólares em despesas militares no ano de 1985. No período de 1975 a 1983 a Grã-Bretanha e a França triplicaram as suas despesas militares, e o correspondente orçamento da Alemanha Ocidental teve um aumento de 50%.0 plano quinquenal para modernização e equipamento das forças armadas do Japão (1983-1987) custou 100 bilhões de dólares. Segundo estimativas do Instituto Internacional dos Problemas da Paz, situado em Estocolmo, as despesas mili-

tares do mundo capitalista em 1980 eram equivalentes a todo o fundo de acumulação dos países em desenvolvimento.

Diz Gus Hall: "Se não fossem os bilhões do Pentágono, 5.300 cidades norte-americanas tornaram-se cidades fantasmas, milhares de companhias faliriam, a maior parte dos centros e departamentos de pesquisa dos colégios universitários fechariam suas portas, os estados atravessariam grave crise financeira e cerca de 13% da força de trabalho estaria no desemprego. Do ponto de vista mundial 100 milhões de pessoas estão ligadas diretamente ou indiretamente às atividades militares".

Parece inacreditável, mas no período de 1966 a 1974 o volume total de compras e serviços do governo federal americano atingiu 1,6 trilhões de dólares. Desse total 1,28 trilhão correspondia a gastos militares, ou seja, en. <")

Forma-se nos países imperialistas o complexo industrial-militar, produto atual do capitalismo monopolista de Estado, resultado da associação entre os monopólios da indústria de guerra, meios militaristas do aparelho de Estado, dirigentes das forças armadas e a ciência militarizada. Ele fomenta o aumento contínuo do poderio militar com o fim de reforçar e estender o domínio de classe da burguesia monopolista. A maior e mais desenvolvida forma do mesmo se deu nos Estados Unidos após a II Guerra Mundial, cujos gastos em armamentos em 1984 foram de 237 bilhões de dólares, correspondendo a 27,8% do orçamento.

Os países imperialistas criam complexos industriais-militares com o intuito de aumentar os lucros monopolistas da indústria de armamentos e das fornecedoras de equipamentos a estas, bem como para minimizar ou evitar as

crises cíclicas do capitalismo, uma vez que por ser um dos setores mais dinâmicos da economia capitalista há uma importante interferência estimulante no ciclo do capital. Por seu dinamismo e projeção o complexo exerce uma grande influência no aparelho de Estado, dado que a taxa de lucro é muito mais elevada na indústria de guerra do quei ,no ; setor civil da economia.

A fabricação de armamentos é muito maior que a capacidade de absorção destes. Surge então a necessidade de exportá-los. Para que haja uma demanda constante os países imperialistas infundem o belicismo por todo o mundo através do fomento a conflitos, guerras entre nações e aí. fçr- : mação de Estados policiais.

"Calculadas em preços constantes de 1979, as despesas militares dos países do Terceiro Mundo atingiram, em 1972, 33 bilhões de dólares. Dez anos depois essa cifra aumentou para 81,3 bilhões, quer dizer, um volume duas vezes mais e meia superior. A participação desses países no total das despesas militares também duplicou no mesmo período, e atualmente representa 16%". ()

O clima internacional de tensão e violência desencadeado pelas políticas externas dos países imperialistas e os seus satélites regionais, as pressões diretas ou indiretas para abalar países não alinhados no esquema imperialista e para expandir interesses neocoloniais, os confrontos regionais infundidos por tais interesses são fatores que têm levado os países do Terceiro Mundo a se armarem.

Para estes países as conseqüências da corrida armamentista são funestas, pois desloca-se recursos dos se-

tores civis que poderiam ser empregados no combate aos seus problemas crônicos, como subnutrição, miséria, falta de saneamento, analfabetismo, e se os emprega em um setor sem nenhuma função produtiva. Em 1980 os países africanos - à exceção da África do Sul--gastaram, para fins militares, 6 vezes mais do que as despesas com a saúde e 2 vezes mais que na educação.

A irracionalidade do armamentismo é desalentadora.

"Segundo estimativas recentes, o mundo gasta atualmente por ano US\$ 19,3 mil por cada soldado, enquanto que as despesas públicas destinadas à educação atingem em média US\$ 380 por criança em idade escolar. Para cada 100 mil habitantes do planeta existem 556 soldados e apenas 85 médicos. (...) O custo do protótipo de um caça bombardeiro moderno equivale ao vencimento de 250 mil professores durante um ano, ou ainda a construção e equipamento de 75 hospitais com cem leitos cada. O preço de um submarino nuclear da classe Trident equivale ao custo de 400 moradias. Com o valor de um tanque moderno poder-se-ia construir 1000 salas de aula".

Isto prova a tendência do imperialismo de não aplicar racionalmente o seu potencial produtivo em fins pacíficos, progressistas e humanitários. É assim compreensível que sejam absolutamente desprezadas pelas potências capitalistas propostas como a levantada por Fidel Castro na VII Conferência dos Países Não-alinhados, em 1983. no sentido de que se destinasse 1% dos orçamentos militares dos países desenvolvidos para os países do Terceiro Mundo, o que poderia em pouco tempo resolver o déficit existente na assistência internacional para o financiamento do aumento na produção de alimentos e na constituição de fundos de reservas emergenciais.

Os países imperialistas são Estados que vivem de rendimentos, ou Estados usuários. Não é de se estranhar que neles exista uma classe de indivíduos que também vivem de rendimentos, sem terem real participação produtiva, Um exemplo desse parasitismo é que em 1983, de acordo com o valor dos negócios de compra e venda de dólares na Bolsa de Nova Iorque, a cada dólar gasto no âmbito do comércio internacional e na produção de mercadorias a ele relacionada, equivalem 10 dólares circulantes na simples especulação.

NOTAS

- (1) CATANI, op. cit. p. 95
- (2) PEQUENO DICIONÁRIO POLÍTICO, cit., »Revolução científica e técnica.
- (3) RUDAKOVA, I. Sobre a Obra de V. I. Lenine ' *0 Imperialismo, Fase superior do Capitalismo", p. 27.
- (4) RUDAKOVA, idem, p. 44
- (5) CATANI. op. cit. p. 28
- (6) A "união pessoal" é uma das formas de interpenetração dos monopólios industriais e bancários e destes com o governo. Ela se realiza: a) pela posse conjunta de ações; b) pelo fato de que as mesmas pessoas ocupam postos diretivos em diversas sociedades e bancos ao mesmo tempo; c) pela existência de ligações familiares e de parentesco.
- (7) RUDAKOVA. op. cit. p. 49
- (8) Oligarquia financeira é a camada superior da burguesia monopolista, personificadora do capital financeiro. Dela fazem parte proprietários de grupos industriais, financeiros e comerciais mais importantes e os dirigentes das grande sociedades e estabelecimentos financeiros. Ocupam posição dominante nas economias capitalistas e influem na política estatal.
- (9) COSTA, op. cit. p. 45.
- ' (10) RUDAKOVA, op. cit. p, 42.
- (11) RUDAKOVA, idem, p. 63.

ii 2) "Transnacionais são grandes firmas privadas capitalistas que possuem uma vasta rede de companhias suas filiais e subsidiárias noutros países e dominam uma ou mais esferas da economia capitalista mundial". DICIONÁRIO POLÍTICO INTERNACIONAL. Verbete "Transnacional".

(13) COSTA, op. cit. p. 40.

(14) Divisão internacional do trabalho é a especialização de diversos países no sistema mundial capitalista para a produção de determinados tipos de produtos, que serão objeto de troca no mercado mundial.

(15) COSTA, op. cit. p. 40

(16) COSTA, idem, p. 50

(17) COSTA, idem, ibidem

(18) COSTA, idem, p. 51

(19) COSTA, idem, p. 51-2

(20) COSTA, idem, p. 52

(21) RUDAKOVA, op. cit. p. 68

(22) LÊNIN. op. cit. p. 103

(23) HARNECKER, Marta & URIBE, Gabriela. Imperialismo e Dependência, p. 28

(24) COSTA, op. cit. p. 65

(25) COSTA, idem, p. 35

(26) COSTA, idem, p. 67

(27) COSTA, idem, p. 68

C A P Í T U L O III

OS FENÔMENOS DO IMPERIALISMO CONTEMPORÂNEO

De acordo com o exposto a teoria leninista do imperialismo, com algumas alterações não essenciais ditas pelo desenvolvimento histórico, mantém-se em pleno vigor e com suas características fundamentais inalteradas. Portanto, como já foi visto, o exercício preditivo, científico, de Lenin foi corretíssimo. O que ele não poderia prever é todo o leque de fenômenos resultantes de desdobramentos das tendências detectadas por ele, ditados por fatos históricos ou oriundos da hipertrofia do próprio imperialismo. A partir disto é detectável no imperialismo moderno a ocorrência de fenômenos que contrastam com o mesmo em sua época de instauração e que servem para a compreensão mais ampla do conteúdo e proporções características do imperialismo na sua fase hodierna.

^Sem prejuízo dos vários fenômenos que a mais possairi haver, serão analisados, por serem considerados os mais importantes: o capitalismo monopolista de Estado, o fenômeno da dependência, a crise mundial do sistema imperialista e a ascensão dos Estados Unidos à liderança do imperialismo mundial, num quadro em que este se apresenta com algumas características novas. Este último fenômeno, dada a sua importância e amplitude, será analisado em um capítulo separado.

3.1. O capitalismo monopolista de Estado

Lenin não trata em sua obra especificamente do papel econômico e político do Estado no complexo de relações do capital monopolista. O estudo das características e tendências da estatização da economia dos países imperialistas foi por ele feito com posteriores obras: "A Guerra e a Revolução" (1917), "A Catástrofe Iminente e como combatê-la" (1917), "O Estado e a Revolução" (1917), além de outras. Não obstante, em "O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo" Lênin apontou a imbricação dos interesses da oligarquia financeira e do Estado, bem como os objetivos econômicos do capital monopolista e a política do Estado.

Após a II Guerra Mundial surge o capitalismo monopolista de Estado. Na época da livre concorrência, dado o fracionamento da produção, o Estado tinha seu papel reduzido ao de fiscal das condições gerais de funcionamento do sistema capitalista. Com o advento dos monopólios agravaram-se as contradições, surgiram greves e o empobrecimento. Surgiu pois a necessidade de o poder do Estado e o dos monopólios se unirem a fim de regular as relações de produção e garantir a acumulação da burguesia monopolista. Deu-se então a união orgânica entre o Estado e os monopólios.

A sincronia entre os interesses do Estado burguês e os da grande burguesia financeira enseja a união pessoal entre os mesmos. A união pessoal dos bancos com a indústria se completa com a união pessoal dos monopolistas bancários e industriais com o governo. As grandes empresas passam a arregimentar altos funcionários públicos dominadores dos segredos da máquina estatal, que aceitam de bom

grado fazer parte do mundo dos negócios porque se trata de uma oportunidade de melhorarem suas posições. Facilita-se então sobremaneira a relação do grande capital com as autoridades. Neste processo acontece uma mutação no papel do Estado, pois ele relega a um plano secundário a representação do conjunto do capital para tornar-se um instrumento dos monopólios e da oligarquia financeira. Esta particularidade é dificilmente percebida nas etapas de crescimento econômico. Nos períodos de crise entretanto nota-se nitidamente a política de favorecimento aos monopólios, pela concessão de subsídios, incentivos fiscais e empréstimos de Estado, de forma a ajudá-los a suportar a conjuntura adversa.

Mas se o fenômeno do capitalismo monopolista de Estado começou a manifestar-se passada a Primeira Guerra Mundial, a sua consolidação só foi dar-se a partir dos anos 30, especialmente após a II Guerra. No período da Grande Depressão a crise que assolou os países capitalistas destruturou a economia das grandes potências e desiludiu os teóricos que pregavam o afastamento do Estado da economia. Com a intensificação da luta de classes no mundo, greves e oposição ao capitalismo, a oligarquia financeira foi compelida a solicitar ajuda ao Estado. A burguesia, influenciada pelas idéias de Keynes, que pregavam a reforma de certos aspectos do capitalismo a fim, de evitar a sua deterioração , , foi obrigada a aceitar algumas medidas não muito agradáveis a fim de manter-se: nacionalização de alguns bancos, empresas e setores industriais; instituição do seguro desemprego; teve que concordar com a política de dé-
Í: i 'cits públicos do Estado, entre muitas outras. A idéia ge-

ral da burguesia era voltar a situação anterior uma vez cessada a instabilidade. Foi um grande equívoco.

"O Estado passou a ser grande proprietário, começou a interferir nos ritmos de renovação e ampliação do capital fixo, regularizar a taxa de acumulação, modificar totalmente a estrutura setorial da economia e a localização geográfica das empresas; em outras palavras, o Estado burguês passou a ser elemento decisivo na reprodução capitalista."

Passou a haver uma intervenção pública na economia do imperialismo. O Estado torna-se empresário, com o fim principal de aumentar o lucro das empresas monopolistas; manter e explorar o capitalismo, e passa a intervir na economia. Atualmente países como Alemanha, França e Inglaterra mantêm uma estatização muito grande (50% ou mais) em setores como correios, telecomunicações, eletricidade, gás, ferrovias, estaleiros, linhas aéreas e indústria carbonífera. Surgem as empresas estatais, cujo fim é o de fomentar o capitalismo. Elas ajudam a acumulação monopolista, uma vez que fornecem insumos básicos, comumente a baixos preços, às grandes empresas.

Hão se pense ilusoriamente que a intervenção estatal seja uma espécie de transição democrática e pacífica do capitalismo para o socialismo. Diz V. Trepelkov:

"Por sua natureza sócio-econômica a propriedade do Estado não se diferencia da propriedade capitalista. O caráter da empresa estatal é determinado pela natureza de classe do Estado burguês. Assim, essas empresas assumem uma forma de propriedade capitalista: primeiro, não pertencem a toda sociedade, mas à classe que detém o poder político. Segundo, é um meio de exploração da classe operária. Por isso nos países imperialistas esta

é propriedade da burguesia monopolista, base da dominação econômica e política da oligarquia financeira." (2)

Desde o aparecimento do capitalismo monopolista de Estado, este último tem aumentado sua participação na renda nacional."Se no período da I Guerra Mundial essa participação se situava, nos principais países capitalistas, em torno de 15%, no início da década de 70 esse percentual aumentou extraordinariamente: na Inglaterra representa 50%,

na França, cerca de 45% na Alemanha 35% e nos Estados Unidos e Japão cerca*de 20%". (3)

A exportação de capital favorece o estreitamento de vínculos entre o Estado e monopólios, uma vez que ela se dá comumente sob a forma de créditos e empréstimos de Estado. O capital dá grandes rendimentos devido aos juros que produz pela aplicação usurária. Isto é uma forma, de parasitismo praticado em nível estatal.

O capital monopolista e o Estado atuam ativa e conjuntamente na partilha econômica do mundo. Este concerto já se havia evidenciado por ocasião das conquistas territoriais, que era uma maneira de apoiar a expansão econômica dos monopólios. Na era do capital financeiro os monopólios de Estado e os privados se interpenetram formando um todo, passando a representar mais um degrau da escala dos monopólios pela partilha do mundo.

3.2-0 fenômeno da dependência

Na década de 30 surgiram algumas teorias não marxistas no estudo das relações internacionais, atingindo sua maior amplitude após a II Guerra Mundial, que sustentavam

que o imperialismo era um fenômeno em perda de vigência e portanto insuficiente como parâmetro para a análise de tais relações, especialmente no pós-guerra. Para essas teorias o imperialismo é definido como a conduta expansionista de um Estado na busca da edificação de um império. Nestes termos aquele seria um fenômeno pertencente ao passado, subsistente em apenas algumas políticas temporal e espacialmente limitadas. Destacam-se entre as referidas teorias a da "escola realista americana", que tem entre seus artífices Hans Morgenthau e Georges Kennan, e a "teoria diplomático-estratégica" de Raimond Aron.

Contrapondo-se às concepções dominantes das relações internacionais, no final dos anos 50 sobre estas últimas surge um novo enfoque de inspiração marxista-leninista. Essas concepções conformam as "teorias do neo-imperialismo", assim conhecidas por serem consideradas as herdeiras da visão leninista sobre o mesmo, com uma adaptação desta às novas condições históricas, e por buscarem em Lênin os pressupostos teóricos explicativos das relações internacionais contemporâneas e o seu desenvolvimento.

A corrente neo-imperialista vê a dependência ⁽⁴⁾ como consequência direta da exploração do Terceiro Mundo pelos países imperialistas, em radical oposição às concepções dominantes das relações internacionais, que vêem os empecílios ao desenvolvimento no interior dos países do Terceiro Mundo e na sua organização social e econômica. Ela denuncia a descolonização como sendo um processo meramente formal e que, sob a sombra do capitalismo como determinante das relações internacionais, continua a exploração daquele grupo de países, agora através de meios informais.

Entre seus representantes estão Paul Baran, Paul Sweezy e Samir Amim, além de outros.

As teorias do neo-imperialismo partem do princípio de que o fenômeno que estudam representa uma fase particular da evolução do capitalismo e é gerador de várias relações de dependência.

Uma de suas noções basilares são as de centro e periferia. Num primeiro momento, centro, também chamado metrópole, é o pólo imperialista, enquanto que a periferia é a designação do conjunto dos países dominados. A seguir distingue-se no próprio centro um centro e uma periferia, pois as metrópoles são dominadas por uma classe dirigente que explora o operariado. Também se constata na periferia um centro e uma periferia; o centro da periferia é constituído pela elite dirigente, que é a representante do capitalismo monopolista nos países dependentes.

O tema central deste enfoque teórico pode enunciar-se assim: a criação, a reprodução e o desenvolvimento de uma relação estrutural de interdependência assimétrica entre o centro e a periferia no marco do capitalismo mundial, tem como consequência o subdesenvolvimento e a exploração da periferia pelo centro. Em outras palavras, o desenvolvimento do centro e o subdesenvolvimento da periferia são elementos complementares e indissociáveis de um mesmo processo que se inscreve na estrutura do sistema capitalista mundial. Assim pois, o sistema internacional está marcado pelo imperialismo do centro com respeito à periferia, e este imperialismo mantém e desenvolve uma relação de dependência estrutural da periferia em relação com o centro, o que implica que o desenvolvimento do centro se acompanha do subdesenvolvimento da periferia.

Este tema central permite ser dividido em três planos de análise: causas, meios e conseqüências. O imperialismo contemporâneo, cada um com vários temas específicos enfocados pelas teorias do neo-imperialismo através de seus autores, cuja resenha, dado o paralelismo e a variedade de abordagens, faz-se necessária. Inicialmente se analisarão as causas.

Tanto o imperialismo de nossos dias quanto o do século resultam das contradições do capitalismo. *

"Com o desenvolvimento do capitalismo e com o progresso da ciência e da tecnologia, se assiste a uma diminuição tendencial das taxas de lucro originada pela elevação da composição orgânica do capital, quer dizer, pelo aumento da parte do capital estável (instrumentos de produção: edificações, equipamentos, instrumental e matérias-primas). (...) Quanto mais avançado está um país em seu desenvolvimento, mais baixas são as taxas de lucros. Assim, o imperialismo é também, a conseqüência da luta contra a diminuição tendencial das taxas de lucro, pois a política da expansão é a condição vital não da manutenção, mas do aumento das taxas de lucro."

Segundo vários autores, a disparidade das taxas de remuneração do capital no centro e na periferia é um dos motores do imperialismo. Esta constatação encontra fundamento na lei da diminuição das taxas de lucro, levando-se em conta o papel representado pela exportação de capitais para a periferia após a II Guerra Mundial e os lucros elevados que isto supõe no Terceiro Mundo.

Destaca-se a posição hegemônica ostentada pelos Estados Unidos. A sua parte na exportação de capital era 6,3% em 1914 e passou a 58,1% em 1960, ao passo que o re-

ferente à Inglaterra diminui de 50,3% para 24,5%. sendo que semelhante redução proporcional se deu também com a Alemanha e a França.

As taxas de lucros são superiores no Terceiro Mundo, numa ordem de 3 ou 4 vezes mais. Isto é de tal modo vantajoso que os investimentos podem ser amortizados em cinco anos, segundo algumas estimativas.

Um 85% dos lucros são reenviados aos países do centro, o que leva autores como Samir Amin a afirmar que na realidade são os países dependentes que fornecem capitais aos imperialistas, e não o contrário.

Para os teóricos do neo-imperialismo a exportação de capitais ajudou no estabelecimento da redução tendencial das taxas de lucros.

O incremento da exportação de mercadorias é também uma contradição do desenvolvimento do capitalismo e serviu igualmente para frear a redução tendencial das taxas de lucro. Ela é inseparável da exportação de capitais, já que ambas são intrínsecas à dinâmica capitalista, cujo principal motivo é a busca de lucros. A característica da fase monopolista do capitalismo é justamente a conjugação e o reforço mútuo de ambas numa escala superior, dado que tanto uma como outra já se notavam na fase concorrencial,

"A permanente contradição entre a capacidade de produzir e consumir, reflexo da contradição essencial do modo de produção capitalista, é superada sem cessar, por sua vez, tanto como pelo aprofundamento interior ('capitalista puro') como por sua extensão exterior. Não obstante, não se pode negar que esses intercâmbios se dêem de maneira muito mais im-

portante entre os países industrializados que entre estes e o Terceiro Mundo. Com efeito, se bem o Terceiro Mundo dirige a maior parte das suas exportações aos países do centro, a parte das exportações dos países industrializados para a periferia tende a crescer. Por conseguinte a tendência é o crescimento dos intercâmbios entre os países capitalistas industrializados o que constitui o elemento principal deste crescimento do comércio mundial. É por isso que o imperialismo, tal como é definido pelos autores neomarxistas, não só se manifesta em relação centro-periferia como também nos intercâmbios entre os próprios países capitalistas." (7)

Fenômeno idêntico se dá com a exportação de capitais na etapa atual, como já foi visto.

A ocorrência de excedentes nas potências capitalistas é considerada também uma causa do imperialismo e responsável imediata pelo militarismo. Para autores como Samir Amin e Pierre Jalée o surgimento de um "surplus" se dá concomitante ao decréscimo tendencial das taxas de lucro, pois à medida que estas tendem a baixar o Estado capitalista se empenha em manter vários setores improdutivos, com alta lucratividade, como é o caso da indústria armamentista. Resulta daí o enorme incremento do militarismo, fenômeno produzido pelo capital parasitário que favorece a expansão do imperialismo.

Outros autores como Paul Baran e Paul Sweezy questionam se a lei do decréscimo tendencial das taxas de lucro é ainda vigente na fase superior do capitalismo. Eles substituem esta lei pela do aumento do "surplus". No capitalismo monopolista há uma baixa dos custos de produção, decorrente do aprimoramento, racionalidade e progressividade

do mesmo. As grandes empresas reduzem seus custos para aumentar a margem de lucro, o que aliado à estrutura monopolista do mercado lhes possibilita apropriar-se do maior quinhão proporcionado pela produção em alta escala. Por sua parte as taxas de lucro importam em benefícios globais em função do aumento absoluto, bem como na distribuição das rendas nacionais. Se se identificar o benefício global com o "surplus" econômico da sociedade chegar-se-á à conclusão de que: no capitalismo monopolista aquele tem a tendência de aumentar relativa e absolutamente a medida que o sistema se desenvolve.

Uma das maneiras de interverter o "surplus" e evitar sua estagnação é a aplicação no ramo de armamentos, o que engendra o militarismo. Para legitimar este emprego do excedente a elite dominante criou e propalou o anticomunismo e a Guerra Fria.

Desta maneira, após a II Guerra Mundial os gastos em armamentos nos países imperialistas constituíram um formidável complexo industrial-militar envolvendo uma grande variedade de interesses econômicos e políticos que é responsável pela militarização da sociedade, representa um dos elementos da dinâmica capitalista e incita os países a intervenções militares no exterior. O país piloto do militarismo e do armamentismo de hoje são os Estados Unidos.

Além das contradições internas do capitalismo (decréscimo tendencial das taxas de lucro), a dependência do centro para com a periferia quanto a ^(8) matérias-primas é tida como causa do imperialismo; a principal, segundo autores como Pierre Jalée, uma vez que a exportação de capitais e a expansão dos mercados representaria, no presente,

papel apenas secundário como sustentador da diminuição das taxas de lucro.

Os Estados Unidos, à semelhança dos restantes países imperialistas, dependem muito da periferia no que se refere a matérias-primas, e esta realidade, idet< rrain 1-0- i dos os seus objetivos e praticas militares ^ . " ^ ^ ii' i éstratêdp cjo.S':.'- ' Apesar de possuírem matérias-primas em abundância, e clara' nas economias capitalistas desenvolvidas a necessidade de captar no exterior insumos específicos. Esse é também o caso dos Estados Unidos, que já nos anos 30 importavam - 30,5% dos seus minerais de ferro, 64% de sua bauxita, 65% de seu cobre, 9% de seu chumbo e 4% de seu zinco. Depois da guerra esta dependência inclusive cresceuposto que nos anos sessenta os Estados Unidos "tiveram que importar 32% de seu mineral de ferro, 98% de sua bauxita, 35% de seu chumbo e 60% de seu zinco. Desde fins dos anos cinquenta Uj os': Estados Unidos importavam mais da metade de seus metais e cerca de 60% de sua la".

É no Terceiro Mundo que este país consegue a maior parte de seu abastecimento. Este vínculo é a razão de toda a sua estratégia e atuação política e militar re- ■ ferente àquele, bem como todo o sistema de alianças contra-revolucionárias levado a cabo a partir da II Guerra Mundial para o domínio sobre o Terceiro Mundo, já que dada a sua instabilidade política e a constante propensão a movimentos revolucionários, a suscetibilidade de eventuais perdas de influência determinou o implemento de uma diretriz de sufocação de movimentos de libertação nacionais.

è neste ponto, o da análise da política exterior dos .çal-j/; ' r , : : r:i ses imperialistas, que reside a importancia fundamental.,;';

a correção e a superioridade; das teorias marxistas-leninistas do imperialismo na apreciação das relações internacionais.

Generalizando, todos os países imperialistas guardam uma dependência dos menos desenvolvidos quanto a muitas matérias-primas. As necessidades daqueles em relação a estes é de 55% de petróleo, 35% de ferro, 64% de bauxita, 85% de cromo, manganês e antimônio, 70% de cobalto, 82% de estanho e 40% de cobre.

A parte do Terceiro Mundo na extração de matérias-primas é menos importante que a dos Estados Unidos e um que outro país desenvolvido. Entretanto deve-se considerar que a desvantagem em relação ao primeiro tende a reduzir-se, além do que em alguns setores a supremacia é sua e noutros tende a sê-lo, como no de hidrocarbonetos e de vários minerais metalíferos, como o ferro, bauxita, cromo, manganês, cobalto e antimônio. As necessidades decorrentes do desenvolvimento da tecnologia moderna tendem a aumentar a dependência de alguns elementos, como aconteceu há tempos com o colúmbio e o cobalto, necessários à fabricação de reatores de aviões, cujas reservas se localizam todas no Terceiro Mundo.

As teorias do neo-imperialismo e da dependência apontam vários meios de que se valem os países imperialistas para a exploração da periferia.

3.2.1.1- Troca desigual. Exportação de capital.

Ajuda

Os países da periferia exportam para os do centro fundamentalmente matérias-primas ou produtos beneficiados e importam quase que exclusivamente produtos manufaturados.

Esta relação de troca é resultado da dominação colonial que transformou aqueles em agrário-exportadores, praticantes da monocultura e especializados no fornecimento de produtos, para as metrópoles (chá, café, borracha, açúcar). Esta especialização persiste até hoje.

As matérias-primas e produtos semi-acabados dos países do Terceiro Mundo são trocados por preços desvantajosos, além de a tendência ser de os mesmos baixarem continuamente, enquanto os dos produtos manufaturados aumentam, como já foi visto anteriormente.

Há uma divisão internacional do trabalho de natureza vertical, que se mantém principalmente devido às tarifas alfandegárias que prejudicam os produtos não acabados oriundos dos países dependentes.

Alguns autores estimam que a divisão internacional do trabalho é um elemento secundário na exploração, sendo o fator principal a disparidade entre os níveis salariais no cenário internacional. Efetivamente, se os termos das trocas são desproporcionais e se degradam, isto se deve a que os salários da periferia, no melhor dos casos, aumentam pouco, ao passo que os do centro se elevam com rapidez. Isto atende ao seguinte raciocínio:

"Enquanto que o capital é móvel no nível internacional e que a taxa de lucro tende a igualar-se com o tempo, o trabalho, pelo contrário, é relativamente imóvel no plano internacional, e os salários não tendem, pois a igualar-se nos distintos países do mundo. Nas relações comerciais internacionais, estas diferenças de salários, l 'aõ j hãõ' ■ repercutirem nos lucros - já que ' este's' |ten|²'r'! dem a igualar-se pelo jogo da mobilidade do capital - o fazem sobre os preços. (11)

Nesta ótica o fator principal no intercâmbio desigual é assim a diferente exploração da força de trabalho ou, dito de outra maneira, ele consiste em trocar uma pequena quantidade de trabalho de alta remuneração por uma grande quantidade de trabalho de baixa retribuição salarial. Por tá;SO '- 'alguns ■ autores, como Samir Amin, preferem a expressão "condição desigual da exploração" à de "intercâmbio desigual".

já foram analisadas anteriormente as particularidades da exportaçãc^ de capitais na etapa atual.

A aplicação de capitais na periferia é tida como um dos meios do imperialismo. Ela se dirige principalmente para os setores mais interessantes da economia destes países, desprezando as atividades que viabilizariam um desenvolvimento independente. Seus alvos principais são a indústria de base (petrolífera, extrativa, agricultura), forçando à monoprodução e garantindo matérias-primas para seu abastecimento.

é conhecida, porém, a inclinação do capital estrangeiro manifestada desde os anos 60 em fazer investimentos na indústria manufatureira. Isto alterou o incipiente desenvolvimento da industrialização, aumentando a dependência da periferia, inclusive porque parte dos recursos econômicos locais eram destinados à indústria de artigos de luxo.

Sabe-se que o grosso dos lucros é remetido de volta aos países de origem.

"Observa-se sobretudo que, há uns dez anos, os lucros repatriados do Terceiro Mundo aumentam de maneira muito mais rápida que as inversões realizadas pelos países do cen-

tro. Em 1973, por exemplo, 11.500 bilhões de dólares de lucros foram repatriados do Terceiro Mundo, enquanto que as inversões realizadas durante esse mesmo ano pelos países desenvolvidos no Terceiro Mundo não foram senão de 7 bilhões." (1 2)

A ajuda econômica aos países periféricos, longe de ser motivada por sentimento de caridade, serve isto sim para explorá-los e mascarar uma necessidade do próprio capitalismo.

Tem ela as seguintes funções:

1) resguardar os países periféricos da bancarrota, o que poria término à exploração imperialista. Apóia-se as atividades rentáveis da periferia; despreza-se os setores desfavorecidos, como a pequena agricultura;

2) melhorar as condições de exportação do capital para a periferia através da criação e desenvolvimento de esferas de influência e campos de aplicação;

3) sustentar e incrementar exportações de mercadorias originárias do centro, o que se dá freqüentemente sob a forma de empréstimos vinculados, obrigando o país beneficiado a adquirir produtos a preços superiores aos do mercado mundial;

4) favorecer a socialização da periferia segundo os modos de produção e consumo dos países imperialistas, o que aumenta a dependência estrutural daquela. Entre os instrumentos mais comuns utilizados neste sentido estão os acordos culturais e de cooperação técnica;

5) garantir aos países doadores, um campo de influência política. Os países estrategicamente importantes recebem a maior parte da ajuda, que muitas vezes consta de

equipamentos militares. Isto gera uma grande dependência, que se estende aos setores político e econômico e serve também para assegurar a estabilidade política dos destinatários, desencorajando as tendências revolucionárias que poriam em perigo a posição estabelecida.

3.2.1.2- Órgãos Mundiais. Transnacionais. Domínio periférico.

A organização internacional atende aos interesses do imperialismo, reforçando as relações mundiais de dependência e condenando os movimentos de libertação nacionais.

Os principais órgãos que atuam neste sentido são o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Agência Internacional de Desenvolvimento (AID), o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) ou Banco Mundial, o Conselho Econômico e Social e as comissões regionais da ONU. O FMI tem como funções principais a estabilização das moedas dos países-membros, ajudá-los a enfrentar dificuldades nos pagamentos internacionais e a facilitar o desenvolvimento internacional, concedendo empréstimos a curto e médio prazos. A AID visa a promover o desenvolvimento econômico dos seus filiados pela concessão de empréstimos a longo prazo e menos onerosos que os comuns. O BIRD atua principalmente como fornecedor de assistência técnica econômica e empréstimos diretos a governos. O Conselho Econômico e Social, como órgão da ONU, visa a promover o progresso econômico e social geral de seus membros.

Estas são suas autoproclamadas funções principais. Na realidade ocorre uma interferência nos assuntos econômicos e sociais dos países do Terceiro Mundo, impondo um "racionalização" econômica cujo objetivo é manter estruturas de dominação e a imposição de modelos ortodoxos de economia que alienam e ajudam a manter o "status quo" social.

Como já foi visto, os monopólios internacionais operam uma transnacionalização da exploração e desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do imperialismo. Tais complexos - não são só industriais, mas também bancários e financeiros - inicialmente se implantaram na periferia com o objetivo de controlar as fontes de matérias-primas. Nos anos 50 tinham como prioridade reagir contra a competição das indústrias emergentes no Terceiro Mundo, com a prévia derrubada de obstáculos alfandegários, um dos mecanismos de defesa da incipiente industrialização terceiro-mundista.

Estes gigantes, organizados comumente sob a forma de conglomerado, implantam-se da seguinte forma; inicialmente exportam seus produtos para o Terceiro Mundo, estabelecendo organizações de venda. A seguir têm concessões para a fabricação de produtos. Finalmente criam novas filiais e assumem o controle da produção local, suplantando seus competidores.

Para melhor penetrar nos países estrangeiros as transnacionais investem pesadamente em campos de formação ideológica e de opinião; eletrônica, telecomunicações, formação e educação. Os países periféricos se veem inundados por programas educativos e informativos, séries de televisão e periódicos que propagam o modo de pensar capitalista.

O controle da periferia é feito hoje de maneira indireta, informal, normalmente sem a presença militar, política e administrativa característica da era colonial. A elite dominante é uma cabeça de ponte dos interesses do imperialismo nos países periféricos, pois, como vimos, na própria periferia há um centro. Tal elite, além de representar os interesses da burguesia internacional, introjeta e propaga, como herança do colonialismo, os valores culturais das metrópoles.

Alguns países do Terceiro Mundo representam pontos estratégicos do imperialismo. Trata-se de uma forma de penetração da periferia que consiste no alinhamento de um Estado no esquema imperialista em uma determinada zona geográfica. Chama-se isto de subimperialismo ou imperialismo regional, e o Brasil é um caso típico. Convertido em apêndice do imperialismo dos Estados Unidos dada a sua importância geoestratégica na América Latina, este país foi centro de importantes esforços no sentido de lhe proporcionar uma estabilidade econômica internacional, forma a constituir-se num centro de produção e distribuição regional capaz de facilitar a penetração imperialista na periferia.

"A fragmentação da periferia é herança do colonialismo e se expressa pelo fato de que os países do Terceiro Mundo têm o essencial de suas relações econômicas e culturais com os países industrializados, especialmente com sua antiga metrópole, e que seus intercâmbios mútuos, fora da esfera política, são limitados. Esta ausência de laços horizontais não é só evidente entre grandes zonas regionais senão também entre os vizinhos."

A manutenção dessa fragmentação é um dos princípios do imperialismo.

Um exemplo característico é o do intercâmbio comercial da Comunidade Econômica Européia com os países da África. Há fomento ao estabelecimento de relações bilaterais do mesmo tipo que as antigas práticas coloniais.

3.2.2- As conseqüências do imperialismo

Os examinados meios através dos quais se impõe o imperialismo perpetuam e agravam a dependência estrutural, que se manifesta em vários aspectos.

Em princípio a estratégia dos países imperialistas é manter a periferia numa estrutura econômica monoprodutiva, nos moldes da época colonial. Estas economias ficam assim totalmente vinculadas às flutuações conjunturais e mudanças do mercado, tornando-se dependentes do comércio internacional comandado pelas potências.

Em muitos países do Terceiro Mundo desenvolve-se uma industrialização ainda incipiente, que também se insere na dependência estrutural, uma vez que é comumente controlada e orientada desde o exterior pelos grandes monopólios. Devido à crise dos anos 30, começou a desenvolver-se nos países não imperialistas um setor industrial voltado para o mercado interno e que tinha como propósito efetuar a substituição dos bens de consumo que até o momento importavam. Simultaneamente ocorre um rápido desenvolvimento tecnológico nos países imperialistas, o que obriga estes a renovarem em períodos cada vez menores a sua aparelhagem,

descartando máquinas e **perfeito Estado** de funcionamento devido a isto é incentivada a exportação de máquinas e instrumentos que se tornaram obsoletos nos países desenvolvidos, mas que são de tecnologia **avançada** para os países do Terceiro Mundo.

O capital estrangeiro passa então a instalar-se crescentemente nas indústrias transformadoras. Este setor estava, desde a Grande Depressão, nos domínios da burguesia nacional, que sofre pressões do capital imperialista e sua tecnologia. Para poderem manter-se as burguesias nacionais têm como única saída a sua união com o capital imperialista, tornando-se dele dependente e perdendo o caráter nacional. A esta dependência da indústria dos países subdesenvolvidos decorrente de empréstimos e investimentos do capital estrangeiro denomina-se dependência industrial.

O controle da indústria pelos imperialistas faz com que esse setor econômico terceiro-mundista deva adaptar-se ao ritmo e forma de desenvolvimento da mesma nos países centrais, o que acarreta a utilização da tecnologia da qual estes se desfazem. Originam-se assim outra forma de dependência: a tecnológica. A indústria dos países periféricos não podem produzir suas próprias máquinas, os componentes e as fórmulas de produção; têm de gastar somas vultosas na aquisição destes equipamentos e pagar os chamados "serviços tecnológicos", isto é, direitos de usar tais inovações, técnicos que as instalam, etc. A dependência tecnológica é atualmente um dos grilhões mais fortes que prendem os países pobres. A dependência e os serviços que se pagam pelo emprego da tecnologia aumentam e se alastram por outros ramos industriais, como a química pesada, a energia nuclear e a eletrônica, cuja dependência tecnológica é praticamente quase total em relação ao exterior.

. A adoção de uma tecnologia avançada em países, pouco desenvolvidos acarreta sérias distorções na economia, como a extinção de pequenas indústrias que não podem competir com as modernas. Isto tem como conseqüência o desemprego de um grande contingente, despedido pelas pequenas empresas que sucumbem. Esta mão-de-obra não consegue colocar-se nas grandes empresas, que por utilização da alta tecnologia empregam uma quantidade reduzida de operários. A dependência tecnológica vem assim juntar-se às costumeiras dependências comercial (produtos que se compram e se vendem aos países imperialistas) e financeira (empréstimos, investimentos).

Além de tudo os países periféricos sofrem mais perda de autonomia, uma vez que os meios tradicionais da política econômica - fiscalização, política monetária, medidas antitruste - tornam-se menos eficazes quando grandes setores da economia são controlados pelo capital estrangeiro .

O capitalismo periférico é uma estrutura de dependência decorrente do imperialismo que permite ao centro explorar a periferia. Essa exploração, que conta com a conivência da periferia, resulta, como foi examinado, do intercâmbio desigual, da deterioração dos termos de troca, da remessa dos lucros e da exploração das matérias-primas sem equivalentes de desenvolvimento para os países periféricos.

Segundo Pierre Jalée a deterioração dos termos de intercâmbio seria < de 19% de 1954 a 1965, o que significa de modo concreto que os países do Terceiro Mundo deviam, em 1965, incrementar em 19% suas vendas de produtos básicos

ao exterior para obter a equivalente quantidade de bens
manufaturados oriundos do centro em 1954. (14)

É mais difícil determinar as taxas de lucro dos investimentos do centro na periferia. Samir Amin estima que a taxa média de remuneração desses capitais se situa entre 20 e 30%. Além disso, Pierre Jalée considera que 15% desses lucros são reinvertidos no lugar, e que o total de lucros remetidos elevou-se de 4,9 bilhões de dólares em 1964 a 7,8 bilhões em 1969-1970, para atingir 8,8 bilhões em 1970-1971 .

Os mecanismos de exploração imperialista impedem um desenvolvimento autocentrado da periferia e mantêm a sua economia em uma atividade voltada para o exterior.

"Assim sendo, Samir Amin tentou mostrar que, se num sistema autocentrado a articulação determinante dos modos de produção é a que vincula o setor **do** consumo de massa **com** o dos bens de equipamento::, em um **sist''ina** periférico, pelo **cnnti'ário**, essa articulação **se** situa entre **o** rotor **das** exportações **c do** luxo. Dn outras **palavras**, a industrial **Í7.,ição da** periferia comoça n^-cossarlamente [X'la jivoduf,-rto de bens luxuosos, **o** que acentua a disparidade social e torna problemática a **criação** de verdadeiros pólos de desenvolvimento." (17)

Para alguns países podem ocorrer fases **momentâneas** de crescimento setorial ou "milagres econômicos", mas **a** saída do histórico atraso **é** impossível se persistir **a** especialização internacional. Se **para** alguns produtos **ou** mesmo alguns países as exportações podem crescer vertiginosamente, para o resto da periferia as vendas para o **centro** não podem crescer mais rapidamente que a demanda do próprio, ou seja, de acordo com o seu ritmo de expansão. Isto nao

impede que em alguns casos ocorra um certo desenvolvimento em algum setor isolado, ainda que não seja autocentrado; mas isto se explica pela razão de que o imperialismo precisa de algum progresso nos lugares em que exerce seu poder.

O capitalismo monopolista traz intrínseco à sua própria dinâmica o agravamento da dependência da periferia, já que ocorre a apropriação do "surplus" em todos os níveis do sistema. Há um desenvolvimento do subdesenvolvimento.

Por essas razões é impossível ao Terceiro Mundo encontrar o caminho do verdadeiro desenvolvimento sem desembaraçar-se da especialização internacional, atributo do capitalismo em seu estágio superior.

A estrutura social da periferia está condicionada pela exploração imperialista.

"Assim como o sistema econômico da periferia não pode compreender-se em si mesmo, já que suas relações com o centro são básicas, do mesmo modo a estrutura social da periferia é uma estrutura truncada que não pode ser compreendida se não se a situa em seu verdadeiro lugar: como elemento de uma estrutura social mundial." M)

É por isso que se quer evidenciar a inexistência de uma homogeneidade estrutural em nível da produção.

"Ao haver desarticulado o imperialismo os modos de produção do Terceiro Mundo e haver provocado, em função de suas necessidades, o desenvolvimento artificial de alguns setores das economias periféricas, estas últimas não puderam ter um desenvolvimento geral e orgânico, e foram marcadas por uma heterogeneidade estrutural crescente. Este processo engendrou naturalmente uma heterogeneização, também crescente, das formações so-

ciais do centro, que se manifesta na polarização burguesia-proletariado, correspondendo na periferia uma divisão crescente das formações sociais⁽¹⁹⁾.

O agravamento das desigualdades sociais, a proletarização das classes médias, assim como a repressão, a discriminação cultural, racial e política também são decorrentes da heterogeneidade das formações sociais.

Os povos antes colonizados acabaram por interiorizar os valores, os costumes e a maneira de pensar dos opressores, passando a reproduzi-los após a descolonização. Este processo, na sua essência, ainda se mantém e é perpetuado no imperialismo contemporâneo, agora por intermédio da ação das transnacionais, dos meios de comunicação e inclusive da ciência e da tecnologia, já que estes dois em absoluto não são ideologicamente neutros.

Obviamente que as classes dominantes têm um papel primordial no processo, a partir do qual ocorre a penetração cultural do imperialismo.

As várias consequências do imperialismo estudadas até agora referem-se à periferia, ou mais precisamente à periferia da periferia. Diversamente, os conflitos que surgem como resultados dos interesses imperialistas atingem a todo o sistema internacional.

Um dos principais objetivos de Lenin foi o de formular uma teoria explicativa dos conflitos na era do capitalismo monopolista. Os autores neomarxistas em geral desprezaram esse aspecto da análise para centrarem-se na dependência. Tendo presente que as ditaduras militares e a repressão dentro das sociedades terceiro-mundistas são reflexos do imperialismo, eles implicitamente parece terem a-

bandonado a concepção de que as guerras são consequência necessária da competição entre Estados capitalistas. Isto não quer dizer que tenham caído na hipótese de Kautsky referente ao ultraimperialismo, segundo o qual o imperialismo prescinde da guerra para manter-se. Esta é tida hoje em dia como uma eventualidade ou a culminância possível de esforços despendidos no combate ao socialismo ou aos movimentos de libertação nacionais, potencializados pela existência do complexo industrial-militar. Diz-se a partir daí que o imperialismo após a II Guerra Mundial passou à defensiva do ponto de vista bélico.

"Efetivamente, a II Guerra Mundial não só favoreceu a passagem de numerosos países ao campo socialista como minou os impérios coloniais, que foram derrubados pouco a pouco sob a pressão dos movimentos nacionais de libertação. Ao sair consideravelmente reforçado do conflito mundial, os Estados Unidos impuseram sua hegemonia ao conjunto do campo imperialista e lançam a Guerra Fria, com o fim de frear em todas as partes as forças progressistas. No Terceiro Mundo os Estados Unidos sustentaram os governos mais reacionários, não duvidando em recorrer a guerras regionais ou a intervenções para combater os movimentos nacionalistas e revolucionários. A guerra do Vietnã ilustra bem, para os neomarxistas, esta estratégia imperialista.

De modo geral os autores neomarxistas opinam que as relações Norte-Sul, envolvendo a ação imperialista, são suscetíveis de gerar conflitos militares. Se apesar disso não resultaram guerras abertas, isto se deve à posição de cabeça de ponte do imperialismo representada pelas classes dominantes nos países periféricos.

Segundo Brailland e Senarclens as conseqüências do imperialismo, de acordo com o marco explicativo proposto por Lênin, são: 1) a sobrevivência do imperialismo; 2) as lutas imperialistas; 3) o colonialismo. Por razões similares pode-se alinhar o neocolonialismo entre as demais conseqüências do neo-imperialismo.

A maioria dos países do Terceiro Mundo conquistou sua independência na primeira metade do século XIX. Mas é uma independência formal; esconde-se uma dominação política que surge e se mantém através da dependência econômica face ao imperialismo, denominada neocolonialismo. Trata-se de uma forma de dominação bastante ampla na qual há o emprego de alguns dos meios já vistos. Neste particular podemos citar:

a) auxílio econômico em troca de vantagens;

b) concessões militares em troca de vantagens;

c) constituição de aliados internos. Para assegurar a sua política o imperialismo busca o apoio dos latifundiários, capitalistas monopolistas, dirigentes dos aparelhos de Estado, forças armadas, etc.

d) ações para dividir o movimento operário; — estímulo à criação de sindicatos reformistas e pró-imperialistas, etc.

e) apoio a ditaduras e movimentos reacionários;

f) intervenções diretas.

3.3- A crise mundial do sistema imperialista

Os fenômenos do imperialismo contemporâneo examinados anteriormente, bem como o que será analisado no próximo capítulo, são de consagrada acolhida por uma grande

parte de autores marxistas que se dedicam ao estudo do imperialismo. Entretanto o fenômeno ora em questão resulta das análises de alguns cientistas soviéticos, especialmente de V. Trepelkov.

Tendo em vista objetivos essencialmente práticos, como o de explorar as possibilidades revolucionárias que o momento histórico oferecia, Lenin afirmava que o imperialismo era a véspera da revolução. Isto é perfeitamente válido levando-se em conta que é na etapa imperialista que se aguçam todas as contradições do capitalismo. O reconhecimento de que este vem atravessando há várias décadas uma crise geral não colide com aquela afirmação e, por outro lado, tal constatação só pôde ser feita após a análise do desenvolvimento do imperialismo após Lenin. Não obstante, sua obra já havia dado margem a reflexões nesse sentido quando estabeleceu que o imperialismo é o capitalismo agonizante e em decomposição.

As crises acompanham o capitalismo há mais de um século e meio. Inicialmente eram crises restritas a um só país; posteriormente passaram a ter caráter universal, repetindo-se com periodicidade até os dias de hoje. Diz G. Chérnikov: "Em seus primórdios as crises se repetiam num intervalo de 10-11 anos, o que reflete as dificuldades cada vez maiores desse modo de produção". (21) [^] Eram crises cíclicas.

Entretanto não é o caso de examinar-se esse tipo de crises, mas outro mais profundo e radical, que é a crise geral do imperialismo, aquela que mina as bases do próprio sistema capitalista. Aquelas são passageiras e resolúveis; esta é insolúvel dentro do sistema, envolvendo a sua própria estrutura; é progressiva e inexorável.

Mas pergunta-se: que crise é essa que já dura tanto tempo e não chega ao final? "A crise geral do capitalismo é um processo histórico. Da mesma maneira que o capitalismo levou uma época histórica [para se consolidar, também levará uma época histórica para completar seu processo de desmoronamento".^{22} Ela não é consequência de erros ou acertos de determinado governo capitalista, de uma ou outra linha política, mas resultado do aguçamento de todas as contradições e da crescente contestação dos povos ao imperialismo.

Deve-se frisar que o processo de desmoronamento não é linear, apesar de ser irreversível.

"É que, como diz Trepeikov, tudo na história, e especialmente na época do capitalismo, faz parte de um processo que avança de maneira desigual, com fluxos e refluxos, num crescente dialético onde se combinam mudanças quantitativas. Ora sobressaem-se os traços particulares de crise, ora essa atinge o conjunto do sistema. Mas seu sentido mais amplo aponta de maneira ascendente na direção do enfraquecimento cada vez maior do sistema capitalista na sua fase atual. Por isso, o processo é irreversível".
(23)

3.3.1- Etapas e traços fundamentais da crise do capitalismo

Expõem-se a seguir as teses fundamentais sobre o tema do economista soviético V. Trepeikov, que apresenta os quatro traços fundamentais da crise geral do capitalismo: o primeiro é a cisão do mundo entre dois sistemas opostos e a emulação entre eles; o segundo, a derrocada do sistema

colonial do imperialismo; o terceiro, o agravamento e a intensidade das crises econômicas imperialistas; o quarto é a crise política e ideológica da burguesia capitalista.

"Todo esses traços diferentes compõem um processo único /

deterioração do modo de produção capitalista (...) Cada etapa se distingue da outra pela desagregação do sistema capitalista, de um lado, e pelo aumento da influência do socialismo, de outro". (24)

a) A primeira etapa da crise geral do capitalismo teve início com a ocorrência da primeira revolução socialista, em 1917, e findou com o início da II Guerra Mundial. Com a revolução Russa o capitalismo deixou de ser um sistema único no mundo, e o imperialismo perdeu para sempre o domínio sobre 1/6 parte da Terra, assim como fontes de matérias-primas e lucros, esfera de investimentos de capitais e mercado de vendas.

O ritmo médio da produção industrial do capitalismo decresceu, diz Trepelkov: "Nos 20 anos anteriores à I Guerra Mundial a produção industrial capitalista aumentou, em média, - 5,8%, ao ano; em igual período posterior (1918-1940) o incremento da produção industrial atingiu uma média um pouco acima de 1,5%". ^^^^

Nesta etapa também houve um estreitamento e um aumento da intensidade das crises cíclicas: "De 1918 a 1940 ocorreram três grandes crises (20-21, 29-33 e 37-38), numa média de uma a cada sete anos, sendo que a crise de 1929-33 foi a maior da história do capitalismo: a produção industrial caiu 48%, e em alguns países esse índice atingiu 50-65%". ^^^^

Foi ainda neste período que a luta de classes exacerbou-se de tal maneira que as potências capitalistas que se atrasaram na partilha do mundo - Itália, Alemanha, e Japão - gestaram regimes facistas para restabelecer a ordem dos monopólios.

b) A luta dos monopolistas da Alemanha, Itália e Japão por uma nova partilha do mundo que lhes reportasse fontes de matéria-prima, mão-de-obra, canais de investimentos de capital e mercados de vendas, bem como pretendendo a destruição da União Soviética, ocasionou a II Guerra Mundial.

A segunda etapa inicia com a guerra e finaliza em meados dos anos 50, com a quase extinção de colónias sobre o globo.

Transforma-se radicalmente a relação de forças mundiais. Forma-se o sistema mundial do socialismo. O imperialismo perde 1/3 do mundo.

Nesta etapa os países capitalistas aumentaram a intervenção estatal na economia a fim de regular o ciclo económico. Assim mesmo, o imperialismo passou por três crises (1948, 1953 e 1957), estreitando-se mais e mais o intervalo entre cada uma. Também foi nela que muitos países conquistaram sua independência do jugo colonial.

c) Começa em meados dos anos 50 e foi marcada por uma formidável mudança qualitativa na rivalidade entre os dois sistemas. Por primeira vez na história a política de coexistência pacífica tornou viável a ocorrência de modificações na correlação de forças entre os sistemas socialista e capitalista sem o recurso à guerra.

Os dois principais traços, a transformação do sistema socialista em elemento decisivo no desenvolvimento econômico, político e social do mundo e o desmoronamento do sistema colonial, sob a influência dos movimentos de libertação nacionais, com vários países aderindo ao socialismo.

Aumentou a instabilidade econômica do capitalismo; a inflação transforma-se num problema crônico; aumento das desigualdades entre países imperialistas e dependentes; aguçamento das contradições entre trabalho e capital, pois o capitalismo monopolista de Estado obrigou a uma mudança qualitativa na luta do proletariado; crise no sistema monetário de Bretton Woods, manifestada pela oscilação constante do câmbio de várias moedas das potências capitalistas e o resultante abalo do padrão ouro, tendo como causa o debilitamento da economia norte-americana; crise energética: nos anos 60 o consumo de energia dos Estados Unidos e do Japão foi maior que a capacidade de geração interna. Compensava-se isto pela importação de petróleo, que na época era relativamente barato. Mas quando a OPEP decidiu impor um preço condizente a economia capitalista entrou em crise, causando um processo de reciclagem industrial ainda hoje incompleto. A posição tomada pela OPEP só se deu pela mudança na correlação de forças entre os dois sistemas, pois em épocas em que o imperialismo era mais forte uma medida como tal era impraticável.

A crise se completa com a crise ideológico-burguesa. Todo o sistema de comunicações dominado pela burguesia busca afanosamente a dissimulação da exploração capitalista.

"Apela-se para o Estado do Bem-estar social, para o capitalismo popular, para a democratização do capital, para a sociedade de oportunidades para todos, entre outros 'slogans' vazios. (...) O capitalismo tem vergonha de si próprio, procura mistificar sua essência^A". (27)

Como passa por maus momentos na luta contra o socialismo, procura compensar com fantasias suas debilidades ; criam-se super-heróis cinematográficos e em revistas.

d) As considerações feitas até aqui sobre a crise geral do capitalismo se baseiam nas teses de marxistas soviéticos, principalmente Trepelkov. Esta quarta etapa foi idealizada por E. Costa.

"Agora vamos arriscar-nos e ousar uma hipótese: com a crise de 1974-1975 o capitalismo entra na quarta etapa de sua crise geral . Na primeira parte perdeu um sexto do planeta e deixou de ser o único sistema de produção do mundo. Na segunda, um terço da Terra libertou-se do capitalismo, o socialismo transformou-se em sistema mundial e a luta entre os dois sintomas adquiriu novo patamar. Na terceira, o socialismo consolidou-se e avançou no mundo, os impérios coloniais desagregaram-se e o imperialismo perdeu a iniciativa histórica."

A quarta etapa sucede, como a terceira, sem que o imperialismo lance mão da guerra para resolver seus problemas. É uma crise que se situa num plano superior, com mudanças qualitativas e quantitativas de profundidade na estrutura capitalista. Surgiram fenômenos novos na dinâmica do imperialismo.

"Entre as principais mudanças qualitativas está a sincronização das crises. Nas décadas de 50 e 60 as crises não eram simultâneas nos países capitalistas, permitindo -V, nações em apuros escoar a produção para áreas não atingidas pelo problema. Mas a crise de 1974-1975, e depois a de 80-82 atingiram todos os países, reduzindo as possibilidades de manobra e apontando para uma nova fase do ciclo mundial único. Esse fenômeno é fruto da transnacionalização da economia (segmentação do processo produtivo a nível mundial, comércio intra-firma e circulação internacional de capitais, entre outros pontos), o que levou a uma interdependência cada vez maior entre as economias capitalistas." (29)

V. Martínov levantou as conseqüências da crise de 1974-1975:

"O PIB do Japão caiu 21% em comparação com os índices máximos anteriores à crise; o da França, 16%; o dos Estados Unidos, 15%; o da Alemanha Ocidental, 11%; e o da Inglaterra, 10%. O exército de desempregados nas economias desenvolvidas cresce de 8,5 milhões em 1973 para 15,3 milhões, no apogeu da crise. O comércio mundial sofreu uma brusca queda pela primeira vez no pós-guerra. A taxa de produtividade no setor produtivo privado (por hora de trabalho) também; diminuiu após a crise. Entre 1947 e 1965 a média de crescimento foi de 3,2; entre 1955 e 1973 caiu para 2,3% e, entre 1973 e 1979, ficou abaixo de 1%".

Em 1975 só foi utilizada 73,6% da capacidade instalada nas indústrias, enquanto que no período de 1948 a 1953 utilizou-se de 92 a 95%.

Consolidou-se outro fenômeno capitalista: a estagflação, processo já observado nos Estados Unidos em 1969. Nas crises cíclicas anteriores ocorria uma queda nos preços e, por conseqüência, uma diminuição do processo inflacionário. Mas agora a inflação aumentava nas retomadas da economia como nas fases de retração. Nos Estados Unidos a taxa média de aumento nos preços chegou a 10% no período da crise em questão.

Ela evidenciou a debilidade do capitalismo monopolista de Estado e os sonhos keynesianos do Estado de Bem-estar Social. Os dirigentes burgueses decidem recorrer ao monetarismo, já marginalizado na história. Com ele a elite imperialista dá início a uma nova fase em sua estratégia e contraria todo o esquema armado no pós-guerra.

Esta quarta etapa se deu em meio a um enfraquecimento do maior país imperialista, os Estados Unidos. Albert Norden constatou os avanços do Jnpao e da Comunidade Econômica Européia:

"De 1948 a 1973 quota-parte dos Estados Unidos na produção industrial do mundo capitalista reduziu-se de 51 para 41%. enquanto a do Japão cresceu de 1,2 para 10%, e a dos nove países da CEE de 23 para 25%, no mesmo período; a participação americana nas exportações mundiais diminuiu, no mesmo período, de 23 para 14,5%, enquanto a do Japão cresceu de 0,3 para 1,2%, e a da CEE de 23,7 para 43%. Em 1948 os Estados Unidos possuíam 53,3% das reservas em ouro e divisas no mundo capitalista, mas em 1973 detinham apenas 8%, enquanto a CEE aumentava a participação de 10 para 38,2%." >

Norden diz que uma das conseqüências da modificação na relação de forças dos três centros imperialistas foi a falência da ordem monetária de Bretton Woods.

Continua a progressiva restrição da ordem imperialista, e extensão da socialista. Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Etiópia, Nicarágua, Irã, Afeganistão abandonam a órbita capitalista, várias nações se reúnem numa organização com o fim de exigir preços condizentes para o petróleo - a OPEP. O sucesso da OPEP só foi possível porque o imperialismo estava enfraquecido, pois antes uma atitude de tal tipo ensejaria medidas de força como invasões e derrubada de governos.

3.3.2- A nova crise de 1980-82

Alguns fatos novos surgidos em 74-75 consolidaram-se em 1982; outros intensificaram-se.

"Em meados de 82 a produção industrial dos Estados Unidos era 11% inferior á verificada na fase de retomada máxima anterior á crise; na Inglaterra a queda foi de 15%, de acordo com a mesma comparação; na Itália, 23%; na França, 9%; na Alemanha Ocidental, 8% e no Japao, 4%".⁽¹⁾

A crise afetou severamente as indústrias automobilísticas e do aço norte-americanas. "Em junho de 1982 a produção de aço foi a mais baixa dos últimos 11 anos".⁽²⁾

Na Inglaterra a crise foi a pior do pós-guerra, salvo no setor de exploração de petróleo; no Japão a intensidade foi um pouco menor.

"O número de quebras nos Estados Unidos superou em mais de 100% àquelas ocorridas anteriormente à crise. Na Inglaterra arruinaram-se 1,2% das companhias registradas, o número mais elevado da década. Na Alemanha Ocidental cerca de 11.500 firmas foram à falência, um recorde absoluto na história do país. E na França o número de quebras aumentou cerca de 20%. Como sempre acontece, o grande capital aproveitou-se da situação para absorver as empresas com problemas. Só em 1981, as transnacionais norte-americanas absorveram cerca de 2.200 empresas".

O desemprego sempre foi um parceiro do capitalismo, que deve dispor de um exército de reserva para poder chantagear os trabalhadores e aumentar a exploração.

"Em outros períodos, o desemprego intensificava-se nas épocas de crise, mas depois, com a retomada da economia, era reduzido substancialmente. A partir das crises de 74-75 e 80-82 o aumento tornou-se contínuo nos países centrais. Se na época anterior a 74-75 o número de desempregados era de 8,5 milhões, após a crise aumentou para 15 milhões. O desemprego em 1980-1982 cresceu para 31 milhões".

Deve-se ter em conta que as estatísticas oficiais não refletem o número real de desempregados, pois só levam em consideração os registrados; do contrário o número seria escandaloso.

Em suma, a crise de 1980-82 aguçou todos os problemas da anterior e aumentou as contradições do imperialismo. Isto atende a uma explicável ordem de coisas segundo a teoria leninista e suas demais sucessoras.

NOTAS

- (1) COSTA, Op. cit. p.32
- (2) COSTA, idem, p. 34
- (3) COSTA, idem, p. 35
- (4) Este termo é preferível a subdesenvolvimento, que tende a ocultar as causas do fenômeno.
- (5) BRAILLARD, Philippe & SENARCLENS, Pierre de. El Imperialismo. p. 109.
- (6) BRAILLARD & SENARCLENS, idem, p.111.
- (7) Ibidem, p.114.
- (8) Não se trata aqui do fenômeno da dependência, que é da periferia com respeito ao centro e é consequência do imperialismo.
- (9) BRAILLARD & SENARCLENS, op. cit. p. 118-9.
- (10) BRAILLARD & SENARCLENS, idem, p. 119.
- (11) BRAILLARD & SENARCLENS, idem, p.
- (12) BRAILLARD & SENARCLENS, idem, p. 126
- (13) BRAILLARD & SENARCLENS, idem, p. 136-7.
- (14) BRAILLARD & SENARCLENS, idem, p. 141.
- (15) BRAILLARD & SENARCLENS, idem, p.142.
- (16) BRAILLARD & SENARCLENS. idem, ibidem.
- (17) BRAILLARD & SENARCLENS, idem, p. 142-3.
- (18) Samir Amin "apud" BRAILLARD & SENARCLENS, idem, p. 144.
- (19) BRAILLARD & SENARCLENS, idem, p. 144-5.
- (20) BRAILLARD & SENARCLENS. idem. p. 148

- (21) COSTA, op. cit. p.73
- (22) COSTA, idem, p- 75.
- (23) COSTA, idem, ibidem
- (24) COSTA, idem, p- 76
- (25) COSTA, idem. p. 77
- (26) COSTA, idem, ibidem
- (27) COSTA, idem. p. 82
- (28) COSTA, idem, p. 83
- (29) COSTA, idem, p. 84
- (30) COSTA, idem. p. 85
- (31) COSTA, idem, p. 86
- (32) COSTA, idem, p. 88
- (33) COSTA, idem. ibidèm
- (34) COSTA, idem. ibidem
- (35) COSTA, idem. p- 89

C A P Í T U L O I V

O NOVO IMPERIALISMO E A HEGEMONIA DOS ESTADOS UNIDOS

Até O momento este estudo evidenciou dois momentos bem nítidos: a teoria leninista do imperialismo e a vigência e alterações dk mesma nos anos posteriores. Na parte referente às teorias do neo-imperialismo e da dependência foi feita uma abordagem essencialmente teórica e esquemática de forma a dar a conhecer os esforços dos autores neo-marxistas em identificar os elementos dessa nova roupagem do imperialismo. Surgo agora a necessidade de encetar sua análise em dois pontos: uma descrição ma:i;- ampla dos mecanismos específicos da atuação imperialista o uma indagação mais profunda sobre o carátct do i mpor i a l j :imo contemporâneo. Tanto num como noutro cÍiso dar-se-á om tratamento privilegiado ao papel dos Ectados Unidos o n r,ua assunção definitiva, após a lí Guerra Mundial, a potência líder do imperialismo mundial.

Uma das pedras angulares da teoria leninista do imperialismo é a sua colocação como uiná fase ospecial no desenvolvimento do capitalismo e a sua inserção num momento histórico preciso: sua eclosão em fins do século XIX. Esse intento de atribuir-lhe uma referência histórica mais ou menos punctual foi objeto de algumas críticas, que, diga-se, guarda importância meramente teórica.

Alguns autores contornam o problema através da distinção do "velho" imperialismo - o de Lenin, de fins do século XIX -, e um "novo" imperialismo. Irrelevante desde o ponto de vista semântico, o que interessa é reconhecer-se que há sobrados motivos para considerar que o imperialismo atravessa um novo período do seu desenrolar. Dois dos principais motivos dizem respeito à derrocada da Inglaterra do posto de vanguarda que ocupava no mundo capitalista e a sua substituição pelos Estados Unidos e, por outro lado, a concentração do poder econômico em um número reduzido de grandes empresas industriais e financeiras integradas. Este último já foi em boa parte estudado quando se falou sobre as transnacionais, firmas que hegemonizam hoje o processo produtivo capitalista no mundo. Há evidentemente outras peculiaridades, que serão oportunamente apontadas, entre as quais pode-se citar a intensificação da luta competitiva mundial e a maturação de um sistema capitalista totalmente internacionalizado. A competição se dá hoje entre corporações gigantescas e entre governos, tendo como palco as nações capitalistas do mundo todo.

A revolução tecnológica também ensejou modificações nos esquemas teóricos vigentes.

Após o término do colonialismo passou-se a cogitar outros meios - uns tradicionais, outros novos - de dominação. Os meios tradicionais, entre eles a invasão e o emprego da força, permanecem pelo menos potencialmente em vigor; forças navais continuam a patrulhar os mares; técnicas novas, ou velhas, porém mais sofisticadas, estão sempre na ordem do dia: assistência militar para assegurar

governos contra revoluções, ajuda econômica para facilitar a penetração do capital e de importações, sistemas de alianças. Os interesses econômicos, políticos e militares imbricam-se e funcionam à perfeição.

Um fato decisivo para a consideração do novo imperialismo foi a guerra do Vietnam. Que motivos lhe deram origem? Que interesses ela pressupunha? Era ela resultado de uma mera decisão censurável partida de homens no poder ou faria parte de um sistema global e coerente da política externa americana? Para quem encontre fundamento para tais perguntas no imperialismo, não terá dificuldades em concordar que se está em frente de um imperialismo moderno, um sistema capitalista baseado num expansionismo superior em qualidade e intensidade a tudo o que já se tenha visto.

Face a este quadro, o autor M. H. Migoff faz, 'a seguinte indagação: "Será o imperialismo necessário? Ele mesmo responde que o imperialismo não é uma questão de escolha para a sociedade capitalista: é o seu modo de vida. As razões que levam o autor a dar lugar a esta, de (lógica) inspiração leninista, serão expostas a seguir, analisando-se de maneira um pouco mais aprofundada alguns aspectos do novo imperialismo, sem a pretensão de esgotá-los ou de dar-lhes uma abordagem sistemática, até porque este tratamento foi dado ao serem expostas as teorias do neo-imperialismo.

4.1- Aspectos do novo imperialismo

4.1.1- Os Grandes Negócios

Pensa-se ordinariamente que as atividades econômicas no estrangeiro são um ponto diminuto nos assuntos comerciais americanos porque os investimentos externos diretos, em qualquer ano, são inferiores às exportações. Este equívoco se deve ao desconhecimento de que o efeito acumulativo anual daqueles investimentos importa num envolvimento econômico de proporções muito maiores que o das exportações. A exportação de mercadorias, comparada com a exportação de capitais, constitui um fluxo que precisa ser renovado anualmente. Investimentos feitos no estrangeiro, diversamente, representam um estoque de investimentos, pois o despendido em fábricas e equipamentos permanece no exterior e, enquanto houver mercado para os produtos, se perpetua.

"Admitamos que as corporações dos Estados Unidos invistam anualmente US\$ 5 bilhões no exterior. Admitamos, além disso, que para cada US\$ 5 bilhões de investimento seja razoável esperar US\$ 10 bilhões de produto (ou US\$ 2 de produto manufaturados por ano, para cada US\$ 1 de investimento inicial na fábrica ou no equipamento). Teríamos, então o seguinte resultado :

Ano	Fluxo anual de capital investido no exterior	Estoque acumulado de capital no exterior no fim do ano (em bilhões de dólares)	Excedente anual resultante do aumento do capital em equipamento
1	5	5	10
2	5	10 20	
3	5	15	30
10		50	100

Desse modo, o investimento do primeiro ano produziria um estoque de US\$ 5 bilhões, dos quais US\$ 10 bilhões de produtos estariam disponíveis para a venda, por ano. No segundo ano, um fluxo adicional de US\$ 5 bilhões seria adicionado ao investimento do ano precedente, Teríamos, então, um estoque acumulado de US\$ 10 bilhões ^ o que seria fábrica e equipamento a partir dos quais US\$ 20 bilhões novos produtos poderiam ser produzidos anualmente. Chegando ao décimo ano, o estoque acumulado atingiria um investimento de US\$ 50 bilhões, o a produção para o mercado subiria a US\$ 100 bilhões.

Verificamos assim que, mencionando a quantidade relativamente pequena de investimentos que fluem para o exterior, perde-se a significação total do impacto acumulado dessa atividade de investimentos. Além disso, considerando-se apenas o valor anual de artigos e capital exportados, ignora-se o impacto total dos negócios dos Estados Unidos no exterior. Admitamos que o fluxo anual das exportações dos Estados Unidos chegue a US\$ 24 bilhões e comparemos essa soma com a correspondente

a dez anos de investimentos no exterior, à taxa de US\$ 5 bilhões, conforme é demonstrado em nossa ilustração: os negócios no exterior, i-esul tantes do esloque acumulado de investimentos, atingem a US\$ 100 bilhões, isto é, quatro vezes a exportação". ^ ^

Comumente estima-se o significado econômico doB negócios comparando-se os dados sob análise com o Produto Nacional Bruto. Se uma variável corresponder a uma grande fração do mesmo, tem-se simplesmente que ela é importante; o contrário, se a percentagem é pequena. Esta análise estatística é imperfeita, porém, por não levar em conta os setores estratégicos e não estratégicos da economia, variáveis que valem isoladamente ou não, atividades que criam excedentes ou não. Um país imperialista pode gastar cifras enormes para dominar um país sem significação econômica alguma no contexto mundial, mesmo que o interesse tutelado seja de valor muito inferior ao dispendido. Os objetivos do imperialismo ultrapassam os limites que uma interpretação superficial possa divisar; a sua meta subjacente é nada menos que a de alargar ao máximo possível os canais para o comércio e investimentos das corporações transnacionais, estendendo a sua influência externa. Assim o domínio sobre um país latino-americano, aprarentemente um reles produtor de bananas, é importante para os Estados Unidos porque é necessário um controle sobre toda a América Latina, além dos interesses imediatos em impedir o confisco dos bens americanos em caso de uma revolução e o de contar com o apoio do país submetido perante os organismos internacionais .

Embora pareça que a direção do capital para o exterior ocorra sempre que os recursos inativos não encontrem colocação em setores: domésticos lucrativos, ou quando a rentabilidade no estrangeiro é superior à interna, este raciocínio é suficiente apenas para início de interpretação, mas incompleto para explicar todas as causas do deslocamento de capitais, dada a complexidade e a variedade de interesses em jogo no imperialismo. "o mecanismo de uma economia de mercado - flutuações na demanda, desenvolvimento desigual das indústrias complementares, mudanças tecnológicas, acumulação de lucros - leva a uma movimentação compulsiva e expansionista do capital". (2) Suponhamos por exemplo, que o aço não possa ser eficientemente produzido a não ser que exista um complemento de equipamentos com capacidade para produzir 100.000 toneladas. Se a procura vier a ser de 150.000 toneladas, o dono da fábrica poderá escolher entre a perda, ou a oportunidade extra de mercado ou o risco de adicionar mais 100.000 toneladas de capacidade. Se optar pelo acréscimo terá uma capacidade excedente de 50.000 toneladas. Faz-se necessária a compensação para o seu investimento. (3) novos mercados.

Esse e os demais mecanismos acessíveis ao monopólio, juntamente com os avanços da nova tecnologia, fazem com que este período do desenvolvimento do imperialismo seja marcado pela concentração de poder e pelo incremento dos Grandes Negócios.

Nos Estados Unidos o desenvolvimento destes se deu da seguinte maneira: por volta de 1870 as principais indústrias atendiam a uma economia agrária, pelo benefi-

ciamento de produtos agrícolas e o provimento das fazendas. Eram firmas de pequeno porte, de abrangência local e cujas vendas, via de regra a pequena distância, eram feitas por indivíduos pagos por comissão. No início do século XX as firmas produziam bens destinados mais à indústria do que ao consumidor direto e à propriedade agrária. As indústrias mais importantes passam a pertencer a algumas grandes empresas centralizadas e verticalmente integradas, que hktempos não efetuavam transações comerciais por meio de agentes, pois já possuíam rede de compras e "marketing".

A Guerra Civil e a expansão das periferias contribuíram para a consolidação de instituições capazes de acumular capital e incorporar outras, firmas. Estão formadas as bases materiais de.. produção para o Grande Negócio, e o surgimento das corporações transnacionais passou a ser uma questão de tempo. o restante do processo se deu por meios já conhecidos.

4.1.2- A busca de fontes externas de matérias-primas

Um dos aspectos essenciais do novo imperialismo é a disputa das nações industriais pelo controle das fontes de matérias-primas, e os investimentos- externos dos negócios de monopólio são precipuamente voltados para isso, bem como para o domínio das posições de mercado.

o famélico industrialismo da fase monopolista, incapaz de prover-se a si mesmo com os recursos nacionais, velozmente abarcou o mundo. Não se trata mais de trocar produtos manufaturados por produtos primários orientais ou

tropicais, ou mesmo para conseguir canais de absorção para as indústrias em expansão do ferro e do aço: era necessário agora ir em busca dos materiais básicos para garantir a lucratividade e o crescimento nas décadas que viriam.

A grande novidade do imperialismo contemporâneo é que os Estados Unidos passaram a fazer parte da lista dos países que "não possuem" um amplo leque de materiais comuns ou raros. Esta passagem resultou também numa exacerbação na luta por conseguir controlar recursos estrangeiros.

Até 1920 os Estados Unidos eram exportadores de minerais; em 1950, 13% de suas necessidades internas eram providas por importações. Um 80 a 90% da bauxita de que os Estados Unidos precisam vêm do exterior; sem ela não se pode fabricar alumínio, sem o qual não se pode fabricar aviões. Durante os anos que precederam a guerra, as importações de minérios de ferro somaram quase 3% dos quase 52 milhões de toneladas do minério de ferro extraído das fontes internas. Em 1966 as importações chegaram a 43% ou 90 milhões de toneladas extraídas; no país existem grandes depósitos nacionais de ferro de alta qualidade que impeliu a um investimento no exterior em busca de fontes alternativas no Canadá, Venezuela, África do Sul e México. O governo não apenas visava assegurar as jazidas mais lucrativas, mas também garantir a exclusão da concorrência de outros monopólios nacionais ou estrangeiros pelo próprio mapeamento das possíveis áreas de controle. Estima-se que a dependência do produto no ano 2.000 será de 75%.

A crítica inversão da auto-suficiência dos Estados Unidos no concernente a matérias-primas ficou eviden-

ciada num relatório feito pela equipe da Comissão do Presidente para Política Económica Estrangeira em 1954, no governo de Dwight Eisenhower:

"Esta passagem dos Estados Unidos, de uma posição de relativa auto-suficiência para uma crescente dependência de fontes estrangeiras de abastecimento, constitui uma das notáveis mudanças económicas de nosso tempo. O começo da II Guerra Mundial foi o marco dessa transformação. Do ponto de vista de nosso crescimento económico, bem como do ponto de vista de nossa defesa nacional, a troca de posições dos Estados Unidos, de pleno exportador de metais e minerais para a de pleno importador é de uma significação constritora na determinação de nossa política externa.

Sempre fomos quase inteiramente dependentes quanto ao estanho, níquel e metais do grupo da platina. Acresce que nossas necessidades de asbesto, cromita, grafite, manganês, mercúrio, mica e tungsténio têm sido sempre cobertas pela importação. Antes da II Guerra Mundial quase não passava disso a extensão de nossa lista de materiais estratégicos, isto é, substâncias minerais cuja necessidade é totalmente ou em grande parte suprida pelas fontes do estrangeiro. Atualmente, ao contrário, os Estados Unidos são amplamente suficientes só em carvão, enxofre, potássio, molibdénio e magnésio".⁽⁴⁾

Os Estados Unidos são também dependentes de materiais estratégicos, assim considerados os cujo abastecimento pode antecipar dificuldades e os imprescindíveis ao aparato bélico e à tecnologia. Dos 62 materiais estratégicos admitidos como tal por esse país, 52 no mínimo

dependem do fornecimento externo num 40%, três quartos do qual provêm de países subdesenvolvidos. Sobre estes dados declarou a já referida Comissão do Presidente; "Para esses países é que nos devemos dirigir, para o grosso de qualquer possível aumento de abastecimento. A perda de qualquer desses materiais, causada por uma agressão, seria equivalente a uma grave derrota militar".

A questão das matérias-primas como fator da política externa diz respeito não só aos Estados Unidos mas também, à sua responsabilidade, como líderes do mundo livre", de cuidar dos interesses da Europa Ocidental e do Japão.

"Uma das melhores oportunidades para o aumento do comércio japonês está num Sudeste da Ásia livre e em desenvolvimento (...). Fortalecendo o Vietnã e ajudando a estabelecer a segurança no Pacífico Sul e no Sudeste da Ásia, gradualmente desenvolveremos o potencial comercial entre esta região e (...) o Japão altamente industrializado, beneficiando a ambos. Deste modo será grandemente fortalecida a liberdade no Pacífico Oeste."

Estas palavras de D. Kisenliowor já deixam parecer as pretensões americanas na área, que desembocariam na guerra do Vietnã.

Mais duas citações de elaboradores da política externa norte-americana: "Se o nacionalismo do Oriente Médio e da África, explorado pelo bloco soviético, se torna uma força destrutiva, o abastecimento europeu de petróleo e de outras matérias-primas pode ser prejudicado". (Relatório do Fundo dos Irmãos Reckefeller). W. Rostow, conselheiro do presidente Johnson em assuntos de segurança nacional parecia estar convencido da redé imperialista que envolve as

matérias-primas e ao papel dos Estados Unidos no "imperialismo da atualidade. Disse ele ao depor no Comitê do Congresso a respeito das relações entre as nações industrializadas e as subdesenvolvidas:

"A localização, recursos naturais e população das áreas subdesenvolvidas são tais que, se ligados efetivamente ao bloco comunista, os Estados Unidos passariam ao segundo lugar como potência mundial (...). Inicialmente, a evolução das áreas subdesenvolvidas poderá determinar o destino da Europa Ocidental, do Japão e, portanto, também a eficácia das regiões industrializadas da aliança do mundo livre, a qual estamos comprometidos a liderar. Se as áreas subdesenvolvidas caírem sob o domínio comunista ou se fixarem numa atividade hostil para com o ocidente, diminuirá a capacidade econômica e militar da Europa Ocidental e do Japão. (...) Em poucas palavras: estão em jogo, na evolução das áreas subdesenvolvidas, nossa segurança militar e o nosso modo de vida, além do futuro da Europa Ocidental e do Japão. Nós temos, evidentemente, interesse nacional maior no desenvolvimento de uma coalizão do mundo livre que alcance, em razoável concerto, harmonia e unidade, por um lado os Estados da Europa Ocidental e mais o Japão e, por outro, as áreas subdesenvolvidas da Ásia, Oriente Médio e África".

Por um simples lapso de memória Rostow não acrescentou a América Latina.

A Revolução Russa assinala o início de uma nova fase. Antes da II Guerra Mundial as características marcantes eram o alastramento do imperialismo pelo mundo e os

enfrentamentos entre as potências pela divisão do mesmo em áreas de influência. Após a Revolução Russa surgiu um novo elemento na disputa: o desejo de reconquistar a parcela do globo que havia escapado do 'jisticina imperialista' e a tentativa de evitar que outros países o conseguissem. Finalizada a II Guerra Mundial o socialismo espalhou-se pelo mundo e ocorreu a desintegração do sistema colonial, pelo que tornou-se necessário reconquistar os territórios perdidos, lançando mão, conforme as circunstâncias, de meios militares, políticos e econômicos.

As potências imperialistas não cederam as colônias com agrado ou facilidade, mas o fizeram da melhor maneira possível: enredando-as nos mercados capitalistas mundiais. O objetivo do imperialismo passou a ser então o de manter tanto quanto possível a dependência econômica e financeira das ex-colônias em relação as metrópoles.

Nem após a Revolução russa nem nos dias de hoje a defesa ou extensão do imperialismo r'odundou na ccoBação das rivalidades entre as potências imperial ist;as. At' -: iiiiismo este é o objetivo que se tem buscado, dada a cro!;conte nmeaça ao sistema imperialista <' a uMior coonao critiC' aquelas potências, imposta pela liderança dos Estado'; Unidos.

4.1.3- O novo papel dos Estados Unidos como organizadores e líderes do sistema imperialista

"Até o fim da II Guerra as operações militares do sistema imperialista mundial eram levadas a efeito pelo método tradicional

do alinhamento íiii blocos: oc; inteT'OG3''r: competitivos do um blof'0 eraiii t:omiporar'i .-i-mcnl:e repriinidor., nn i nterf-v;.r.o da of^Tini-va ou defensiva cM!i conjunto contra outro bloco. A coilipo;' . i i;lo hlnrf);; lülIfÍMli através, dos tempos, conto mudaram também as vantagens almeçadas. Desde 1945 o novo fenômeno é a tomada da lid'M'ança do todo o sistema imperialista pelos Estados Unidos. Em razão de r.;ua maturidade econômica e força m.ilitar e da derrota infligida aos rivais na guerra, os Estados Unidos tor'naraMi-Go a|)tos a organizar e a liderar a rede imperialista em nossos tempo". ^^^

A organização do sisteina iniporial ista posteriormente à guerra deu-se com a colaboração dos organismos internacionais estabelecidos por volta do término desta: Nações Unidas, Haiico Mundial ' ■ Fundo Mon-'tài'io T n tf^rn.if i on.i 1 , em cada qual os Estados Unidos ongenliaram uma forma dp hegemonizá-1os.

Com a liderança consolidada, em 1967 as forças armadas dos Estados Unidos estavam roi>i' esentadas om 65 países. No mesmo ano oles contj' olavam 59% das rGíiervas d' - petróleo do Oriente MÓdio, contra os iU% de antes da guerra.

Outra característica do novo imperialismo é o avanço tecnológico internacional, o qual faz parte do conhecido processo da revolução científica e técnica.

A tecnologia emer-goti i, <' após;; i guerra tom uma perspectiva marcadamente internacional, por oposição à antiga, guardando* portanto um vínculo estreito com as operações do imperialismo. É o caso das comunicações por

satélite e todo o leque de meios capazes de pr'ovocar J
coesão cultural em torno do papel dos Estados Unidos pe-
rante o sistema capitalista mundial. Também é patente o
caráter internacional das tecnologias atômica e eletrônica.

A ligação da nova tecnologia com os monopólios
internacionais se dá de diversas formas, por exemplo: as
grandes firmas investem capital na tecnologia e açambarcam
o setor nos outros países; as empresas apóiam as ativida-
de de pesquisa e se apossam dos avanços técnicos que esta
reporta.

o imperialismo atual também apresenta novas pe-
culiaridades em relação á rede financeira. Uma délais diz
respeito à internacionalização dos bancos americanos.

A área de maior crescimento dos bancos america-
nas não é o próprio país, e sim o exterior,, cujo conjunto
de filiais constitui a primeira rede bancária efetivamen-
te internacional. Esse desenvolvimento bancário está atre-
lado à posição e ao desempenho dos Estados Unidos como di-
retores do imperialismo mundial.

"Que poderia ser mais natural que a coïn-
cidência: a) da muito difundida presença
militar e política dos Estados Unidos no
globo (via guerras, bases militares e a-
juda econômica e militar); b) da posição
dominante do capital norte-americano na
criação de impérios' industriais multina-
cionais; c) da evolução do dólar como meio
chave de pagamentos, créditos e reservas:
d) do crescimento dos bancos multinacio-
nais?"^""° ^

"Um artigo do 'New York Times! de 1965, re-
latava quo 09 dois b-inf0'
dos Unidos procuravam er;tal::e I í

Vietnam do Sul e citava as palavras do vice-presidente da Fir'it National City Bank, Harry Sperry: 'Depois vocês terão uma tarefa de grandes proporções, com a construção ... Para isso haverá necessidade de financiamento; e financiamento quer dizer bancos. Não seria lógico permitir que ingleses e franceses monopolizem o setor de bancos, pois a economia do Vietnam do Sul orienta-se cada vez mais em direção aos Estados Unidos."

Os bancos americanos penetram nos outros países de vários modos, o mais importante sendo através da abertura de filiais, que têm a capacidade de efetuar transações plenas. A partir de 1955 intensifica-se o processo de abertura de filiais. No fim de 1957 há 298 filiais em 55 países fora os Estados Unidos. Dessas 298,134 eram na América Latina, e a grande maioria se localiza nos países subdesenvolvidos. (12)

A expansão sofre influência de diversos fatores: 1) o constante alargamento dos interesses; e os americanos; petróleo, mineração e manufaturados e estrangeiros; 2) a instalação de novas bases militares; 3) a entrada nas operações pela ajuda militar e econômica.

O crescimento de bancos no exterior se deu por razões similares às que levaram as indústrias a dirigirem-se para fora de suas fronteiras: a ativa diminuição das oportunidades dentro do país e a possibilidade de obter melhor lucratividade fora.

O governo dos Estados Unidos auxilia os bancos que procuram afirmação em outros lugares, pois são canais de captação de dinheiro. A irmandade de interesses entre

ambos é tal que pode-se falar em bancos para o governo
governo para os bancos.

"Em um estudo referente aos novos aspectos da atividade bancária internacional. George S. Moore, presidente do First National City Bank observou que 'tendo o dólar como moeda líder internacional e seu país como o mais importante exportador de mercadorias, serviços e capital, é muito natural que os bancos dos Estados Unidos se preparem para desempenhar o mesmo papel relativo, nas finanças internacionais, que as grandes instituições financeiras britânicas desempenharam no século XIX'. Tal supremacia mundial dos bancos britânicos não era, afinal, questão de força de vontade ou de mera competência técnica, mas parte integrante do monopólio britânico do comércio internacional e de sua primazia como potência colonial".

Até a I Guerra Mundial os Estados Unidos não tinham suficiente disposição financeira para ombrear-se com o poderio bancário de outros países tradicionais no ramo. Após ela produziu-se uma modificação radical nas relações de comércio internacionais, abrindo uma brecha para expansão comercial externa; houve com ela um rearranjo financeiro e comercial que ensejou um novo impulso dos bancos e investimentos no exterior. Foi necessário entretanto outra guerra mundial, a abertura proporcionada pelo fim do sistema colonial e a assunção dos Estados Unidos à liderança imperialista para que os bancos americanos se tornassem um sistema internacional amadurecido.

o processo referido do estabelecimento de uma rede de filiais bancárias representa a principal internacionalização financeira americana.

desse processo está na mudança do centro de gravidade do mercado inter-nacioiial de capitil d. i pai'a or; i-l'h »r; Unidos e na constituição do dólar conio moeda mais iiiipor- tante do mundo.

"A ascensão de Londror. conio c'-ntro '!' ■ uiiiiri Economia internacional era bascadi! na supremacia mercantil da Grã-Bretanha. como potência imperial, e na sua lldoranç.! industrial, como iniciadora da produç-io mecanizada em massa. Foi essa dupla superioridade que permitiu a Londres tornai'-se o centro de finanças a prazo longo c cur'to G lhe trouxe m-iiorcír:. luci'os acumulai,

Transcorreram muitos anos para que os Cstados Unidos perturbassem a posição de Grã-lJrctanha como rontro financeiro mundial. As situações em quo isto se deu sempre estiveram associadas à guei'ra. I' rim'ii'u foi a guei-r-i dos BÔeres. A Inglaterra, financeira e economicamente :.obre-carregada vol tou-se para os banqueiro;; nmoi'ic' anos em busca de fundos. As pressões financeiras da 1 Guerra Mundial fac i l i tar.uii <i t raii;; f'rcnci.i do ri'iili'f' I i n.uice i fo ; ,i;; potências precisavam de financiamento, o grande parto dele se localizava em Nova Iorque.A losu liante transformação da posição de devedor para a de ci-odor possibilitou aos Estados Unidos emprestar grandes somas às riaçãoes estrangei ras, tornando-se credores. em vez de pagadores.

Após a I Guerra Mundi.'.! a necessidade de rf.' orguer a Europa chamou as finanças non:e-americanas ao cenário mundial. Estas fortaleceram-se mais nas décadas de 20 e 30, pois a imigração do capital europeu nesse período d' 'U ori-gem a grandes depósitos de ouro.

A I Guerra havia abalado a posição da Europa como centro mundial de finanças, e sem estas o comércio perdia em prosperidade. Terminada aquela o dólar aproximou-se da libra como moeda de reserva, mas ainda em posição inferior. Foi preciso outra guerra mundial, a ruína das potências industriais e o afundamento geral da economia do globo para que se dessem as condições de os Estados Unidos atingirem a hegemonia financeira, política e militar no mundo capitalista.

A quantidade e a disponibilidade das reservas de meios de pagamento internacionais são essenciais à estabilidade financeira de um país. Quando tais reservas são em ouro não há impedimento à sua aceitação como meio de pagamento no mercado internacional. Porém se as reservas consistem em, unidades monetárias de outros países há restrições potenciais ou reais, pois uma moeda nacional só serve para o pagamento de bens e serviços produzidos pelo país emitente. Enquanto o dólar for considerado "tão bom quanto o ouro" ele funcionará como veículo de câmbio de mais de uma centena de moedas diferentes. Aquele conceito foi consubstanciado no próprio tratado do Fundo Monetário Internacional, cujo artigo IV versa: "O valor ao par de cada moeda de cada membro deve ser expresso em termos de ouro, como denominador comum, ou em termos de dólar dos Estados Unidos, do peso e excelência em vigor a 15 de julho de 1944".

Esta equiparação do dólar ao ouro estabelece uma dependência de todos os países capitalistas em relação aos Estados Unidos, pois significa que os detentores de dólares se encontram perante a contingência de só poder empregá-los na compra de mercadorias desse país, e ao preço

por ele imposto, sendo que em períodos de crise acirrada isto representa uma perigosa possibilidade. O papel mundial do dólar é um dos meios mais poderosos de controle que os Estados Unidos dispõem sobre o capitalismo internacional, possível pela força econômica e militar desse país e utilizável no financiamento de atividades de controle do sistema mundial de forma a realçar a sua força. As palavras do secretário de Estado Fowler, constantes de uma reportagem no New York Times em 18/03/67, intitulada "Ameaça Monetária declarada por Fowler", são as seguintes:

"o modo pelo qual esta nação cuida do seu balanço de pagamentos depende, em grande parte, da cooperação que recebe de outros países e da maneira pela qual outras nações, importantes nas finanças, agirem quanto aos seus próprios problemas monetários, domésticos e internacionais."

Acho igualmente necessário sublinhar que essa cooperação não apenas ajuda o Estado Unidos a lidar com seus problemas, mas um caso de permitir aos Estados Unidos a lidar com tais problemas internacionais, sujeitando-o, através de uma ação unilateral, a mudanças radicais e indesejáveis ou retirando-se de compromissos que envolvem a segurança e o desenvolvimento dos outros." (M 5)

A ameaça implícita do secretário Fowler consistia em que os Estados Unidos poderiam unilateralmente reestruturar o sistema monetário internacional, e o teor de seus dizeres deixava entrever que aquele país precisava desse sistema para dar continuidade à ação militar, política e econômica com vistas ao resguardo do mundo capitalista

Às vantagens auferidas pelos Estados Unidos por seu envolvimento nos negócios internacionais e à utilização do dólar como reserva adiciona-se os efeitos do ajustamento efetuado pelos países dependentes quando há desequilíbrio no balanço de pagamentos.

Quando uma nação tem um déficit no comércio internacional, lança mão de suas reservas de ouro e moeda estrangeira ou recorre a empréstimos bancários ou de instituições governamentais. Esgotados estes e outros meios e face à persistência do déficit a saída é eventualmente a desvalorização. Esta é uma decisão tomada em última necessidade, pois provoca deslocamentos e um rigoroso ajuste imposto pelo mercado: sobe o preço da mercadoria importada, acarretando um redução no consumo, mormente nas classes desfavorecidas; reduz-se o preço das exportações, tornando a mercadoria mais competitiva no estrangeiro. Este último representa um grande benefício para os países que compram, pois o fazem a preços mais baixos.

O recurso a reajustes internos severos ou à desvalorização é comum nos países dependentes. Estes sofreram desvalorizações cambiais de 40 a quase 100% no período de 1948 a 1967. Diz-se que as de maior grau ocorridas na América Latina são consequência dos seus altos índices inflacionários, pois naquele período a desvalorização foi de 62%. Entretanto, nos países com mais freqüentes problemas de inflação a depreciação da moeda em termos reais foi maior do que aquela que a própria inflação teria causado.

A mais exorbitante e sinistra utilização do j. [^] - derio financeiro com o fim de controlar outras partes do mundo é o que fazem os Estados Unidos. A partir de 1950,

todos os anos, com exceção de um único, o seu balanço) de pagamentos esteve em déficit. Isto deve ser entendido da seguinte maneira:

1) o déficit foi criado e conservado como parte da política dos Estados Unidos pela liderança do sistema imperialista. o déficit foi empregado no financiamento de:

- despesas militares, com a guerra do Vietnã e na manutenção de forças armadas pelo mundo afora. Isso inclui todas as despesas feitas; só aquelas que resultam da transferência de dinheiro para o exterior;

- investimento da finança e da indústria norte-americana no exterior.

2) o déficit é financiado pela extensão do fornecimento de dólares por meio de créditos governamentais e bancários. Isto se explica pelo câmbio dólar-ouro, já que os valores dos Estados Unidos são normalmente aceitos como dinheiro.

3) o déficit foi possível de ser financiado durante um período tão longo porque os Estados Unidos são o banqueiro do mundo. Desde a Segunda Guerra Mundial, em princípio, em ter o dólar como fundo de reserva. O financiamento dos déficits tem ocorrido pelo aumento de "holdings" estrangeiros em moeda norte-americana; senão seria necessário equilibrar a situação de alguma forma, como por exemplo restringir as importações.

A estabilidade política e o imenso poderio econômico e militar são as garantias dos investimentos no exterior e à posição de banqueiros do mundo.

"Se não fôssemos o banqueiro do mundo poderíamos há muito ter sido forçados a cortar as importações (talvez através de uma desaceleração de nossa economia), reduzir substancialmente nossos investimentos no estrangeiro, cuja renda contribui solidamente para o nosso balanço de pagamentos correntes, e diminuir, talvez acentuadamente, nossa assistência econômica e militar a nossos amigos e aliados. Tivéssemos tomado essas medidas, nossos clientes estrangeiros teriam reduzido abruptamente suas compras neste país e nos defrontaríamos agora com problemas de discriminação contra o dólar em muitos países do mundo. Em vez de rápido crescimento do comércio mundial, presenciariamos a estagnação que teria prejudicado nossa própria prosperidade e a prosperidade do mundo livre." (Do subsecretário do Tesouro Roosa, em *Monetary Reform for the World Economy*, 1965) .

"Aqui está, pois, a síntese da rede imperialista das relações internacionais de hoje. Os Estados Unidos, como líderes, têm poder econômico para invadir a indústria e os mercados de seus principais parceiros de negócios e aliados político-militares. Têm os recursos para manter no mundo uma posição militar dominante. Podem continuar dando ajuda ao estrangeiro, emprestar, investir nos países subdesenvolvidos, amarrando-os com maior firmeza através da dependência financeira resultante. Tudo isso - e mais a preservação da prosperidade e a prevenção das crises - se realizável em consequência da posição dos Estados Unidos como banqueiro do mundo e da posição do dólar como moeda de reserva mundial. E os Estados Unidos podem ser

banqueiro mundial e fornecer a moeda de reserva em razão de sua força econômica e militar, que obriga a cooperação de outras nações industrializadas. E dentro dos Estados Unidos isso é, necessariamente, acompanhado de um 'inexorável enredamento de negócios particulares e política exterior'." (De um relatório sob o patrocínio do Conselho de Relações Exteriores) (17)

O dólar atingiu a posição dominante durante e depois da II Guerra, quando inexistia outra moeda que pudesse ter um papel mundial.

"No imperialismo norte-americano existem três vetores: 1) forças centrípetas, ligando os principais centros financeiros aos Estados Unidos, para preservação da rede imperialista; 2) forças centrífugas, estimuladas pela competição e lucros, buscando vantagens especiais, quando surgem pontos fracos nas operações dos Estados Unidos; 3) 'coesão vertical' com cada centro imperialista tentando consolidar os laços financeiros e econômicos com suas áreas coloniais e ligadas à sua esfera de influência. Neste último contexto é que a ajuda externa, como técnica de controle, se afirmou nas nações subdesenvolvidas tornando-se progressivamente estraté-

A ajuda externa também contribui para o controle imperialista.

"O inter-relacionamento altamente complexo entre o sistema monetário internacional e as operações financeiras dos Estados Unidos compreende, como vimos, uma série de acomodações que produziram o milagre

aparente de terem os Estados Unidos aumentando seu poder e riqueza apesar de, ou pelo fato mesmo, de se haverem defrontado com um déficit a longo prazo em seu - balanço de pagamentos. Esse ironico paradoxo foi possível porque o déficit do balanço de pagamentos foi empregado para financiar três tipos de atividade no exterior, todas elas de importância crucial para a produção mundial dos Estados Unidos; investimento privado, despesas militares e o programa do governo de ajuda ao exterior." (19)

Essas atividades possuem um designo comum: reforçar o controle. o investimento privado serve para' o controle das fontes de matéria-prima e dos mercados. Também os gastos militares são necessários ao controle das atividades relacionadas à posição de líder do imperialismo.

A ajuda externa é um método empregado pelos Estados Unidos para a manutenção de influência e sujeição sobre os países, caracterizado pelo sustento às nações que correm o risco de ir à ruína ou passar para o lado comunista.

Segundo sua finalidade ou resultado as atividades de assistência servem:

1) para implantar a política militar e econômica dos Estados Unidos na arena mundial;

2) para fortalecer a política da "porta aberta"; a liberdade de acesso a matérias-primas, comércio e canais de investimento;

3) para garantir que o desenvolvimento eventualmente ocorrido em algum país subdesenvolvido se enraíze nos costumes capitalistas;

4) para auferir lucros rápidos para os negociantes americanos à procura de oportunidades comerciais e de investimentos:

5) para tornar os tomadores da ajuda crescentemente dependentes dos Estados Unidos, de forma a perpetuar a sujeição.

Joan Nelson, membro do Corpo de Coordenação dos Programas da Agência para o Desenvolvimento Internacional (AID), assim resume os objetivos políticos e militares da ajuda externa:

"Acesso permanente a bases militares ou outras facilidades estratégicas localizadas em determinados países em desenvolvimento; conservação das ligações com aliados formais e aumento da capacidade defensiva desses aliados; procrastinação de reconhecimento da China Comunista e de sua admissão nas Nações Unidas já que a China só foi admitida em 26 de outubro de 1971; desencorajamento do comércio, particularmente de produtos estratégicos, com a China Comunista, Cuba e Vietnã do Norte; de modo mais geral, quanto à posição política externa dos países em desenvolvimento, encorajamento da dependência ou de um alinhamento pró-ocidente."

Isto tudo se complementa com os dizeres do secretário de defesa McNamara:

"O Oriente Próximo e o Oriente Médio continuam tendo importância estratégica para os Estados Unidos, pois a região é uma encruzilhada política, militar e econômica e o fluxo de petróleo do Oriente Médio é vital para o Ocidente. Nós temos, portanto, muita coisa em jogo quanto a esta-

bilidade e ao contínuo desenvolvimento dessa área. Temos também um profundo interesse em manter nossas relações de aliança com a Grécia, Turquia e Irã, pois estes três países situam-se entre a União Soviética e as bases navais e os recursos petrolíferos do Oriente Médio.”

Ao explicar as razões da assistência militar à América Latina, o Secretário Defesa foi bem mais explícito:

“As tensões sociais, a distribuição desigual da terra e da riqueza, as economias e a falta de uma estrutura política de bases amplas criam uma perspectiva de instabilidade contínua em muitas regiões da América latina. A solução para esse e para outros problemas associados, sé é que é possível encontrar alguma, esta na aliança para o Progresso, à qual nós e nossos amigos latino-americanos estamos consagrando grandes recursos. Mas as metas da Aliança só podem ser conquistadas dentro de um quadro de referências da lei e da ordem.

Nossos programas de assistência militar’ continuam, pois, a ser dirigidos no sentido da manutenção da segurança e das medidas de ação cívica”. (22)

“O secretário de Defesa prossegue seu depoimento descrevendo as fontes da ameaça a lei e á ordem: o Congresso Tricontinental e os esforços dos partidos comunistas latino-americanos no ũ^Mitido ’-l’in- . tas e populares ’frentes antiimperi.,il i . tas’, ao mesmo tempo que dão continuidade à ’penetração de grupos estudantis e intelectuais, para controlar o operariado e

organizar os camponeses'. Dai decorre: ' A necessidade de combater a anarquia através de meios apropriados é a base a partir da qual serão concedidos os programas de assistência militar para a América Latina, em 1968, Mais especificadamente: o principal objetivo na América Latina é a ajuda, onde necessário, no desenvolvimento contínuo das forças militares e paramilitares indígenas, capazes de promover, em conjunto com a polícia e outras forças de segurança a necessária segurança democrática ^ ^

Isto não é tudo. Uma das atividades do esquema de assistência militar dos Estados Unidos é o treinamento do pessoal militar estrangeiro. Quanto à América Latina o secretário McNamara relatou ao Congresso:

"Provavelmente a maior compensação do nosso investimento em assistência militar provém do treinamento dos oficiais selecionados e de especialistas-chave em nossas escolas e centros de treinamento, dos Estados Unidos e de outras terras. Esses estudantes são acolhidos a dedo pelos seus países, a fim de se tornarem instrutores, ao voltar'. São <:"> líderes do futuro, os homens que possuirão o 'Know how' para transmiti-lo às suas forças. Não precisa sublinhar o valor de possuímos em posições de liderança homens que tenham conhecimento adquirido sobre a maneira de proceder e pensar dos norte-americanos. Não tem preço, para nós, fazer desses homens nossos amigos ^ ^

Amizades de tal tipo extrapolam o aspecto meramente afetivo, como o demonstra o seguimento de tal

sentir expressado pelo "chairman" do Comitê de Relações Exteriores em 1965:

"Todo crítico da ajuda externa confronta-se com o fato de terem as forças armadas do Brasil deposto o governo Goulart e de a ajuda militar dos Estados Unidos ter sido um fator para dar a essas forças uma doutrinação sobre os princípios de democracia e orientação pró-Estados Unidos. Muitos desses oficiais foram treinados nos Estados Unidos, sob o programa da AID. Sabiam que a democracia era melhor que o comunismo." (25)

O amálgama dos Estados Unidos e os militares latino-americanos salta aos olhos no depoimento : dado ao Congresso Americano pelo General Robert Porter Jr. comandante-em-chefe do exército dos Estados Unidos para o território ao Sul dos Estados Unidos.

"Os militares já provaram ser a maior força coesiva de que se dispõe para assegurar a ordem pública e apoiar governos resolutos na tentativa de manter a segurança interna. As Forças Armadas da América Latina, atuando em conjunto com a polícia e outras forças de segurança, ajudaram a por cobro a desordens e greves, a conter ou eliminar terroristas e guerrilhas e desencorajarem todos os que se sentiam tentados a apelar para a violência a fim de derrubar o governo."

A condenação à violência ov i'1^'n i r>nionno refere à ação de forças militares treinadas e pagas peios Estados Unidos para depor governos que não lhes convêm.

Outro objetivo político-militar da ajuda externa é a chamada "política da porta aberta", lançada pelos

Estados Unidos em virtude de terem se atrasado na busca de colônias, empenhados quanto à tomada ou de territórios no continente americano. Tal política pode ser dada de duas formas:

1) abrindo a porta ao investimento e ao comércio em territórios não colonizados até então:

2) exercendo pressão sobre os impérios coloniais com o objetivo de obter igualdade de direitos comerciais e financeiros para os negócios dos Estados Unidos. O empréstimo destes ao Império Britânico a fim de salvar sua economia impunha a condição de que se extinguísse o protecionismo contra estrangeiros. Este aspecto da "política da porta aberta" foi sintetizado pelo presidente Eisenhower: "Um dos sérios e explícitos propósitos de nossa política externa é a promoção de um clima hospitaleiro para investimentos, nas nações estrangeiras".^{^ ^} Os conselhos a serem seguidos juntamente pelos recobedidos do ajuda da AID é a de abrir o mercado às importações.

"Antes da guerra, os Estados Unidos respondiam por 6% das importações da Índia e do Paquistão, que na época formavam um só país. Agora 30 ou 40% das importações desses países procedem dos Estados Unidos. Outro exemplo é o da Turquia, que comprava 11% de suas mercadorias estrangeiras dos Estados Unidos antes da guerra. Agora, a Índia compra 27%. A Nigéria, antes da guerra, estava quase fora da área de interesse dos Estados Unidos; hoje só os Estados Unidos participam de 16% dos negócios nigerianos."

Em 1968 a África representava 10% de cada US\$ 20 do comércio exterior, e essa proporção vinha crescendo

anualmente 10%, o dobro da taxa de crescimento do comércio norte-americano com o resto do mundo em desenvolvimento. Estas estatísticas dão um idéia da transformação operada na costumeira dependência daqueles países em relação aos fornecedores da Europa. "As exportações comerciais dos Estados Unidos para países africanos aos quais presta ajuda aumentaram mais de 55% nos últimos tempos" . '29>

Eventualmente há pressão para que os recebedores de auxílio firmem tratados de garantia de investimentos. Eles consistem em convenções proibitivas ou seguros contra nacionalização e conversões da renda em dólares para as corporações e cidadãos que investem no exterior.

A análise das estatísticas do auxílio governamental pode ser em alguns casos um retrato do desenvolvimento político. Os empréstimos da AID para o Brasil foi de 81,8 milhões de dólares em 1962; 38,7 em 1963; 15,1 em 1964; 122,1 em 1965 e 129,3 em 1966. Levando-se em conta que o ano fiscal termina em 30 de junho, nota-se o espetacular aumento na ajuda após o golpe de 1964, o que induz ao pensamento de que a assistência atende ao desejo de manter no poder certos governos favoráveis.

Na execução da **sua política externa os Estados Unidos** contam com a colaboração de organismos **como o Fi-ll.** o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), ou Banco Mundial. O FMI é uma das maiores fontes de empréstimos a países com déficits, enquanto que o BIRD o é de fundos a longo prazo.

Ao solicitarem o auxílio do tais entidades os países o fazem no pensamento do inexorável; lit' out ru solução que não a de seguir as instruções e ditames dos fornecedores. f^ara os Estados Unidos, que. com oui. IMG (jotêicius capitalistas têm posição de domínio, sua participação nas mesmas atende a razões práticas, pois a imposição da sua vontade não parece tão negativa por estar diluída em um organismo internacional. Muitas vezes é mais fácil promover mudanças na política interna dos outros países por intermédio de uma entidade mundial do que por acordos bilaterais.

A disciplina suprema exigida pela potências capitalistas aos países dependentes é a docor-rente de auxílios vindos do FMI.

"O país c]ur' pcd'' oinpr''''; t.ido |-;mt {'-·m- próstimo a p' a'.o curto, |)af' a o::tabi l i z^ir' a moeda) os tá, o mais das voz <' r., em posição crítica. E o FMI, . como qualquci' outro bom banco, aproveita o período de cip'M'to p-UM in';istii' ''in ipic o p.iír. ílofici tário trabalho no non I. ido d'' se torn-ii' mais confiável, como (-ind i da í o a etttijrof;- tino, alem, n clai'0, 'i ° ron'- .vfvar .r; tradicion.ii s r-' laçõ'' r. 'I*' nenório; ,. , incluindo, naturalmento o contínua dependência econômica e finanrei 1' ri das nações mais fracas quanto às mais fortes . *

Pela sua estrutui-a processos administrativos, a atuação do FMI serve para reforçar as relações de poder entre os países, consolidadas hi stórvicamente pelo próprio imperialismo.

A exemplo das casas bancárias, o FMI impõe rígidas condições previamente à prestação de auxílio, como

extinguir controles sobre importações e exportações, liberdade bancária, desvalorização da moeda em relação ao dólar, instituir fortes controles fiscais e monetários, redução de gastos públicos, fim dos subsídios aos produtos de primeira necessidade, arrocho salarial, abertura do setor público ao capital estrangeiro, equilíbrio orçamentário.

"Cortes nos gastos públicos comprometem o crescimento da economia; o fim do subsídio aos produtos alimentares aumenta o custo de vida, restringindo o consumo, isto aliado ao arrocho. Grande parte das economias que seriam consumidas internamente se destinam à exportação, fato que se completa com a desvalorização das moedas desses países, a fim de que os produtos se tornem competitivos no exterior. A abertura do setor público ao capital estrangeiro desnacionaliza mais a economia e dificulta a formação de uma política de desenvolvimento com bases soberanas." ^ ^

O equilíbrio orçamentário se obtém reduzindo as despesas públicas e aumentando impostos.

"Ouais e de quem serão os impostos aumentados em países dominados por uma pequena elite privilegiada? Ao reduzir despesas, o mais fácil é cortar as de assistência social. Um dos argumentos mais usados pelos funcionários do FMI e da AID norte-americana refere-se às corporações governamentais dos países subdesenvolvidos (tais como as de transportes públicos e de energia elétrica). Uma das principais exigências feitas pelo FMI, em troca de assistência para esta-

bilização da moeda é a eliminação de tais déficits, mas, frequentemente, esses déficits são um rubi; ídio governamental para fornecer energia elétrica e transporte, por exemplo, a taxas ao alcance dos grupos de renda baixa. A eliminação dos déficits seria acompanhada da elevação dos preços a nível lucrativo. Quanto aos controles de salários e preços, nem é preciso comentar sobre a maneira pela qual funcionam habitualmente as nações capitalistas.

O auxílio externo é propulsor do endividamento.

A dependência econômica dos países desenvolvidos, como fornecedores de alimentos e matérias-primas às potências capitalistas, tem como consequência também a dependência financeira, esta por sua vez agrava a primeira.

"O processo, aliás, tem sido o seguinte: as linhas de flutuação da demanda, portanto, o preço dos produtos primários exportados pelos países desenvolvidos, criam déficits, frequentemente, são financiados por empréstimos. O país credor, o serviço (de dívida) - inexistente de juros e amortizações - exige que uma parte das futuras exportações seja destinada a este fim, em lugar de ser empregada na importação normal. Há então que recorrer a empréstimos adicionais para a aquisição de produtos necessários. Esse ciclo de dependência econômico-financeira, paradoxalmente, torna-se pronunciado à medida que o país tenta avançar no caminho capitalista. Pois nesse caso o país importa bens de capital das

próprias nações e são suas credoras e endivida-se progressivamente: os bens de capital são comprados a crédito e devem ser pagos na moeda do país fornecedor".'”)

A dívida externa dos países desenvolvidos em 1956 era de 14,2 bilhões de dólares; a dos subdesenvolvidos era de 9,7 bilhões. Em 1967 a dos primeiros era de 16,6 bilhões e a dos subdesenvolvidos era de 41,5 bilhões. Em uma década a dívida destes havia quadruplicado. Isto significou também um aumento nos serviços das dívidas: em 1956 os subdesenvolvidos precisaram pagar perto de 3% de suas exportações; em 1967 precisaram pagar mais de 10% delas, segundo estimativas. Em 1981 a taxa de juros internacionais era de 21,5%. Entre 1966 e 1972 a média era de 6,4%. Entre 1975 e 1982 os países devedores pagaram pelo serviço da dívida (juros e amortizações) US\$ 564 bilhões, soma superior a toda dívida externa no início dos anos 80. De 1975 a 1985 pagaram US\$ 900 bilhões.

Uma grande parte da ajuda recebida é empregada para pagar dívidas já existentes, e não no desenvolvimento. Em 1966, 44% dos empréstimos cedidos serviram para o pagamento de dívidas anteriores.

O contínuo crescimento das dívidas pode ser entendido através do seguinte processo aritmético:

“Se um país recorrer a empréstimo, digamos, de US\$ 1.000 por ano, todo ano, depois de pouco tempo os serviços dessa dívida serão maiores que a entrada de dinheiro anual. Vejamos, pois, um empréstimo típico; US\$ 1.000 são emprestados a um país a juros de 5%, devendo o pagamento ser feito em parcelas iguais, em 20 anos. Imaginemos que um empréstimo

igual a *esse* seja foi to todo ano. Como demonstra a tabela, no ciuinto anc do tal ajud'a, quar.e mctacJe do dinheiro quo entra deve ser empregado no nerviço da, dívida diitoriol'. No décimo ano, <iu.f.'('JU% do novo empréstimo será necessário para o serviço da dívida. No décimo quinto ano, o fluxo de capital que cai. é superior ao que entra. No vigésimo ano o país que pediu emprestado está pagando mais do US\$ 1,50 no serviço da dívida passada, por US\$ 1,00 que toma empres tado . " ^ ^

§ ÊXÍ£2 ÉÂYÍÊÊ !:§1 1^922 £2££!D

todo o ano: empréstimo pago em 20 anos com juros de 5%_ ^

Ano	Entrada de capital: quantia emprestada	Salda do capital. r,oi'viços da dívida acumulada		
		Juro' j	Amorl, i /.açf.Kjr:	Tot.n
5%	\$ 1.000	S 2P5	i 250	\$ 47 5
10%	\$ 1.000	§ TiB	t. 500	\$ H88
15%	\$ 1.000	\$ 458	\$ 750	\$ 1.238
20%	\$ 1.000	\$ 5?5	\$ 1.000	% 1 . 5?'

No p<.)'.'.guoi't'a o: ; '-.iT'/i rii-r. d>' f'';>ag<inii 'ii ini d'' d i v i
das dos países subdesenvolvidos tem ci'esc-ido muito mais rapidamente quo as exportacô'V'. t^n tro 1 950 o 19f' >5 a taxa do crescimento destas foi de 4,5% ao ano, por oposição aos 8,51% dos desenvolvidos. Mas no3 não exportadores de petró-
?eo foi de 3,6 ao ano.

No referente à América Latitiii o desomp(;nho negativo das exportações na década de 60 so deveu à diminuição da demanda internacional de produtos primár-ios pelo aparecimento de fontes de fornecimento alternativas, como a África,

ceiro se acha tão enraizado que os países condicionados a determinada estrutura de produção não podem facilmente modificá-la.

Principalmente dois grandes obstáculos impedem a expansão das exportações dos países subdesenvolvidos: a influência do investimento externo e as restrições impostas pelas barreiras tarifárias desse país. A expectativa do aumento das exportações de manufaturados, cujo mercado internacional é fervilhante, se vê frustrada porque os setores manufatureiros melhores e mais lucrativos são monopolizados por empresas estrangeiras.

Quarto à prática tarifária dos Estados Unidos, ela consiste em admitir, livres de direitos alfandegários, quaisquer importações de matérias-primas não produzidas no país ou relativamente escassas. Entretanto, se estas sofrerem qualquer processamento, como o polimento de uma tábua ou o simples descascar de uma castanha, impõe-se a tarifa a fim de reduzir as importações. Estabelece um estudo do Comitê de Desenvolvimento Econômico de 1967.

"Mesmo tarifas moderadas em materiais que passam pelos primeiros estágios de um processamento produzem um efeito altamente eficaz na proteção da indústria de processamento do país. Isso decorre do fato de a tarifa ser arrecadada no valor total do produto processado, mas o valor adicionado na indústria de processamento é apenas uma pequena porcentagem do valor total. Por exemplo, suponhamos que o preço mundial de certo tipo de couro seja US\$ 100, e o custo das peles para fazer esse couro seja US\$ 70. O valor adicio-

nado' seria US\$ 30. Suponhamos agora que o importação d' pelers, para fazer c.r.r.o couro seja livre de tarifas, mas as de couro, sujeitas a 10%. O curtidor (...) estaria, então, em condições de cobrar US\$ 110 pelo couro. Mas os US\$ 10 de tarifa prov.egt:in não '■) cuDto da produção d3 peles, que podem ser importadas livres da, tarifa, mas o 'valor acrescentado' na curtadura das pcl':s, que chega a UG\$ 30. Assim, uma tarifa nominal de US\$ 10, no couro, dá uma proteção à Indústria curtidora equivalente a 33 1/2%, permitindo ao produtor do pai;j incorrer em custos correspondentes, na operação de processamento.

Gumpre acrescentar que tal i;ar-i fação ó um forma de protecionismo, o qual é consequência do fenômeno da nacionalização do capital financeiro, (luo peneirava n.ir. jiro-fundidades do Sst.ado, que assim se tornava representante dos interesses dos grandes monopólios. A pa3r.agom do una política de livre troca a uma de alto protecionismo é a caracte rí G ti c.: mais nítida :l('r.:'' pmmM.';;',í, já d' > ler i ,ido jx»' Bukharin no primeiro quartel do século, mas de granda atualidade.

"O protei.'rionismo superior de nos.sor-. dias não é mais qu^' a fóianula enlatai (Ja política econômica dos cartéis. (...)) Posto que está claro que r.<. no mercado interior a competição se suprime ou se reduz ao mínimo, os 'produtores' podem aumentar os preços ate o limit:'' outorgado pelos direitos de aduana. Pois bem, esse ganho suplementar oferece a possibilidade de vender as mercadorias no mercado oterior a preços .inferiores ao preço de custo, 'a vil preço'. ASSÍM se organiza a poli-

tica de exportação específica dos c-nn,'-)-. ('dumping'). Assim se explica esse fato, em princípio estranho, de que os direitos de aduanas modernos 'protegem' a indústria de exportação."

"Os ganhos que os monopólios obtêm desse protecionismo, e que lhes permite financiar sua política de 'dumping' em sua luta pelas saídas no inc.-rnado, *estéio nec'*-'-sariamente limitadas pela capacidad'j **■!<■**; absorção do mercado i nterne'.cional. Certamente, se poderia imaginar uma ,alta das massas trabalhadoras que permitiria uma subida da demanda interior. Entretanto, para Bukharin e Lênin, uma hipótese semelhante é absurda, já que contradiz os princípios mesmos do sistema capitalista. Assim, os monopólios não podem fazer outra coisa senão estender as fronteiras nacionais para aumentar dessa forma seu mercado protegido por barreiras aduaneiras, e c.ssim seus 'sobre lucros' " . (37)

4.1.4- A economia da política externst de império americano

É fundamental ao desenvolvimento do imperialismo a disputa econômica entre os monopólios das grandes potências. Essa disputa., presente ou potencial, provoca a necessidade de se controlar as fontes de matérias-primas e os mercados estrangeiros.

"Em tudo a finança atua como um parceiro necessário e útil. De um lado, o esforço pelo controle através das indústrias é estimulado e apoiado pela expansão internacional a pela força das instituições

financeiras. De outro, a expansão internacional das finanças, encontra apoio e oportunidade na atividade internacional dos negócios ^

O requisito essencial desse crescimento é um ambiente político-militar favorável, pois as alianças nesse sentido se destinam à manutenção do controle político-militar.

Nesta inter-relação (política, militar e econômica - industrial e financeira) os Estados Unidos atingiram após a II Guerra Mundial a insólita posição de domínio do mundo capitalista.

"A imensa prosperidade norte-americana no decorrer dos anos posteriores à II Guerra Mundial está enraizada nesse papel dominante, A manutenção do 'establishment' militar e suas atividades tem sido uma fonte importante, direta ou não, de negócios e lucros. A indústria e as finanças alastraram-se lucrativamente pelo mundo, sob a proteção dessa força patrulhada pelo globo. ' (9)

No início do fenômeno imperialista a necessidade de desenvolver e assegurar fontes de matérias-primas; levou ao formidável surto de exportação de divisas. Após a II Guerra Mundial o investimento em empresas no estrangeiro deu uma nova dimensão à internacionalização do capital.

A participação da Grã-Bretanha no comércio mundial de manufaturados declinou de 33% em 1899 para 12% em 1967. A dos Estados Unidos no mesmo período foi de 12 para 21%. Entretanto houve um declínio deste último, pois em 1950 os Estados Unidos tinham 27% da participação. Contudo

esses números isolados são ilusórios, pois a partir da I Guerra Mundial, e com mais intensidade após a Segunda, a parte mais importante da competição pelos mercados foi assumida pela construção de fábricas e compra de negócios no exterior. Essa nova situação se deve aos investimentos no estrangeiro pelos países exportadores de capital. Em 1914 o Reino Unido detinha 50% das exportações de capitais, em 1930, 44% e em 1960, 24,5%. Nos mesmos anos os Estados Unidos detinham 6,3 e 3,5 e 59%.

Apesar de serem considerados nação devedora *mesmo* após a I Guerra Mundial, os Estados Unidos já haviam investido em tal campo, tendo dado início ao seu percurso imperialista. No período entre as duas guerras deu-se a alteração na posição deste país, que passou a nação credora e paulatinamente a maior exportador de capitais.

"Devido à imensa expansão do investimento das indústrias manufatureiras no exterior, os Estados Unidos encontravam-se sob condições de competir diretamente nos mercados estrangeiros. Em virtude disso, a partir de 1914 por exportações. Especialmente digno de nota que, por volta de 1965, as vendas das filiais no exterior são maiores que as exportações das fábricas instaladas nos Estados Unidos. Mais que isso; no caso das filiais do exterior, o acréscimo tem superado as exportações. Para o conjunto das indústrias, a venda das fábricas ao exterior elevou-se a 140%, enquanto as exportações dos Estados Unidos subiram 55%." (40)

Um exemplo do contraste entre vendas de filiais no exterior e exportação dos Estados Unidos é o seguinte: a venda de equipamentos de transporte pelas filiais no exterior foi de 4,228 bilhões de dólares em 1957 e 10,760 bi-

Ihões de dólares em 1964. Nos mesmos anos as exportações daqueles produtos foram de 1,784 e 3,196 bilhões.

As vendas das indústrias americanas no exterior favorecem a penetração dos mercados de duas maneiras: pela aquisição de parte do mercado do país onde estão instaladas e pela entrada nos canais de comércio externo dos países desenvolvidos.

Desde a II Guerra Mundial, sob as condições favoráveis decorrentes do plano Marshall e da NATO, o principal desígnio tem sido o fluxo de capitais para a Europa, numa tendência geral da exportação já conhecida. Isto faz com que, por exemplo, as empresas dos Estados Unidos controlem mais da metade da indústria automobilística da Grã-Bretanha, 40% do petróleo da Alemanha e, na França, mais de 40% dos negócios de equipamento telegráfico, telefônico e estatístico, segundo dados de 1963-1964.

Os investimentos entre as grandes corporações americanas e europeias levam de capitais endereçados à Europa podem ser percebidos pelo seguinte: nos três maiores mercados europeus (Alemanha Ocidental, Grã-Bretanha e França) as grandes corporações americanas são responsáveis por 40% dos investimentos diretos norte-americanos: Esso, General Motors e Ford. Em toda a Europa Ocidental; vinte firmas norte-americanas respondiam por 2/3 dos investimentos desse país. Em 1961, 460 das maiores companhias dos Estados Unidos tinham filiais ou subsidiárias na Europa. Em 1965 o número subiu a 700, das mil maiores firmas, Isto evidencia que a internacionalização do capital entre firmas enormes é muitíssimo superior modernamente do que na época de Lenin.

Ha quem questione a afirmação de que o imperialismo econômico desempenha um papel importante na política externa dos Estados Unidos, dado que o total de suas exportações é inferior a 5% do PNB, e os investimentos no exterior menores do que 10% do capital interno investido. Primeiramente deve-se estabelecer que o mero volume de taxas não é por si só suficiente para explicar os motivos da política externa de um país. Guerreava-se por causa da China quando seus mercados eram 1% do total mundial. Cifras globais requerem um exame analítico: a determinação das zonas estratégicas e as conseqüências políticas dos negócios.

"Acima de tudo, é importante ponderar que estão em jogo, no exterior, para os Estados Unidos, negócios muito maiores que o volume de mercadorias exportadas. E a razão disso é que o volume de capital acumulado no exterior é controlado pelos negócios dos Estados Unidos vem crescendo em taxa superior à das exportações. A única vantagem do capital é a capacidade de auto-reprodução. (...) O fluxo anual de capital envolvido no exterior é aditivo: os incrementos do capital aumentam a base produtiva. Mais importante ainda: as firmas dos Estados Unidos no exterior têm capacidade para mobilizar capital estrangeiro para suas empresas. O resultado líquido do fluxo de capital para o estrangeiro realizado pelas firmas norte-americanas, enquanto a produção no estrangeiro a partir de investimentos dos Estados Unidos era, em 1950, 4 1/2 vezes maior que as exportações, em 1964 essa proporção aumentou para 5 1/2 vezes a exportação." (43)

A expansão dos mercados internos e externos norte-americanos sempre foi associada ao emprego efetivo ou ameaçado da força militar.

"Embora a atividade militar seja hoje, resumidamente, utborü inada à r.occ5s i dado de segurança nccional. persiste a 'unidade' dfr, i nt0i 'f'r.r<'". de ni'ni">r i or. rc m'v; fl, i r, r' - gurança nacional. A extensão do mundo 'livre' e o grau da sua 'segurança' é que definem as fronteiras geográficas onde o capital é relativamente livre para investir e comerciar. As bases militares de longo alcance e o concomitante complexo de despesas internas e externas servem a muitos propósitos do interesse especial para a comunidade de negócios: 1) proteção das fontes de matéria-prima presentes e em potencial; P) caivoguarda do investimentos e mercados estrangeiros; 3) conservação das rotas comerciais aéreas e marítimas; 4) preservação das esferas de influência em que os negócios dos Blstados Unidos possuem foT'ça competit.iva para investimentos e comércio: 5) criação de novas clientelas e investimentos no estrangeiro, via auxílio oconôtnico o militar; e, de modo mais geral, tnanutenção da estrutura dos mercadDs mundiais capi La l istas." (44)

0 controle econômico, c corr."qlicn tenu'ii t' · poli tiro, quando ó o car.o de fontes do ir.i I órla-i'i 'i m» l mc. 11 i no exterior, é fundamental para as indústrias int;r-'i' nas de grande produção monopolista. Fm indústria-, romo a aço. pct rô- leo e alumínio, a capacidade de ccntrole daquelas fontes é absolutamente necessária para controlar os ùiorcados dos produtos acabados.

"Neste nível de monopólio, o envolvimento dos interesses de negócios com a política exterior dos ICstados Unidos torna-se cada vez mais estreito. A certeza de controlar matérias-primas na maioria das regiões envolve não apenas mais um assunto de negó-

cios, mas coloca-se em prioridade na agenda da manutenção do poder industrial e político. Os que usam deste poder, se quiserem manter-KG na r. oln. dovoin ('nfor-ç. tr'-.' em todos os sentidos para assegurar a disponibilidade permanente, e nas melhores condições, das fontes de fornecimentos: esses fornecimentos do estrangeiro não são simplesmente um manancial de grandes lucros, mas apólice de seguro da posição monopolista doméstica. " ^

Disse a respeito Eisenhower, em discurso pronunciado em janeiro de 1953;

"Nós sabemos (...) que estamos ligados a todos os povos livres não só por uma idéia nobre, mas uma necessidade muito simples. Nenhum povo livre pode, durante muito tempo, apegar-se a qualquer privilégio ou gozar de segurança em solidão econômica. Apesar de todo nosso poderio material, aló nós precisamos de mercados para os excedentes de nossas fazendas e fábricas. Precisamos igualmente, para essas mesmas fazendas e fabricas, de materiais vitais e produtos de terras distantes. Essa lei básica de interdependência, tão manifesta no comércio da paz, aplica-se com intensidade multiplicadas vezes na eventualidade de uma guerra. " ^

Como é óbvio, os interesses econômicos fundem-se perfeitamente com os objetivos políticos e de segurança. Quanto a esta última a atuação do governo não visa a garanti-la somente para a nação, mas compreensivamente para os negócios no estrangeiro, imbricados que estão os interesses monopolistas e estatais.

Os meios utilizados são de variada ordem, como manobras diplomáticas, manutenção de bases militares em várias

partes do mundo, apoio a governos úteis a seus propósitos e, entre vários outros, um muito importante programa do auxílio externo. Sobre este referiu-se Eugene R. Black, presidente do Banco Mundial, em 1965:

"Nossos programas de auxílio externo constituem um benefício indubitável para os negócios norte-americanos. Os três benefícios maiores são: 1) o auxílio externo proporciona um mercado imediato e substancial para os produtos e serviços dos Estados Unidos- 2) o auxílio externo estimula o desenvolvimento de novos mercados estrangeiros para as companhias dos Estados Unidos; 3) o auxílio externo orienta as economias num sentido de livre iniciativa, no qual as firmas norte-americanas podem prosperar." (47)

"A integração de países capitalistas menos desenvolvidos no mercado mundial, como seguro e melhor fornecedor de seus recursos naturais, resulta, com raras exceções, numa dependência contínua quanto aos centros do comércio do mundo! A dependência que se estabelece é derivada pela estrutura de mercado que deriva da mesma dependência. A integração nos mercados capitalistas mundiais tem efeitos quase uniformes nos países fornecedores: 1) jamais chegam a entrar ou abandonar caminhos que requerem independência e autoconfiança; 2) perdem a auto-suficiência econômica e tornam-se dependentes das exportações, para sua viabilidade econômica; 3) sua estrutura industrial adapta-se às necessidades de fornecimento de artigos exportáveis especializados, a preços aceitáveis ao comprador, reduzindo assim a flexibilidade dos recursos produtivos, ne-

cessaria para uma produtividade economica
diversificada e progressista," (48)

Na América Latina 90% das exportações dos países
coüsislein ein pi'odutos agrícolas e iiiiiiordis.

"A extrema dependência das exportações e um
número extremamente restrito de produtos de
exportação mantêm essas economias desequi-
libradas em suas relações econômicas inter-
nacionais e criam a necessidade constante
de recorrer a empréstimos. A dívida engen-
dra progressivamente a dívida, porque os
serviços das dívidas anteriores se acrescen-
tam às dificuldades do balanço de pagamen-
tos, E, em todas essas relações de empres-
tar e tomar emprestado, os canais das fi-
nanças internacionais permanecem nas mãos
dos investidores estrangeiros e de seus as-
sociados de negócios e agências gover-
namentais, " (49)

Um elemento das regras de mercado que concorre pa-
ra que os países dependentes continuem como fornecedores
fixos de matérias-primas é o encargo financeiro imposto a
eles, pela extração de recursos naturais e de lucros de
grande monta. Entre os anos de 1950 a 1965 os Estados Uni-
dos retiraram quase o triplo do dinheiro que foi investido.

"A expansão econômica exterior das firmas
industriais dos Estados Unidos, n~ ^põ-
guerra, resultou na transformação de niu i.
gigantes dos negócios norte-americanos em
nova forma de organizações multinacionais.
A firma típica de negócios internacionais
já não está limitada aos gigantes do pe-
tróleo. Poderia muito bem ser a General
Motors ou a General Electric - com 15 a
20% de suas atividades entrelaçadas em
negócios estrangeiros e esforçando-se pa-
ra aumentar seu quinhão. O objetivo de-

clarado dessas firmas internacionais é obter o mais baixo preço de produção por unidade, em âmbito mundial. É também, se bem que não necessariamente declarado de modo claro, estar na crista da onda de fusões do Mercado Comum Europeu e controlar uma parte tão grande do mercado mundial quanto a que controlam em relação ao mercado dos Estados Unidos

Desta maneira a busca de lucros encontra uma perfeita sintonia na política dos Estados Unidos de aceleração do comércio internacional, com o intuito de fortificar o mundo livre - livre para iniciativa privada, especialmente a norte-americana - no confronto da Guerra Fria com o comunismo. Remata então Harry Magdoff: "Assim como a luta contra o comunismo ajuda a busca de lucros, do mesmo modo a busca de lucros ajuda a lutar contra o comunismo. *Quo* harmonia de interesses mais perfeita se poderia imaginar?"

NOTAS

- (1) MAGDOFF, Harry. A. A Era do Imperialismo, p. 5-6
- (2) MAGDOFF, idem, p. 20
- (3) MAGDOFF, idem, p. 19
- (4) MAGDOFF, idem, p. 54-5'
- (5) MAGDOFF, idem, p. 55
- (6) MAGDOFF, idem, p. 58
- (7) MAGDOFF, idem, ibidem
- (8) MAGDOFF, idem, p. 59
- (9) MAGDOFF, idem, p. 43
- (10) MAGDOFF, idem, p. 69
- (11) MAGDOFF, idem, p. 70
- (12) No início dos anos 80 os Estados Unidos tinham no estrangeiro 1264 instituições bancárias, 755 delas nos países subdesenvolvidos. No Brasil o capital estrangeiro detém 57% do capital bancário privado, em grande parte através dos grandes bancos americanos como Bank of America, Civ:ybank, Chase Manhattan.
- (13) MAGDOFF, idem, p- 71 -2
- (14) MAGDOFF, idem, p. 86
- (15) MAGDOFF, idem. p- 95-6
- (16) MAGDOFF, idem. p. 116
- (17) MAGDOFF, idem, p- 117
- (18) MAGDOFF, idem. p. 122
- (19) MAGDOFF, idem. p. 1 23
- (20) MAGDOFF, idem. p. 1 27

- (21) MAGDOFF, idem. p. 1 30
- (22) MAGDOFF, idem. p- 131
- (23) MAGDOFF, idem, ibidem
- (24) MAGDOFF, idem. p. 1 3-2
- (25) MAGDOFF, idem. p. 132
- (26) MAGDOFF, idem. p. 133
- (27) MAGDOFF, idem. p. 138
- (2 8) MAGDOFF, idem. p- 148
- (29) MAGDOFF, idem. p. 149
- (30) MAGDOFF, idem, p. 162
- (31) COSTA, Op >. cit . ^J p . 63
- (32) MAGDOFF, op. cit. p. 165-6
- (33) MAGDOFF, idem, p- 168-9
- (34) MAGDOFF, idem. p* 173
- (35) MAGDOFF, idem. p. 186
- (3 6) BRAILLARD · & SENARCLENS, op. cit. p. 33
- (3 7) BRAILLARD > & SENARCLENS. idem, ibidem
- (3 8) MAGDOFF. op. cit. p. 189
- (3 9) MAGDOFF, idem, p- 1 89
- (40) MAGDOFF. idem. p_v 62
- (41) MAGDOFF. idem. p- 63
- (4 2) MAGDOFF, idem. p. 67-8
- (43) MAGDOFF, idem, p. 197
- (44) MAGDOFF, idem. p- 206
- (45) MAGDOFF, idem. p. 217
- (46) MAGDOFF, idem, p- 218
- (47) MAGDOFF, idem. p. 195
- (48) MAGDOFF, idem, p- 219
- (49) MAGDOFF, idem. p. 220
- <50) MAGDOFF, idem. p- 223

CONCLUSÃO_f

Tendo em vista o levantamento de problemas e a formulação de hipóteses referidos na Introdução, quanto à comprovação destas pretende-se haver fornecido suficientes elementos de convicção. Neste momento se oferece uma síntese dos argumentos que se julga embasarem a demonstração das mencionadas hipóteses.

1) A teoria marxista-leninista do imperialismo é válida para a análise e explicação do fenómeno desencadeado pelo capitalismo ao atingir o seu estágio monopolista'. Dado o tratamento essencialmente descritivo desta teoria nos capítulos iniciais do presente trabalho, não se pretendeu colocá-la em posição superior a qualquer outro modelo explicativo do imperialismo, marxista ou não marxista, e, do ponto de vista estritamente científico, sua escolha atendeu a critérios meramente metodológicos. Não houve portanto preocupação de refutar ou sequer rebater outros modelos como os de Hobson, Hilferding e Rosa Luxemburgo, igualmente válidos, em princípio, para a análise do imperialismo e indiscutivelmente importantes.

Entretanto é inegável e inocultável a constatação de que a teoria leninista do imperialismo é portadora de atributos que a destacam das demais teorias e corroboram a sua validade. Primeiro, trata-se de uma obra clássica. Segundo, porque é a mais conhecida. Terceiro, porque é a única - e aqui é inevitável o recurso à opinião de inú-

meros autores marxistas - a conceber o imperialismo em sua organicidade e como totalidade concreta.

2) O imperialismo se caracteriza por cinco traços fundamentais apontados por Lenin: 1) a concentração da produção, que origina os monopólios; 2) o aparecimento do capital financeiro; 3) a exportação de capitais; 4) a partilha do mundo entre os monopólios; 5) a divisão do mundo entre as grandes potências. O imperialismo apresenta ainda outras características, como as de ser uma forma parasitária, em decomposição, e uma fase particular do capitalismo.

3) Posteriormente ao surgimento da obra de Lênin, principalmente após a II Guerra Mundial, ocorreram grandes mudanças na economia mundial que, não obstante, não afetam a teoria leninista de modo sensível, uma vez que esta se mantém válida em sua essência pela subsistência das causas estruturais do imperialismo. A manifestação mais importante na determinação das atividades econômicas contemporâneas é a revolução técnico-científica, cujos reflexos nas grandes firmas proporciona nova dinâmica ao imperialismo.

De maneira geral pode-se dizer que as considerações gerais de Lênin acerca do imperialismo têm plena vigência, salvo o grau imensamente maior de suas manifestações nos dias de hoje, cujas proporções são gigantescas. Hoje eles são complexos transnacionais, cujas vendas são maiores que o Produto Nacional Bruto de muitos países do Terceiro Mundo. A forma mais atual das associações monopolistas são os consórcios, que não agregam só empresas, como antigamente, mas grandes sociedades. Ocorre um alargamento descomunal da rede financeira. Há bancos cujo capital ativo supera a centena de bilhões de dólares. Necessidades

emergentes da revolução técnico-científica, como a busca de mercados novos, modificam a destinação da exportação de capitais, cuja maior parte é remetida para os países desenvolvidos. A partilha territorial do mundo perdeu a forma original devido aos movimentos nacionais de libertação, mas não desapareceu; foi substituída por outras formas, como o neocolonialismo. O parasitismo atual encontra sua maior manifestação na indústria bélica, que dá origem ao complexo militar-industrial e à corrida armamentista.

4) O exercício preditivo realizado por Lenin ao apontar as tendências gerais da evolução do imperialismo encontrou a comprovação dos fatos. Inobstante, não foi objeto de previsão por sua parte - nem deve sê-lo para a ciência - uma série de fenômenos posteriores resultantes de decorrência ou desdobramentos de tais tendências. Apesar da diversidade de tais fenômenos a apreciação dos mesmos não tem outro efeito além do de confirmar as teses leninistas.

5) Uma das manifestações posteriores à obra de Lenin, de emergência seguinte ao término da I Guerra Mundial foi a do capitalismo monopolista de Estado. Ele já havia sido detectado na obra em questão, ainda que seu tratamento mais direto só tenha se feito em ulteriores trabalhos do autor.

6) Outro fenômeno desencadeado após Lenin foi a dependência. A sua detecção e definição se deveu a estudos realizados em fins da década de 50 por vários autores de inspiração fundamentalmente marxista-leninista, que são responsáveis pela formação das teorias do neo-imperialismo. Tais autores, designados também como neomarxistas,

contestam a realidade da descolonização, afirmando a sua manutenção sob novas formas e procedimentos .

As teorias do neo-imperialismo operam uma atualização e adaptação das teses leninistas às novas e compreensivelmente mutáveis relações econômicas internacionais. Ao divergirem quanto ao término da descolonização estão na realidade corroborando a teoria de Lenin, na medida que sustentam a substituição daquela por outros expedientes, como o neocolonialismo.

7) As teorias do neo-imperialismo e da dependência agrupadas permitem a classificação dos vários temas específicos desenvolvidos pelos distintos autores como configuradores de causas do imperialismo contemporâneo, meios de que se utiliza e conseqüências do imperialismo contemporâneo.

8) Crises cíclicas acompanham o capitalismo há mais de um século. "Entretanto, no século XX sobrevieram crises que envolveram a própria estrutura desse sistema, que o levam a uma deterioração irreversível; são as crises gerais do capitalismo.

Constata-se até os dias de hoje a ocorrência de quatro etapas da crise geral. A primeira teve início com a Revolução Russa de 1917, e com "Ua o capitalismo deixou de ser o sistema único no mundo. A segunda inicia com a II Guerra Mundial e finaliza por volta de 1950, com a descolonização. A terceira começa em meados dos anos 50 e caracterizou-se por uma grande mudança qualitativa na dispu-

ta entre os sistemas capitalista e socialista, a formação do sistema internacional do socialismo, uma instabilidade econômica muito grande do capitalismo e a crise ideológico-burguesa. A quarta etapa inicia em 1974-1975 e é marca-

da por profundas mudanças na estrutura capitalista, pela sincronização das crises, estagflação e por um enfraquecimento da economia dos Estados Unidos'.

Houve ainda uma violenta crise nos anos 80-82.

9) O quarto grande fenômeno é a caracterização do imperialismo contemporâneo como portador de peculiaridades que o distinguem nitidamente do imperialismo da época de Lenin.

É preciso entretanto não se deixar seduzir pela qualificação que alguns autores atribuem ao caráter "novo" do imperialismo. A adjetivação é irrelevante. Pouco importa estabelecer se se trata do velho imperialismo *com* uma adequação à etapa atual ou de um novo imperialismo com velhos caracteres remodelados. O que é importante é frisar que se trata substantiva e substancialmente do autêntico e único imperialismo, com todos os seus traços e causas estruturais já conhecidos. Sucede porém que suas manifestações e seus meios são infinitamente maiores que no início do século, e isto é natural e intuitivo. A sua variação em relação ao proposto por Lênin diz respeito, em termos gerais, unicamente às suas proporções e a algumas poucas particularidades .

10) O imperialismo contemporâneo é o dos Grandes Negócios. Há uma enorme concentração do poder econômico em um pequeno grupo de empresas industriais e financeiras; interligadas; as transnacionais assumem dimensões gigantescas.

11) O fato de maior relevância no novo imperialismo é a assunção pelos Estados Unidos da liderança do sis-

temá imperialista mundial após a II Grande Guerra. Basicamente dois fatores foram determinantes do mesmo: um foi a transformação dos Estados Unidos em um país dependente de uma grande variedade de metais e materiais necessários para atender a demanda produzida pela revolução científica e técnica e pela vertiginosa industrialização monopolista. Disso resultou uma violenta necessidade de obter matérias-primas no estrangeiro, e a sua consecução assegurou-lhos uma posição hegemônica. O outro fator foi a subida à posição de maior exportador de capitais do mundo. Isto foi resultado de um processo que teve início nos primeiros anos deste século e consolidou-se definitivamente após a II Guerra Mundial, como consequência da situação privilegiada em que os Estados Unidos emergiram do conflito.

Da posição de líderes do imperialismo mundial decorrem muitas outras implicações, como a de ter-se tornado o dólar a moeda mundial, Nova Iorque passou a ser banqueira do mundo, deu-se a internacionalização dos bancos americanos, a ajuda externa concedida pelos Estados Unidos pela via direta ou por intermédio de organismos internacionais - aos países necessitados com fins de dominação, o alargamento e fortalecimento de sua esfera de influência.

12) Da metade dos anos 80 até o presente surge uma lacuna na literatura especializada sobre a questão imperialista. Nesse período o avanço vertiginoso da história contemporânea produziu fenômenos que, uma vez analisados, são capazes de ensejar alterações no que se vem escrevendo há muitos anos. Fatos como o engrandecimento do império econômico japonês, a projetada unificação da Europa Ocidental e a recente crise do socialismo no leste europeu causam perplexidade e sugerem a reflexão.

Nesse quadro, qualquer estudo sobre a economia política contemporânea corre o risco de nascer defasado; e o presente trabalho não foge à regra.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - AFANÁSSIEV. V. et alii. Curso Elementar do Comunismo Científico. Moscou. Ed. Progresso, 1982.
- 2 - ----- . Princípios do Socialismo Científico. Lisboa Prelo Ed., 1985.
- 3 - ALMANAQUE ABRIL 88. São Paulo. Ed. Abri], 1988.
- 4 - AMIN, Samir. A Crise do Imperialismo. Rio, Ed. Graal , 1977.
- 5 - ANDRADE, Manuel Correia de. Imperialismo e Fragmentação do Espaço, são Paulo, Ed. Contoxto/Ed. da USP, 1988.
- 6- BOBEIO, Norberto et alii. Dicionário de Política. 2-3 ed. Brasil ia, Ed. UnB, 1986.
- 7 - BRAILLARD, Philippe & SENARCLENS, Pierre de. El Imperia- lismo. 2'5 ed. [«léxico. Fondo Cultura Fir-onóiiiica , 1981 .
- 8 - BRUIT, Hector. O Imperialismo. 2' ' <' d. Canip i nj-j, Atua 1 Ed/ Ed. da UNICAMP, 1987.
- 9 - BRUM, Argemiro Jacob. O Braüil no Contexto da Crise Mundial. Ijuí, Fidene, 1982.
- 10 - CATANI, Afrânio Mendes. O que é Capitalismo. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.
----- . O que é Imperialismo. São PauTo, Ed. Bra- siliense, 1985.
- 12 - CHÂTELET, François et alii. História das Idéias Po- líticas. Rio, Jorge Zahar Ed., 1985.
- 13 " CONSELHOS PARA O ESTUDO DA ECONOMIA POLÍTICA. Moscou, Ed. Progresso, 1983.

- 14 - COSTA, Edmilson. **O que Todo o Cidadão Precisa Saber Sobre Imperialismo.** São Paulo, Global Ed., 1986
- 15 - DICTIONARY OF PHILOSOPHIE. ed. Moscou, Progress Publishers, 1984.
- 16 - DOLGOPOLOV, E. **As Guerras de Libertação Nacional na Etapa Atual.** Moscou, Ed. Progresso, 1986.
- 17 - GENRO, Tarso & GENRO FILHO, Adelmo. **Línin/Coração e Mente.** Porto Alegre, Tchi Comunicações, 1985.
- 18 - GENRO, Tarso et alii. **Quatro Ensaio Marxistas.** Porto Alegre, Tchê Ed., 1986.
- 19 - HARNECKER, Marta & URIBE, Gabriela. **Capitalismo e Socialismo.** Cadernos de Educação Popular nº 6. São Paulo, Global Ed., 1990.
- _____ . **Imperialismo e Dependência.** Cadernos de Educação Popular nº 5. São Paulo, Global Ed., 1990.
- 20 - ----- . **Monopólios e Miséria.** Cadernos de Educação Popular nº 3. São Paulo, Global Ed., 1980.
- 21 - HOXHA, Enver. **Imperialismo e a Revolução.** São Paulo, Ed. Anita Garibaldi, 1980.
- 22 - HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem.** 18 ed., Zahar Ed., 1982.
- 23 - HYAMS, Edward. **Dicionário das Revoluções Modernas.** Rio, Ed. Artenova, 1985.
- 24 - LÁKOVLEV, A. N. et alii. **Dicionário de Política Internacional.** Lisboa, Ed. Avante, 1988. , ■
- 25 - JOSTOV, V. & ZUBOK, L. I. **História Contemporânea.** 3ª ed. São Paulo, Ed. Novos Rumos, 1986.
- 26 - KIVA, A. **O Imperialismo e a Luta Pelo Progresso Social.** Moscou, Ed. progresso, 1985-
- 27 - KRIPPENDORFF, E. **História das Relações Internacionais.** Lisboa, Antídoto, 1989.

- 28 - LÊNIN, V. I. O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo. Lisboa, ed. Estampa, 1975.
- 29 - MAGDOFF, Harry. A Era do Imperialismo. São Paulo, Ed. Hucitec, 1978.
- 30 - MANDEL, Ernest. Introdução ao Marxismo. 43 ed. Porto Alegre, Ed. Movimento, 1982.
- 31 - ----- . Iniciação à Teoria Econômica Marxista. 43 ed. Lisboa, Antídoto, 1978.
- 32 - MOREIRA, Adriano. Ciência Política. Lisboa, Livraria Bertrand, 1979.
- 33 - PACHECO, Eliezer & BRÉSSAN, Suimar. Introdução a Teoria da Sociedade e do Estado. Ijuí, Livraria UNI-JUÍ, Ed., 1987.
- 35 - PACHECO, Eliezer. Introdução à Teoria do Estado. Ijuí, Livraria UNIJUÍ, Ed. 1986.
- 36 - PEQUENO DICIONÁRIO POLÍTICO. Moscou, Ed. Progresso, 1985.
- 37 - POKROVSKI, V. S. História das Ideologias. Vol. IV. 43 ed. Lisboa, Ed. Estampa. 1977.
- 38 - RIGOL, Pedro Negendre. Sociologia do Terceiro Mundo. Petrópolic, Ed. VoEor., 1977.
- 39 - ROXBOROUGH, Ian. Teorias do Subdesenvolvimento. Rio, Zahar Ed., 1981.
- 40 - RUDAKOVA, I. Sobre a Obra do v. I. Lenine " O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo". Moscou, Ed. Progresso, 1986.
- 41 ~ SABÍROV, Kh. Fundamentos dos Conhecimentos Sócio-Políticos. Moscou, Ed. Progresso. 1985.

- 42 - SCHILLING, Voltaire . **Imperialismo e I Guerra Mundial.**
Porto Alegre, Ed. Movimento, 1 984.
- 43 - SOARES, Oswaldo. **Pequeno Dicionário Burguês-Proletário.**
Rio, Ed. Civilização Brasileira, 1983.
- 44 - VESENTINI, José William. **Imperialismo e Geopolítica
Global.** Campinas, Papirus Ed., 1 987.